

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP

Kelly Ludkiewicz Alves

Entre as cartas e o rádio:
a alfabetização nas escolas radiofônicas do MEB em Pernambuco.

Doutorado em Educação
São Paulo
2016

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP

Kelly Ludkiewicz Alves

Entre as cartas e o rádio:
a alfabetização nas escolas radiofônicas do MEB em Pernambuco.

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutora em História da Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação: História, Política, Sociedade, sob a orientação do Prof. Dr. Kazumi Munakata.

Doutorado em Educação
São Paulo
2016

BANCA EXAMINADORA

Yo por bien tengo que cosas tan señaladas y por ventura nunca oídas ni vistas vengan a noticia de muchos y no se entierren en la sepultura del olvido, pues podría ser que alguno que las lea halle algo que le agrade y a los que no ahondaren tanto, los deleite.¹

El Lazarillo de Tormes

¹ Tenho por bem que coisas tão distintas e, por ventura, nunca ouvidas nem vistas, venham ao conhecimento de muitos e não se enterrem na sepultura do esquecimento, pois é capaz que alguém que as leia encontre algo que lhe agrade e os que não se aprofundem nelas, se deleitem. *Tradução livre.*

Agradeço a CAPES pelos primeiros seis meses de bolsa concedida no início do doutorado e à bolsa sanduíche do programa CAPES-PDSE, que me propiciou realizar um estágio de pesquisa na Espanha com o grupo Lectura, Escritura y Alfabetización (LEA) na Universidade de Alcalá; e ao CNPq pelo fomento durante os quase três anos e meio restantes, que me permitiram dedicação exclusiva a esta pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Desde o começo, um doutorado nos faz viver experiências que, se não estão relacionadas de forma direta ao trabalho, são parte de sua história. Ainda que os agradecimentos fiquem muito longos, quero registrar nessas linhas algo dessa história.

Pensando em como tudo começou, agradeço à querida Betinha, por fazer minha inscrição no processo seletivo do doutorado enquanto eu estava, literalmente, do outro lado do mundo. Sou grata por sua ajuda nesse momento e em tantos outros.

Agradeço ao amigo e orientador, professor Kazumi Munakata por sua generosidade e sabedoria. Por ter aceitado a empreitada da pesquisa, por todas as conversas que tivemos e pelos livros que me trouxe com tanto carinho.

Ao meu coorientador, professor Antonio Castillo Gómez – uma dessas surpresas boas que a vida nos traz – e à professora Verónica Sierra Blas, sou grata pelo acolhimento que me deram e por me ensinarem a ouvir a voz do povo por seus escritos.

À Circe Bittencourt por tudo que aprendi com ela desde o mestrado; como é bom ouvir a Circe! Agradeço pelas contribuições no exame de qualificação e por ter aceitado o convite apressado para a banca.

À Katya Zuquim Braghini, por participar da banca de defesa, mas, sobretudo, por sua amizade, boas conversas e por ter sempre acreditado em mim e no meu trabalho.

À professora Maria do Carmo Martins e ao professor Célio Juvenal Costa – que se tornou um grande amigo – por aceitarem o convite e por contribuírem para o aprimoramento e a continuidade desse trabalho.

Agradeço à professora Maria Helena Capelato pela participação no exame de qualificação e pela leitura cuidadosa que fez do texto naquela ocasião. Suas contribuições foram importantes para a redação final da tese.

Um agradecimento especial ao Professor Osmar Fávero pelo envio de algumas fontes e por me contar boas histórias sobre o MEB.

Ao professor Agustín Escolano pela calorosa recepção em nossa visita à Berlanga Del Duero, pelas fontes que procuramos juntos no CEINCE e pela caminhada que fizemos naquele fim de tarde.

À Simone Silva Fernandes pelo auxílio que me deu com o Fundo MEB no CEDIC e pelas figurinhas que trocamos sobre nossas pesquisas. Agradeço também ao Rodrigo de Campos Pinto, por ter atendido sempre prontamente aos meus pedidos de digitalização.

Agradeço às alunas e aos alunos da EJA com os quais pude conversar nos primeiros dois anos da pesquisa. Ouvir suas histórias e trajetórias de vida foi muito importante para descobrir que tipo de história eu gostaria de contar nesse trabalho.

Às companheiras e aos companheiros de Representação Discente, Maria Fernanda, Sirleine, Neusely, Kris, Elisangela, Aline, Júlia, Charles e Paulo pelo que fizemos juntos e pela amizade que construímos.

Um agradecimento às pessoas especiais que conheci nos meus dez meses em Espanha, professora Gabriela Ossenbach, Bea, Ana Cecilia Montiel Ontiveros, Luciana Santos, Jaime Del Rey Tapia e Alexandre Fiuza que contribuíram à sua forma para a construção dessas linhas.

Pela intensidade dos últimos dias, agradeço à amiga Leandra Elena Yunis, por me dizer que ia dar tudo certo, pelos oráculos, pelo carinho e dedicação na revisão final do texto. À amiga Simele Rodrigues pela amizade de toda vida, pela leitura da Introdução e pelas contribuições que me deu para que o trabalho ficasse mais preciso. À amiga das exatas, Renata Costa, pela ajuda dada com as questões aritméticas. À amiga Killa Spencer, por me receber em sua vida de coração aberto e por ter escrito o Abstract. Ao querido Pablo Levin por seu carinho e leitura da versão em espanhol do Resumo.

Às amigas Joana Borges de Faria e Tainã Pinheiro pela grande amizade, pelos bons momentos que compartilhamos juntas e por aceitarem dividir comigo dores e amores em terras estrangeiras.

Às amigas e amigos, companheiros de sempre, por seu amor e por me fazerem acreditar que a vida vale a pena por seus felizes encontros. À Paula, Mariana, Kelem, Luciana, Adriana, Rachel, Antonio, Suzie, Lívia, Georgina, Renata Parpolov, Euclides, Elder, Alexandre, Maria, Michel, Moisés, Marcelo Rosa, Dora, Tom, Elton, Alessandra e Caio pelo que vivemos e viveremos na luta por dias melhores. Sem esquecer as mulheres guerreiras do Ilú Obá De Min pela força e pelo axé.

Ao Flávio Américo Tonnetti, com quem dividi anos intensos, pelo amor que vivemos e por estar ao meu lado nos momentos tristes e nos felizes. Pelas conversas, leituras e contribuições para essa pesquisa. Pela vida que compartilhamos em meio a tantas coisas e em tantos lugares. Pelas belas paisagens e aventuras que vivemos mundo afora.

Ao meu pai, Francisco, a quem dedico, em memória, esse trabalho, por me ensinar a viver com prazer. À minha mãe, Clicéia, por sua dedicação, por estar sempre ao meu lado, por entender as muitas ausências e pela ajuda que me deu nos últimos dias de escrita do texto.

À vida por tornar tudo isso possível.

RESUMO:

Na presente pesquisa analisamos a história das escolas radiofônicas do Movimento de Educação de Base (MEB) no Estado de Pernambuco durante os anos de 1961 a 1966, através da participação dos monitores e dos alunos. Partimos da hipótese de que monitores e alunos construíram experiências capazes de transformar a escola radiofônica num espaço de aprendizagem, produção e circulação da cultura popular pela dinâmica própria de funcionamento dessas escolas e, através das suas cartas, ao deram visibilidade às suas próprias expectativas em relação à alfabetização e aos limites da sua realização. As fontes que utilizamos na pesquisa são principalmente cartas escritas por monitores e alunos enviadas às equipes locais do MEB em Pernambuco. Também usamos como fontes: textos de formação, roteiros da programação radiofônica, relatórios de treinamento pedagógico e de encontros de coordenadores. Partimos do referencial da história cultural para identificar os elementos que constituíram a experiência nas escolas radiofônicas e trabalhamos com seus parâmetros de análise da cultura escrita para apresentar as cartas como fruto de uma escrita necessária produzida pelos camponeses, nas quais expressaram sua cultura e sua memória. Em nossa análise, identificamos as experiências a partir das quais o MEB afirmou seu discurso pedagógico e conferiu sentido ao trabalho dos monitores nas escolas radiofônicas. A demanda por escolarização entre a população atendida e as estratégias mobilizadas para que as escolas radiofônicas pudessem funcionar possibilitaram o acesso dos alunos à alfabetização, à circulação da cultura popular pelo rádio e à formação de uma comunidade de escreventes em torno do intercâmbio epistolar.

Palavras-chave: alfabetização de adultos; cultura popular; educação radiofônica; escola radiofônica.

RESUMEN:

En la investigación se analiza la historia de las radioescuelas del Movimiento de Educación de Basis (MEB) en la provincia de Pernambuco, a lo largo de los años 1961-1966, lo que respeta a la participación de los maestros monitores y de los estudiantes. Nuestra hipótesis es que los maestros monitores y los alumnos han construido experiencias que transformaron a la escuela radiofónica en un espacio de aprendizaje, producción y circulación de la cultura popular, desde la dinámica misma del funcionamiento de estas escuelas y, al mismo tiempo, dieron visibilidad a sus expectativas en relación a la alfabetización, además de expresar los límites para su consecución. Las fuentes principales de la investigación son cartas escritas por maestros monitores y alumnos remitidas a los equipos de supervisión local del MEB en Pernambuco. También se utilizó como fuentes a los materiales de formación, los guiones de programación radiofónica, los informes de formación pedagógica y los de reunión de coordinadores. Partimos del marco de la historia cultural para identificar los elementos constitutivos de aquella experiencia y trabajamos con los parámetros analíticos de la cultura escrita con el fin de presentar las cartas como resultantes de una escritura necesaria producida por los campesinos, por intermedio de la cual ellos expresaron su cultura y su memoria. En nuestro análisis hemos identificado las experiencias con las cuales el MEB pudo afirmar su discurso pedagógico y cómo atribuyó sentido a la labor de implicados en las escuelas radiofónicas. La demanda por educación entre la población atendida y las estrategias para mantener abiertas aquellos espacios educativos habilitaron el acceso a la alfabetización, a la circulación de la cultura popular por medio de la radio y a la formación de una comunidad de escribientes en torno al intercambio epistolar.

Palabras clave: alfabetización de adultos; cultura popular; educación radiofónica; escuela radiofónica.

ABSTRACT:

In this research we analyze the history of radio schools from the Movement for Education of the Base (MEB) in the state of Pernambuco, from 1961 to 1966, stem from the participation of the monitors and the students. We part from the hypothesis that monitors and students built experiences able to transform radio school in a learning, production and culture circulation space, parting from the dynamics of these schools own functioning and, at the same time, make visual the expectations regarding literacy and manifest the limits to its realization. The sources used in this research are, mainly, letters written by the monitors and the students and that were sent to local teams of MEB in Pernambuco. We also used as sources: radio programming script, monitors' training reports, coordinators' meeting reports and training texts. We parted from the cultural history referential to identify the elements that made part of the monitors' and students' experience in radio school. We also worked with the history of written culture in order to present the letters as a result of a needed writing produced by the peasants, in which they expressed their culture and memory. In our analysis we identified the experiences from which MEB could affirm its pedagogical speech and how this gave sense to the monitors' work in radio school. The schooling demand between the population attended by MEB and the strategies mobilized by students and monitors so that radio school could work enabled students' access to alphabetization, culture circulation through radio and the training of a clerks community around the epistolary exchange.

Key words: adult literacy; popular culture; radio education; radio school.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	1
RESUMO.....	3
INTRODUÇÃO.....	7
CAPÍTULO 1	
CARTAS, HISTÓRIAS DE CADA UM E DE TODOS.....	26
<i>Cartas dos monitores e dos alunos: um modo de se comunicar pela escrita.....</i>	32
<i>“Escrevemos para dar notícias”: a formação de uma comunidade de escreventes.....</i>	36
CAPÍTULO 2	
CONSCIENTIZAÇÃO E TREINAMENTO DOS MONITORES.....	41
<i>Pressupostos para a ação pedagógica do MEB nas comunidades.....</i>	42
<i>As equipes locais e os sistemas do MEB em Pernambuco.....</i>	48
<i>O Treinamento dos monitores: ocasiões de encontro.....</i>	59
<i>Vamos à escola radiofônica contribuir para um Brasil mais desenvolvido?.....</i>	66
CAPÍTULO 3	
PROGRAMAÇÃO RADIOFÔNICA, ALFABETIZAÇÃO E CULTURA POPULAR.....	71
<i>As aulas e as transmissões radiofônicas.....</i>	74
<i>Programa do Monitor e Aulas para Alunos.....</i>	79
<i>Programação Especial: cultura popular nas ondas do rádio.....</i>	92
CAPÍTULO 4	
ESCOLAS RADIOFÔNICAS: MONITORES, ALUNOS E ALFABETIZAÇÃO.....	102
<i>Monitoras e monitores: quem queremos nas escolas radiofônicas?.....</i>	114
<i>Animação e entusiasmo em ensinar e em aprender.....</i>	123
<i>O fim de uma experiência de alfabetização.....</i>	132
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	143
BIBLIOGRAFIA.....	148
<i>Fontes.....</i>	152
ANEXOS	
<i>Cartas.....</i>	154
<i>Quadros.....</i>	156

INTRODUÇÃO

Nos idos da década 1960, a carta de uma monitora de escola radiofônica em Pernambuco, contava o seguinte:

“Sítio Araruna, 1º de maio de 1964.

Prezadas supervisoras Dinalva, dona Zélia, etc.

Hoje 1º de maio dia comemorado as classes operárias, (o trabalhador), que Deus ilumine os nossos trabalhos de monitores, concedendo-nos um bom êxito. Depois de muito pensar, resolvi fazer-lhes esta a fim de esclarecer-lhes o que desejo. Apesar de que ainda não me foi possível êste ano, atender aos nossos alunos as aulas do mês de abril, pois prezadas supervisoras é o seguinte: 1º Não consegui arranjar querosene, nem reunindo os alunos, pois os mesmos agora não têm dinheiro. 2º O mês de abril foi quase todo de chuvas pela a noitinha, mutivo êste, justo para a não vinda dos alunos, além das chuvas, passagem por forte riacho. Eu tinha dó deles e tenho lamento muito terem perdido um mês de aula, mas farei o possível para retransmitir as mesmas para eles, como os tenho falado. Parece incrível, que foi tudo dessa maneira. Apareceu uma gripe tão forte deixando as pessoas semanas de cama, eu fui uma das vítimas e que mais fiquei abatida, não aguentando dar aulas. Assim – em lugar de remeter a folha de frequência do referido mês, remeto-lhe esta, certa de que não irá agradar-lhes. Mas se Deus quiser logo irei reuni-los novamente ver se consigo o querosene e o dinheiro do material que trouxe pelo treinamento, pois tem que sêr tentativa sobre tentativa. Agora estamos melhores de saúde e as chuvas estão menas, vamos começar se Deus quiser... Gostaria que me arrajassem mais uma antena, pois a que mandaram emprestei para uma amiga pelas férias e ela ainda não devolveu-me e o rádio só funciona bem com uma boa antena. Como também tenho idéia de dividir as turmas para duas classes, como seja: na salinha que é demais pequena e no alpendre. Arranjo uma auxiliar e peço-lhes para arranjam-me mais um quadro-negro e um *aladim*, visto que, um só não clareia no alpendre. Pois pelo menos nesta parte precisamos de um certo conforto, não é verdade? Tenho acompanhado as aulas desde o dia 1º esto é, (30 de março). Certa que serei atendida e aguardando uma boa resposta, antecipo os meus sinceros agradecimentos. Recebam um abraço amigo da monitora

Adélia Aires da Cruz e não Cunha

P.S. Sempre fui cumpridora dos meus deveres quero continuar se Deus quiser”

A monitora Adélia escreveu, no dia do trabalhador do ano de 1964, este relato que nos conta um pouco do que era a vida da população rural nos idos da década de 1960. A carta é o testemunho de uma das mais de 7000 monitoras e monitores que trabalharam nas escolas radiofônicas, criadas pelo Movimento de Educação de Base (MEB), e que se utilizaram das cartas como meio de comunicação com as equipes de

supervisores do MEB². Ao lermos o relato de Adélia podemos reconstruir elementos da paisagem das comunidades rurais de Pernambuco, com suas ruas de terra e casas com alpendre, onde viviam mulheres e homens que percorriam longas distâncias enfrentando as intempéries da natureza para chegar à escola. Adélia nos fala das pessoas, dos amigos, dos problemas de saúde, da falta de dinheiro, das condições materiais de sua comunidade, mas, sobretudo, ela nos chama a atenção para a realidade da vida e como esta se impõe, fazendo com que os acontecimentos tenham dinâmicas próprias que, na maioria das vezes, não correspondem diretamente à expectativa ou ao discurso do MEB.

Na carta, a monitora dá voz aos anseios que nutre em relação à escola radiofônica e exprime suas estratégias, ou jeitos de fazer, que lhe possibilitariam trabalhar melhor com os alunos. Ela também relata às supervisoras do MEB as vicissitudes que se impunham para que a escola radiofônica começasse a funcionar e apresenta as alternativas buscadas para que os alunos pudessem, finalmente, ter a oportunidade de frequentar a escola e ouvir as transmissões pelo rádio. Escritos produzidos por monitores e alunos, como este, revelam a experiência cotidiana das escolas radiofônicas no âmbito do MEB, através da visibilidade que eles dão às suas expectativas e demandas em relação à alfabetização e aos limites para sua realização. A partir de tais cartas, pretende-se confirmar a hipótese de que foi através de uma dinâmica própria criada por esses sujeitos que as escolas radiofônicas se transformaram em espaços de aprendizagem, produção e circulação da cultura popular.

A escola radiofônica de Adélia foi uma das muitas escolas abertas pelo Movimento de Educação de Base (MEB), que tinha como objetivo promover a alfabetização de adultos nos meios rurais por meio de uma programação radiofônica educativa veiculada diariamente via emissoras de rádio. Criado oficialmente em 1961, o MEB teve uma atuação inicial voltada para os estados da Região Nordeste do Brasil e Norte de Minas Gerais. Em Pernambuco, o Movimento iniciou suas atividades em 1961 e começou seu processo de esvaziamento a partir do início de 1966, por questões

² Na transcrição das cartas optamos por manter a grafia original, os erros de ortografia e as características anteriores à Reforma Ortográfica de 1971. Também utilizamos os termos “monitor” e “aluno” no substantivo masculino para designar função e não o gênero.

relacionadas à falta de verbas e à instauração do regime autoritário que sucedeu o Golpe Civil-Militar de 1964.³

A criação do MEB se formalizou por meio de um convênio feito entre a Igreja Católica, representada pela Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB)⁴, e o governo federal, que se aliava à Igreja para fortalecer o projeto de educação de adultos, iniciado na década anterior, porém duramente criticado no final dos anos 50⁵. Além disso, a parceria também ampliava as experiências anteriores de alfabetização de adultos desenvolvidas pela Igreja Católica em parceria com o Estado nas arquidioceses de Natal e Aracaju que, desde 1958, já adotavam o modelo de educação de adultos por meio de uma programação radiofônica educativa.⁶

Na ocasião, o então presidente da República Jânio Quadros, que ocupou a presidência entre os meses de fevereiro e agosto de 1961, ofereceu incentivos ao projeto, entre os quais o envio de recursos financeiros do governo federal para a produção dos programas radiofônicos e a formação de pessoal, além do compromisso,

³ ALVES, 2014; TEIXEIRA, 2008. Apesar do encerramento das atividades em Pernambuco no final de 1966, o MEB prosseguiu com educação de base em outros Estados brasileiros. Atualmente segue vinculado à CNBB em programas da linha da educação popular. Por meio de convênios estabelecidos com o governo federal e/ou estaduais, desenvolve projetos de formação de alfabetizadores, de educação de jovens e adultos e de promoção da inclusão no mundo do trabalho e na sociedade da informação. Com sede em Brasília, o MEB atua nos Estados do Amazonas, Roraima, Ceará, Piauí, Maranhão e Distrito Federal, além do Norte e Nordeste do Estado de Minas Gerais. Para mais informações sobre as atividades atuais do MEB, acessar: <http://www.meb.org.br/home/>. Consulta em 28 de ago. 2016.

⁴ A Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) foi fundada em 14 de outubro de 1952 no Rio de Janeiro. Em 1977 teve sua sede transferida para Brasília. O órgão congrega todos os bispos católicos do Brasil e tem por finalidade aprofundar a comunhão do bispado, estudar assuntos de interesse comum da Igreja Católica, deliberar em matérias de sua competência e agir em comunhão com a autoridade da Sé Apostólica. Também faz parte da missão da CNBB mediar os interesses da Igreja no relacionamento com os poderes públicos.

Fontes: http://www.cnbb.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=902&Itemid=110 e https://pt.wikipedia.org/wiki/Confer%C3%Aancia_Nacional_dos_Bispos_do_Brasil. Consulta em 28 de ago. 2016.

⁵ Em 1958 realizou-se o II Congresso Nacional de Educação de Adultos. Na ocasião, foram feitas críticas ao modelo de educação de base desenvolvido nos anos anteriores pelo governo federal, acusando-se a falência de suas campanhas, principalmente aquelas desenvolvidas no âmbito do Departamento Nacional de Educação (DNE). Sinalizou-se, como modelo adequado para um trabalho de educação de base, a promoção de experiências desenvolvidas com a inserção das comunidades locais Ver: PAIVA, 1983.

⁶ FÁVERO, 2006. Entre as experiências mais próximas, citamos o Sistema Radioeducativo Nacional (SIRENA), criado pelo MEC em 1958, que às vésperas da criação do MEB, em 1960, possuía 47 emissoras transmitindo programas educativos; o Serviço de Assistência Rural (SAR), que funcionava na arquidiocese de Natal desde 1958; o Sistema Radioeducativo de Sergipe, que funcionava em convênio com o SIRENA. Por fim, destaca-se o papel da Representação Nacional das Emissoras Católicas (RENEC), que foi responsável pela organização do 1º Encontro de Educação de Base ocorrido em Aracaju, onde se discutiu a possibilidade de ampliar o trabalho com educação de base para outras dioceses. Esse entendimento deu início a articulação entre Dom José Távora, arcebispo de Aracaju que representava a CNBB, e Jânio Quadros, recém-eleito presidente. Ver: WANDERLEY, 1984.

assumido pelo Ministério da Viação e Obras Públicas, de melhorar a precária infraestrutura da rádio difusão no país. Com o início do mandato do presidente República João Goulart (1961-1964), o ideal da alfabetização do maior contingente possível de brasileiros começou a se materializar a partir de significativa mobilização política por parte da sociedade. As Reformas de Base,⁷ propostas por Goulart em Mensagem ao Congresso Nacional de 1964, são em grande medida uma resposta governamental para a concretização desse projeto de crescimento do país, que começa a se configurar nos últimos anos da década de 1950⁸. Para garantir sua efetivação era necessário ampliar o apoio ao governo por meio do voto popular, em um país cuja Constituição impedia aos analfabetos o direito de participação política. Assim, no que se refere às políticas educacionais, temos o estabelecimento de uma estreita relação entre as ações políticas e as ações educativas promovidas pelo Estado na tentativa de ampliar suas bases democráticas.⁹

Projetos de expansão dos programas de educação de base, como o do MEB, consistiam, por um lado, numa estratégia populista do governo que visava fortalecer e aumentar a sua base eleitoral e , ao mesmo tempo, enfraquecer o poder político das oligarquias rurais e diminuir os encargos do Estado com a educação. Por outro lado, a iniciativa também procurava situar o Estado brasileiro numa posição condizente com as

⁷ Em 1958, durante o governo de Juscelino Kubitschek (1956-1960), começaram a ser discutidas propostas de alteração nas estruturas econômicas, sociais e políticas que propiciassem a superação do subdesenvolvimento e a diminuição das desigualdades sociais no Brasil. Entretanto, foi somente com a chegada de João Goulart à Presidência da República que as chamadas “reformas de base” transformaram-se em bandeiras do governo, ganhando com isso maior consistência. As reformas contemplavam iniciativas em torno da promoção das reformas bancária, fiscal, urbana, administrativa, agrária e universitária. Também visava a ampliação do acesso ao voto aos analfabetos e aos membros das patentes subalternas das forças armadas. Ademais, propunham medidas nacionalistas que previam maior intervenção do Estado na vida econômica e maior controle dos investimentos estrangeiros no país. A reforma agrária foi, sem dúvida, o carro-chefe das reformas, que previa o acesso à propriedade da terra por parte de milhões de trabalhadores rurais, o que levou a uma série de reações contrárias pelos setores mais conservadores da sociedade.

Fonte acessada em 28 de ago. 2016:

http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/artigos/NaPresidenciaRepublica/As_reformas_de_base.

⁸ Como parte integrante de seu projeto de desenvolvimento nacional por meio das Reformas de Base, o presidente João Goulart implementou o Plano Nacional de Educação (PNE) tendo como base a LDB n°4024 de 1961, que previa um investimento na educação de, no mínimo, 12% dos impostos arrecadados. O PNE pretendia basicamente dar acesso à educação a todos os que estivessem em idade escolar, diminuir de forma considerável o número de analfabetos no Brasil e expandir o ensino superior. Assim, temos um aumento considerável nos investimentos públicos em educação entre 1961 a 1964: 593% federal; 331% estadual; 355% municipal, Ver SCOCUGLIA, 2000. O texto integral da mensagem remetida por João Goulart para a abertura da Sessão Legislativa de 1964 está disponível em: http://www.institutojoaogoulart.org.br/upload/conteudos/120128180216_joao_goulart_mensagem_ao_co.pdf. Consulta em 17 de abr. 2015.

⁹ SCOCUGLIA, *op. cit.*

preocupações do período em relação à educação, a fim de enfrentar melhor os debates e pressões políticas internas e também os apelos da UNESCO pela realização de campanhas de alfabetização em massa.¹⁰

No que se refere às pressões internas que operaram para garantir o apoio governamental ao MEB, vale destacar o fator da mobilização camponesa, em torno das Ligas Camponesas e da atuação de líderes populares, como Francisco Julião, ou de figuras políticas ascendentes, como Miguel Arraes em Pernambuco. Para Kadt “o despertar do campo, até ali simplesmente ignorado na cena política brasileira, ameaçava desestabilizar o equilíbrio do qual dependia o bom funcionamento dos sistemas”, colocando o governo populista sob uma nova configuração em que o Estado, para garantir sua manutenção, passa a ver no campo e nas suas populações a existência de forças políticas que não podem mais ser desprezadas.¹¹

Além dos interesses de Estado que motivaram o envolvimento presidencial na concretização do MEB, a formulação de uma proposta de um modelo de educação de base voltado para a alfabetização de adultos se deveu também à influência de intelectuais e estudantes. Em sua maioria oriundos de camadas médias urbanas, estes grupos defendiam um modelo de educação ampla para a população brasileira; no entanto, seu discurso se pautava pelos interesses modernizadores do Estado brasileiro e corroboravam o discurso educacional que conferia à desigualdade social a falta de acesso do povo à educação, o que mistificava as reais contradições de classe existentes na sociedade brasileira. Assim, os intelectuais que participaram na formulação da proposta pedagógica do MEB, influenciados pelo populismo e pelo catolicismo, construíram a ideia de que havia entre o povo uma pureza de sentimentos e virtudes que o impeliriam à transformação da realidade e cuja ação seria conduzida pelos intelectuais engajados.

Nesse aspecto a escola passa a ser vista como espaço de relações sociais perpetuadora das desigualdades e, ao mesmo tempo, instituição necessária para o projeto de desenvolvimento nacional, na medida em que promoveria o acesso à educação ao imenso contingente da população não alfabetizada do país. No começo da década de 1960 a educação assume, a partir das formulações defendidas por esses

¹⁰ WANDERLEY, *op. cit.*.

¹¹ KADT, 2007, p.72.

grupos, um papel transformador das estruturas sociais no Brasil e, nesse processo, a alfabetização de adultos também se afirma como uma estratégia necessária para a consolidação da democracia e para o desenvolvimento econômico e social brasileiro¹².

A promoção da *consciência* entre o povo brasileiro era defendida como forma de ação política, de organização das classes populares e como estratégia para o crescimento do país e a superação das desigualdades. Fomentar “a consciência do povo” foi uma das propostas que fundamentou a ação dos membros dos movimentos dedicados à alfabetização de adultos, dentre os quais o MEB, considerado o mais abrangente e duradouro deles. Desde o início, os documentos oficiais do movimento apresentam a promoção da educação de base e a consciência como estratégias cujo propósito era levar à população rural o conhecimento sobre sua realidade e a possibilidade da mudança de sua condição de vida.

Um dos elementos centrais para a compreensão dos princípios pedagógicos que motivaram a atuação dos grupos engajados no MEB é o debate em torno da promoção da consciência, que se deveu em grande parte aos trabalhos escritos pelos intelectuais que integraram o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), criado em 1955. O ISEB tinha como estratégia de ação produzir pesquisas que orientassem o debate sobre o desenvolvimento econômico do país de modo a criar um discurso ideológico que conferisse legitimidade ao projeto nacional-desenvolvimentista do Estado, o que teria forte aderência entre os grupos de militantes e educadores. Apesar de haver diferenças internas entre os membros do ISEB, no que se refere às concepções políticas sobre como deveria ser conduzido o processo de desenvolvimento econômico brasileiro,

¹² A década de 1960 foi definida por historiadores do período como um momento de amplo movimento didático-conscientizador no país, do qual fizeram parte os movimentos dedicados à promoção da educação e cultura popular, ver HOLLANDA e GONÇALVES, 1985; PAIVA, *op. cit.*. Esses movimentos são considerados, em parte, desdobramentos dos discursos propagados pelo Estado brasileiro nas duas décadas anteriores. Beisiegel nos mostra como a questão da educação popular adentra os discursos relativos às políticas educacionais, desdobrando-se na primeira metade do século XX para o que chamou de “um esforço de extensão das oportunidades educacionais à massa iletrada” como forma de proporcionar a cada indivíduo os instrumentos culturais indispensáveis, BEISIEGEL, 2004, p.103. Leitura, escrita, aritmética elementar, noções básicas de ciências, vida social, civismo e higiene foram transformados em conteúdos da ação educativa dentro de um conjunto de ações realizadas no campo da educação de adultos pelo Departamento Nacional de Educação, realizado por meio do Serviço de Educação de Adultos, criado em 1947. Romanelli constata que houve diminuição dos índices de analfabetismo a partir de 1930, com acentuada queda a partir dos anos de 1950 e 1960, o que denota uma preocupação em promover a alfabetização de um número cada vez maior de pessoas. Sua tese é a de que a expansão escolar se deu por demanda devido ao “despertar da consciência coletiva para a importância da escola”, ROMANELLI, 2014, p.78. As propostas de educação de base que fundamentavam as iniciativas do grupo que participou da criação do MEB, incorporaram, em grande parte, essa preocupação do Estado com relação à educação de adultos.

podemos dizer que sua produção estava alinhada com o momento político e econômico do país.¹³

Os ideólogos do ISEB, como gostavam de ser denominados, legitimaram o discurso desenvolvimentista do Estado brasileiro ao se autorrepresentarem como classe salvadora que produzia o conhecimento necessário para se conduzir o país nas vias do crescimento. Essa ideologia reafirma a noção de uma tendência natural da sociedade ao progresso e atribui o atraso do desenvolvimento brasileiro às pressões de uma sociedade agrária e conservadora que não possibilitava ao Estado promover as transformações necessárias, especificamente, no tocante ao sistema educacional.¹⁴ Se, de certo modo, a produção do ISEB e seu discurso revelam contradições de interesses no seio das classes dominantes, ao mesmo tempo apontam para a conciliação das elites através do projeto que propunham para a modernização do país, que era ainda conservador por escamotear as reais contradições de classe que acentuavam as desigualdades profundas da sociedade brasileira.¹⁵

Um dos ideólogos principais do discurso conservador foi Álvaro Vieira Pinto, cujos trabalhos influenciaram o debate político do período e, conseqüentemente, as concepções e práticas políticas dos movimentos sociais voltados para a educação entre os quais se achava o MEB. Em seu livro *Educação e Consciência Nacional*, publicado pelo ISEB em 1960, Vieira Pinto defendia a formação de uma consciência nacional que orientasse a vontade do povo e consistia numa espécie de plano coletivo de transformação que deveria vir acompanhado de um projeto de educação em massa da população brasileira a fim de prepará-la para os processos de modernização da sociedade. Seu texto constrói uma visão idealizada da consciência sob um viés autoritário que não estabelece correspondência alguma com a realidade objetiva e cujo ideal de sociedade considera a perspectiva intelectual a única realmente consciente e capaz de pensar o mundo e, por isso, responsável por conduzir o povo à perfeição.

O debate político-educacional no início da década de 1960 reforçaria essa visão idealizada da sociedade, o que influenciaria a concepção pedagógica dos movimentos educacionais imbuídos do princípio modernizador via educação. Importa-nos, neste

¹³ MARTINI, 2009.

¹⁴ HORTA, 1982.

¹⁵ TOLEDO, 1977; FRANCO, 1978.

aspecto, de que modo tais ideias aparecem no contexto educativo das escolas radiofônicas criadas pelo MEB, uma vez que essa visão idílica mostrará seus limites quando postas no campo de forças da realidade material das populações rurais do Brasil, cujo potencial transformador se revelaria, por sua vez, através do trabalho desenvolvido pelos sujeitos diretamente implicados na tarefa da alfabetização popular.

Outro aspecto a assinalar é que o MEB possuía a particularidade de ser um movimento organizado e gestado por militantes da Igreja Católica sob autoridade institucional da CNBB. A Igreja estava preocupada, antes de tudo, em estreitar sua aliança e influência sobre o Estado, também reforçaria o alinhamento do MEB ao projeto de modernização governamental, que seguia a linha conservadora daqueles idealizadores. Entretanto, a instituição religiosa também possuía seu próprio projeto de expansão e de influência sobre a sociedade e via nas classes populares o setor privilegiado para concretizá-lo.¹⁶

Além disso, é necessário compreender a Igreja Católica como instituição que aglutinava grupos de interesses distintos em relação ao papel do MEB junto às comunidades. Por um lado, havia os interesses da diocese pretendia ampliar seu poder sobre as comunidades rurais mais distantes dos centros urbanos e, nesse aspecto, a parceria com o Estado significava a liberação de um volume significativo de recursos às concessões de novas emissoras de rádio, viabilizando uma maior inserção da Igreja no campo. Apesar de a Igreja já dispor da infraestrutura radiofônica das experiências anteriores com alfabetização dos adultos, a formalização do convênio para a criação do MEB lhe possibilitou incrementar e ampliar tal estrutura com a abertura de novas emissoras e a diversificação de programas católicos já existentes e voltados para a evangelização. Com efeito, havia em alguns sistemas de Pernambuco a programação especial de domingo que, em certas ocasiões, transmitia aulas de instrução religiosa¹⁷. Outros sistemas passaram também a transmitir missas dominicais, cumprindo naquele momento a importante função de marcar a presença da Igreja em algumas comunidades que não dispunham de um sacerdote para celebração das missas.

¹⁶ CABRAL, 2014.

¹⁷ Escolas Radiofônicas do MEB – Notas sobre seus objetivos, programação e desenvolvimento dos alunos, s/d. p. 18. Fundo MEB. Acervo CEDIC.

Por outro lado, havia o interesse dos bispos em apoiar o desenvolvimento da alfabetização de adultos numa ação que detivesse, indiretamente, o avanço do comunismo e a atuação das Ligas Camponesas,¹⁸ movimento este que se iniciara no engenho Galiléia, em Vitória de Santo Antão, entre o Sertão e a Zona da Mata no Estado de Pernambuco, além de outros movimentos de luta pela reforma agrária que atuavam na Região Nordeste. Esse desejo da cúpula da Igreja Católica, representada pelos bispos, era alimentado, sobretudo, pelo temor de que tais grupos desenvolvessem táticas de guerrilha inspiradas nos exemplos cubano e chinês, conforme se noticiava no documento “A Igreja e a situação no meio rural brasileiro” produzido pela CNBB em 1961, considerando que eles não pretendiam integrar o camponês na vida nacional e sim promover a desordem no campo.¹⁹

Ainda assim, apesar dos setores mais conservadores da Igreja Católica possuírem uma orientação política que se aproximava do conservadorismo do Estado brasileiro e das elites intelectuais, ao longo de sua história a Igreja também necessitou de estratégias próprias para reafirmar seu poder político e espiritual perante a sociedade. No campo da educação, a Igreja precisou combater o fortalecimento do liberalismo no discurso educativo ao longo das décadas de 1920 e 1930, reafirmando a importância da atuação política de seus pares na educação num país de maioria católica e sustentando uma ferrenha crítica ao modelo educacional republicano, visto como incapaz de formar pessoas nos deveres morais e religiosos.²⁰

O antiliberalismo e o anticomunismo defendidos pela Igreja Católica a impeliram não somente à resistência no campo político normativo, por meio da tentativa de

¹⁸ As Ligas Camponesas foram associações de trabalhadores rurais que exerceram intensa atividade no campo de 1955 até a queda de João Goulart, em 1964. A propriedade que foi foco inicial da Liga tinha quinhentos hectares de terra pertencentes a um engenho que estava de “fogo morto”. Formou-se em 1955, a Sociedade Agrícola e Pecuária de Plantadores de Pernambuco (SAPPP), integrada por 140 famílias e foi rapidamente batizada pela imprensa de “liga”, em referência a outros movimentos de natureza parecida, ocorridos em outros Estados brasileiros e que precederam a criação da SAPPP. De forma geral, o objetivo de grupo era gerar recursos comuns para a assistência educacional, de saúde e a compra de adubos para melhorar a produção. Porém, uma contenda com o filho do proprietário do engenho levou a uma ação judicial em favor da liga, movida pelo advogado Francisco Julião Arruda de Paula (1915-1999), conhecido por sua atuação em defesa dos trabalhadores rurais. Em 1959 foi aprovada a proposta de desapropriação do engenho, dando notoriedade à luta dos camponeses do engenho Galiléia e transformando-a num símbolo da luta pela terra. No início de 1961 foram formados 25 núcleos em Pernambuco, dentre eles, destacaram-se os de Pau d’Alho, São Lourenço da Mata, Escada, Goiania e Vitória de Santo Antão, nas regiões da Zona da Mata e Agreste. O movimento das ligas também se expandiu para os Estados da Paraíba, Rio de Janeiro e Paraná. Fonte: http://www.ligacamponesas.org.br/?page_id=99. Acesso em 28 de ago. 2016.

¹⁹ FÁVERO, *op. cit.*; WANDERLEY, *op. cit.*.

²⁰ CUNHA, 1981.

influenciar os debates acerca das diretrizes norteadoras da política educativa no Brasil, mas também à formação de suas próprias vanguardas intelectuais com discurso político próprio. Esses grupos desenvolveram práticas sociais novas, às vezes contraditórias às políticas do Estado e nem sempre alinhadas com as normativas impostas pelos setores mais conservados da Igreja, revelando uma distancia entre os interesses da ordem eclesiástica e os grupos mais diretamente relacionados aos setores populares.²¹

É a partir da compreensão da Igreja Católica como espaço de disputa de diferentes grupos e projetos de ação católica na sociedade, que buscamos compreender as origens e as motivações dos católicos leigos envolvidos com a criação do MEB. Embora estivessem bastante influenciados pelo discurso desenvolvimentista de caráter fortemente idealizador, esses grupos denunciavam o lado desumano e anticristão do desenvolvimento capitalista, defendiam a necessidade de se conhecer a população real no seu modo de vida essencial e se projetavam no sentido de uma organização social que expressasse a originalidade cultural dessas populações.

A articulação em torno da criação do MEB foi promovida por alguns bispos e profissionais que já trabalhavam com a população rural nos projetos de educação de base desenvolvidos nas décadas anteriores, como professores, agentes comunitários e de saúde, incluindo forte presença de católicos leigos ligados a Ação Católica Brasileira (ACB),²² organização que teve importante influência na elaboração das propostas pedagógicas originais do MEB e cuja intenção, desde o final dos anos 1950, era converter a Igreja numa instituição “mais atualizada em sua ação pastoral e mais atuante no social” através da aproximação da militância católica com as camadas populares em novos espaços de atuação.²³

A partir de 1962 o MEB sofreu, segundo Kadat, um impulso progressista por parte do grupo mais radical da Ação Católica, ligado principalmente a setores da Juventude

²¹ ROMANO, 1979.

²² A Ação Católica Brasileira (ACB) foi criada oficialmente em 1935, durante o pontificado de Pio XI (1922-1938) que incentivou a criação de apostolados leigos na Itália, futuramente expandidos para o Brasil. O objetivo principal da ACB era a formação de leigos que colaborassem com a missão evangelizadora da Igreja Católica. Sua ação baseava-se no princípio da formação *na e pela* ação com o método *VER, JULGAR, AGIR*, desenvolvido pelo sacerdote belga Joseph Cardijn. Inicialmente a ACB estruturava-se em quatro ramos principais, seguindo o modelo italiano: Homens da Ação Católica; Liga Feminina de Ação Católica; Juventude Católica Brasileira (masculina) e Juventude Feminina Católica, que posteriormente se desdobraram em outras formas de organização, GAVIÃO, 2007.

²³ FÁVERO, *op. cit.*, p.43.

Universitária Católica (JUC) que ganhava força no interior do movimento²⁴. Esse engajamento dos “jucistas” derivava da militância de seus membros nas atividades políticas estudantis num momento crucial da vida política da universidade, em que os estudantes assumem uma “posição revolucionária mais generalizada” fazendo “a ponte entre a universidade e a sociedade”.²⁵ Este engajamento da JUC nas questões sociais resultou em conflitos constantes com a hierarquia do clero que, como a maioria dos bispos, se opunha ao desenvolvimento do apostolado leigo. Além disso, havia entre alguns bispos um sentimento de descontentamento em relação às posições públicas assumidas pela JUC, sobretudo devido a sua forte aproximação com a UNE, onde seus membros tinham uma atuação política importante.²⁶

Apesar de haver entre os bispos um grupo favorável à proposta de atuação e aos caminhos trilhados pela JUC naquele momento, boa parte dos bispos tinha uma postura conservadora contrária ao movimento que, segundo eles, já estava incutido das ideias marxistas e comunistas. Como consequência, a JUC era “pressionada a abster-se da ação política” evidenciando-se “a necessidade de se encontrarem modelos alternativos de soluções que melhor respondessem às aspirações, às inquietações e às insatisfações dessas e de outras lideranças e militantes dos movimentos de esquerda” (NAGAMINE, 1996, p.45).

Tal situação colocava os estudantes da JUC pertencentes a UNE ou aos outros movimentos e entidades políticas, em conflito de posições diante do caráter eminentemente espiritual da JUC, do qual fazia parte o respeito à ortodoxia e a hierarquia da Igreja que inviabilizavam uma ação política mais autônoma. Nesse momento, por influência dos escritos de Padre Almeri Bezerra de Melo (1927-) e do jesuíta Henrique de Lima Vaz (1921-2002),²⁷ a partir de 1959 começam a ser

²⁴ A organização nacional da JUC aconteceu em 1950 dentro da ACB. A princípio, sua atuação ficou mais restrita aos meios católicos, por meio de encontros e discussões teóricas que tinham pouca penetração em outras instâncias da vida concreta; a “causa da ineficácia da JUC foi encontrada na ‘falta de vida’ do movimento, em suas discussões e orientações teóricas excessivamente abstratas, na falta de engajamento na realidade concreta”. No final da década de 1950 a JUC de Pernambuco começou a adotar uma atitude mais crítica e socialmente engajada, concentrando-se em temas “como universidade e sociedade, fatores sociais de saúde, de endemias e o problema da fome”. Tal engajamento foi um fator de impacto sobre as demais regiões que, entretanto, temiam as consequências de uma militância fortemente engajada. A proposta para resolver o conflito e criar uma estabilidade dentro das JUCs era a sistematização das ideias do movimento, que lhe “forneceria as linhas básicas para orientar suas ações”, KADT, *op. cit.*, p.85 e 86.

²⁵ KADT, *idem*, p.93.

²⁶ NAGAMINE, 1996.

²⁷ O Padre Almeri e o Padre Vaz integravam uma geração de lideranças leigas e religiosas formada a partir de um intercâmbio com teólogos e padres europeus que influenciara as concepções originais da AP.

formulados os fundamentos teóricos que dariam origem à Ação Popular (AP) em junho de 1962, sem vínculos institucionais com a Igreja Católica e que aglutinava membros da JUC e da UNE e se aproximava dos movimentos de esquerda, incluindo o Partido Comunista Brasileiro (PCB). O engajamento da JUC junto a outros movimentos não diretamente relacionados à Igreja é que criou a necessidade de se constituir um grupo autônomo, uma vez que a juventude fora denunciada como organização comunista de fachada católica e, por conseguinte, os bispos proibiram seus membros de ocuparem cargos nas organizações estudantis universitárias.

Assim a AP se constitui como espaço de ação política independente, nascido de um grupo já politicamente engajado que tinha a possibilidade de atuar sem se submeter à hierarquia eclesiástica. Entre os que atuavam no MEB, essa reformulação da forma de militância da JUC junto ao povo também se fez presente e determinou a redefinição de algumas estratégias de ação de motivação mais ampla e que envolvia a correlação de forças no interior da Igreja Católica e a atuação dos grupos católicos leigos em outros espaços. A partir dessa nova orientação da militância da juventude católica junto ao MEB, a consciência e a prática com vistas à transformação do homem foram incluídas na proposta de alfabetização e aparecem como pressupostos básicos de seu modelo de educação de base, preocupado em preparar o povo para a vida política.

Os militantes envolvidos na criação do MEB e nos primeiros anos de atuação do movimento eram compostos, portanto, por eclesiásticos e católicos leigos que, em maior ou menor grau, estavam ligados a outros movimentos não diretamente relacionados à Igreja Católica e que possuíam uma relação não necessariamente harmoniosa com a hierarquia eclesiástica, cujo clero se dividia entre aqueles não viam com bons olhos a militância católica em espaços tidos como politicamente radicais e uma parcela que apoiava sua atuação. Isso reforça nosso pressuposto de que a Igreja Católica não

Pe Almeri cursou teologia em Roma e teve contato com movimentos operários na Bélgica, na Alemanha e na França. De volta ao Brasil, em 1951, começou a lecionar Filosofia e Teologia em Recife, ocasião em que começou a trabalhar com estudantes católicos membros da JUC do Recife. Devido à sua experiência com os movimentos sociais católicos na Europa, principalmente na Bélgica e na França, Pe Almeri propunha que a ação dos leigos e a definição da prática política do cristão fosse mais autônoma com relação a estrutura hierárquica eclesiástica, ver CORTEZ, 2005. O jesuíta Henrique de Lima Vaz também estudou teologia em Roma em 1945 e, de volta ao Brasil, foi professor do ensino superior no Rio de Janeiro e em Minas Gerais na década de 1950. Nos anos 60 integrou o grupo que deu origem à JUC e à Ação Popular e seus textos tiveram impacto sobre essa geração, fazendo frente aos setores mais conversadores da Igreja no que tange à orientação do apostolado cristão.

constituía um todo orgânico, uma vez que em seu interior se correlacionavam uma série forças e interesses distintos em relação ao trabalho com as camadas populares.

Essa constatação nos permite, por um lado, compreender que não existiu naquele momento uma simples relação direta entre os interesses do Estado e a ação da Igreja. Ainda que a alta hierarquia eclesiástica pretendesse se aproximar do Estado para aumentar seu poder e influência ou que parte dos sacerdotes sustentasse a ideia da realização de uma missão redentora de cura para os males do país, a atuação da Igreja no campo político sofreria por sua própria dinâmica interna e pelo jogo de forças que ali se dava.

Uma vez que há uma perspectiva e um discurso teológico que orientam as ações da Igreja, seu discurso político não pode ser facilmente reduzido aos interesses de classe e do Estado, pois está dotado de uma visão particular dos fatos. Para Romano, há uma espécie de lógica da fé que orienta a ação dos católicos para além de interesses sociais ou afinidades políticas. Essa lógica é motivada pelo princípio soteriológico, da crença na salvação do homem por Jesus Cristo e por obra da fé, que deve orientar a atitude de bispos, padres e leigos, desde suas práticas individuais até as decisões coletivas e institucionais.²⁸ Assim, dentro das distintas motivações políticas e sociais que impulsionavam os diferentes setores da Igreja e que motivaram a ação dos engajados no MEB, é necessário considerar que houve também um *ethos* cristão que dava sentido a atuação dos grupos envolvidos no campo educativo e convertia a atuação política num apostolado.

Até aqui, pudemos identificar os elementos fundamentais do engajamento na alfabetização de adultos por parte da Igreja Católica e seus membros, tanto do ponto de vista da política da instituição quanto da lógica missionária que lhe é inerente e transforma sua atuação política em um apostolado. Além disso, temos mapeados os interesses do Estado e os intelectuais na alfabetização, tida como pressuposto para o desenvolvimento brasileiro dentro do discurso ideológico legitimador do projeto de modernização conservadora e cujos interesses também são atendidos pelo MEB. Embora devamos verificar como isso opera nas comunidades rurais e em que sentido os monitores atribuem ao seu trabalho esse ideal que, na realidade, encobria os reais

²⁸ ROMANO, *op. cit.*.

problemas que afetavam as populações rurais, relacionados sobretudo ao não atendimento de seus direitos básicos fundamentais.

Há um significativo conjunto de pesquisas sobre o MEB, realizadas nas décadas que sucederam sua criação e produzidas por pessoas engajadas no movimento, que permitem identificar de forma mais precisa como se deu essa proximidade ideológica entre a proposta pedagógica do movimento e o ideário político de sua criação. Por meio destes trabalhos podemos conhecer, ademais, os aspectos relativos à estrutura do MEB em sua relação com o Estado, investigados no âmbito de uma história das políticas educacionais institucionais, mais do que da perspectiva da experiência do homem comum.²⁹ Nos últimos anos, o MEB foi objeto, sobretudo, de pesquisas em duas vertentes: a história social e a história da educação. Nesta última, preocupou-se em identificar as especificidades do movimento no que se refere à cultura, educação e transformação social, debatendo-se sobre a sua diferenciação política e marcas resultantes da sua gestação no interior de Igreja e vinculação com aquela orientação católica que foi muito específica do contexto do anos 60.³⁰

A tese de Claudia Moraes Souza, conta a história do MEB a partir de uma perspectiva distinta, que recupera a experiência da população camponesa para demarcar sua ação e seu engajamento político tratando a escola radiofônica como espaço de relações. A pesquisa, apesar de se situar no campo da história social e não estar diretamente preocupada com os aspectos educativos do MEB estabelece um diálogo bastante próximo com nosso objeto de pesquisa, pois se preocupa com as pessoas que participaram do movimento, tendo em vista sua realidade de trabalhador rural.³¹

A pesquisadora parte da ideia de que os movimentos sociais do período, dentre eles o MEB, são parte do processo de modernização conservadora vivido no Brasil a partir de meados da década de 1950. Nesse processo, o camponês foi o portador de uma noção própria de modernização, a qual pôde colocar em prática nas escolas radiofônicas, que se configuraram como espaços de produção de relações e representações políticas singulares relativas à escola, ao sindicato, ao trabalho, ao direito a terra e ao uso do próprio rádio como veículo de comunicação, informação e

²⁹ FÁVERO, *op. cit.*; KADT, *op. cit.*, 2007; WANDERLEY, *op. cit.*; COSTA e BRANDÃO, 1985.

³⁰ GONZALEZ, 2011.

³¹ SOUZA, 2006.

lazer. Souza trata da inserção do rádio nas escolas radiofônicas e da comunicação pelas cartas como elementos dessa modernidade que foram rapidamente incorporados à vida da comunidade como “mecanismos ágeis de comunicação social a serviço da comunidade”.³² As escolas radiofônicas constituíram espaços de inserção das populações rurais no universo da cultura escrita, de modo a integrá-las ao projeto de modernização da sociedade brasileira defendido pelos intelectuais e militantes políticos do período.

A nosso ver a Igreja Católica fornece os elementos fundamentais para a ação política desses intelectuais dentro do movimento, porém no interior de sua estrutura hierárquica, operam atores com distintos interesses com relação à promoção da alfabetização das populações rurais e, desse modo, temos como objetivo compreender o papel da Igreja Católica tendo em conta os interesses da diocese e da militância católica como grupos que atuam com diferentes motivações e expectativas com relação ao papel do MEB nas comunidades.

Para além de identificar os interesses distintos da Igreja Católica com relação à promoção da alfabetização entre a população rural, um dos pontos fundamentais para investigar o papel do MEB na história da educação de adultos, entre os anos de 1961 a 1966, é compreender como a Igreja Católica mobilizou a participação dos monitores e dos alunos nas escolas radiofônicas. E, por conseguinte, como deram àquela experiência um sentido próprio, que nem sempre atendeu aos interesses e expectativas daqueles que idealizaram seu papel como movimento promotor da alfabetização das populações rurais.

Trabalhamos com a perspectiva de que o MEB aglutinou interesses distintos em torno do projeto de erradicação do analfabetismo no Brasil, representados pelo governo federal, pela Igreja Católica e pelos intelectuais que propunham um modelo educativo preocupado em atender às demandas do povo brasileiro. Nesse processo criaram-se formas de apropriação da cultura do camponês para fins políticos. A partir dos escritos produzidos pelos monitores e alunos, levantamos a hipótese de que esses sujeitos construíram experiências capazes de transformar a escola radiofônica em um espaço de aprendizagem, produção e circulação da cultura popular de dinâmica própria, conforme

³² SOUZA, *op. cit.*, p.27.

revelam seus relatos, cujo sentido foi o dar visibilidade às suas expectativas em relação à alfabetização e denunciar os limites impostos para sua realização.

Partindo, principalmente, das cartas escritas por monitores e pelos alunos das escolas radiofônicas dos sistemas de Pernambuco entre os anos de 1961 a 1966, buscamos identificar, na experiência e na construção cotidiana, como foi implementado ali o projeto de educação de base realizado pelo MEB. Nosso recorte temporal deve-se ao fato de que foi esse o período de atuação do movimento no estado de Pernambuco e o geográfico, restrito a Pernambuco, se deve ao fato de a maioria das cartas que compõem o Fundo MEB serem procedentes dos sistemas daquele Estado; além disso, a curta duração do projeto na região permitiu abranger o seu período de atividade na íntegra.

Trabalhamos com a história do MEB e daqueles que se engajaram em seu trabalho a partir da experiência das mulheres e homens que dele participaram nas comunidades em que foram criadas escolas radiofônicas, tendo em vista que estes fazem parte de um todo onde estão em interação os interesses do Estado, da Igreja e daqueles que se engajaram no Movimento, em seus distintos espaços. Para isso estabelecemos um diálogo com a história cultural³³, a fim de compreender o MEB a partir das práticas culturais que compõem a experiência nas escolas radiofônicas. Aproximamos-nos, de forma mais específica, a uma história da cultura escolar³⁴ para identificar como os valores, princípios e objetivos do movimento se transformaram em práticas cotidianas dessas escolas. Ao nos questionarmos sobre as interações entre norma e prática foi possível construir uma “abordagem integradora” e compreender o MEB a partir das ligações entre as ideias, a teoria e as práticas desenvolvidas por seus agentes.

³³ O historiador Peter Burke trata da chamada “nova história cultural” como produto da heterogeneidade de objetos e enfoques que caracterizaram a história cultural ao longo do século XX. Para Burke, os trabalhos produzidos sobre a sigla da nova história cultural de fins da década de 1980 são “uma reforma da tradição, mais que uma revolução”, BURKE(A), 2005, p.97.

³⁴ A partir das contribuições das pesquisas realizadas pelos historiadores da Escola dos Annales e, mais especificamente dos trabalhos de Roger Chartier e Pierre Bourdieu, que dão ênfase aos usos e as práticas de apropriação dos objetos culturais para o campo da história cultural escolar, podemos trabalhar com variadas possibilidades de temas e fontes. Carvalho e Nunes (1998; 1993) abordam essa mudança de paradigma no que se refere à história da educação, na qual a realização de uma história cultural dos saberes pedagógicos passa a ser objeto de pesquisa, pondo fim ao predomínio de trabalhos que se dedicavam a averiguar as grandes reformas e políticas educacionais implementadas ao longo da história da educação brasileira. Essa produção historiográfica situa-se no limiar entre o prescrito – as ideias e as normas – e o efetivo – as práticas. A escola passa a ser historicamente e socialmente construída como objeto a partir do qual os saberes pedagógicos podem ser analisados em sua relação com a cultura.

Essa interação tornou possível a formulação de representações e de práticas em torno da experiência de educação de base promovida pelo MEB. Para que ideias sejam aceitas, é preciso que venham acompanhadas de um conjunto de práticas que a transformem num sistema pedagógico. Assim, a cultura que se estabelece em torno do MEB é fruto desse intercâmbio de valores e jeitos de fazer, relativos à cultura escolar que se formou naquela experiência em torno da escola radiofônica, que corresponde àquilo que se considerou como práticas residuais e emergentes de âmbito social e cultural.³⁵

O capítulo 1 está dedicado a uma apresentação das cartas: um breve histórico sobre as origens desse meio de comunicação, suas características formais e materiais essenciais, bem como o uso que os monitores e os alunos fizeram do intercâmbio epistolar no contexto das escolas radiofônicas. Utilizamos os parâmetros da história da cultura escrita para analisar as narrativas contidas nas cartas, identificando aspectos da vida na comunidade e seus modos de falar e se expressar característicos. Sob a ótica histórica da escrita epistolar, analisamos as cartas de monitores e alunos com seus vocábulos específicos, tendo em vista aspectos da sua materialidade e do acesso dos escreventes à cultura escrita no contexto de uma sociedade com fortes traços de oralidade.³⁶ Colocamos em diálogo os discursos, as práticas e as representações que delimitam a apropriação e elaboração dos códigos escritos naquela comunidade formada por alfabetizados e analfabetos para os quais a escrita transgredia a ideia de um sistema meramente gráfico e revelava significados, funções e práticas outras.³⁷

No capítulo 2 serão apresentados os pressupostos da ação pedagógica do MEB contidos em alguns documentos de orientação, nos relatórios de treinamentos e de encontros de coordenadores produzidos nas diversas instancias do movimento, durante os anos de 1961 a 1966. Nosso objetivo foi o de identificar a estrutura das equipes locais de Pernambuco, suas funções junto às escolas radiofônicas, assim como as condições materiais de que dispunham para o desempenho das mesmas. Nos roteiros de treinamentos de monitores identificamos os pressupostos do MEB e verificamos nas cartas de que modo eram assumidos pelos monitores em seu trabalho de base na

³⁵ WILLIAMS, 1992.

³⁶ SIERRA BLAS, 2003.

³⁷ CERTEAU, 1996; CASTILLO GÓMEZ, 2003.

radiação de escolas radiofônicas e em sua atuação junto às comunidades e distinguimos os fatores identificados como empecilhos à sua concretização.

No capítulo 3 tratamos do modo como o MEB transmitiu seus conteúdos aos alunos e aos monitores tratando das características de seu modelo de educação radiofônica. Tendo em vista o contexto de atuação do movimento, marcado pela constante expansão de projetos educativos via rádio, no Brasil e em outros países, e as demais experiências de educação de base desenvolvidas por iniciativa do governo federal e da Igreja Católica, identificamos no modelo de ensino do MEB a integração das experiências nacionais e internacionais e o desenvolvimento da sua própria pedagogia junto às comunidades. Analisamos os roteiros das aulas e a programação radiofônica, elaborados pelas equipes dos sistemas do MEB de Pernambuco. Estamos considerando que a programação radiofônica constituía o currículo do MEB, devido ao fato de conformar o conjunto de conteúdos das aulas radiofônicas. Esse conjunto ativo de discursos e operações atua no sentido de legitimar, mediante um discurso aparentemente único, um determinado conteúdo da escolarização.³⁸

Através das cartas, abordamos questões relativas à recepção da programação radiofônica, formação de monitores e aprendizado de alunos, considerando as diversas questões materiais que se impunham como obstáculos ao seu acesso à programação radiofônica, tais como problemas de transmissão e nos aparelhos. Por fim, mostramos como a programação radiofônica, a troca e a circulação das cartas entre os monitores e os sistemas contribuíram para que se estabelecesse um intercâmbio de informações via rádio.

No capítulo 4 tratamos do espaço da escola radiofônica reconstruindo aspectos de sua estrutura material e de suas condições de funcionamento nas comunidades. Também identificamos o que significava a escola radiofônica para os monitores e para os alunos em face da carência de oferta por educação nas regiões atendidas pelos sistemas do MEB em Pernambuco. Nosso objetivo é mostrar como a escola radiofônica pode se constituir em um espaço de mobilização da cultura popular em prol do projeto de alfabetização do MEB. Para isso traçamos um perfil de quem foram os monitores e sua função no MEB, além de trazer elementos do cotidiano de funcionamento das escolas

³⁸ GOODSON, 2005.

radiofônicas, atentando-nos para as estratégias utilizadas pelos monitores para tornar o projeto exitoso diante das frágeis condições de realização de seu trabalho.

Encerramos o capítulo tratando de aspectos relativos ao Golpe Civil-Militar de 1964 e seus desdobramentos para a continuidade das atividades do MEB. Vemos como as disputas internas da Igreja Católica motivaram um processo de reestruturação do MEB em 1965, o que levou a mudanças nos conteúdos de sua ação pedagógica, para os quais fazemos alguns apontamentos iniciais a partir das cartilhas *Viver é lutar* (1964) e *Mutirão* (1966), utilizadas em escolas radiofônicas de Pernambuco. Quanto aos impactos do Golpe, apontamos como as dificuldades financeiras enfrentadas pelo MEB após 1964 foram determinantes para o encerramento das atividades do movimento em Pernambuco e a interrupção abrupta das escolas radiofônicas, resultando no estancamento de um processo promissor de aprendizagem e acesso à cultura escrita.

Acreditamos nas diversas possibilidades de intersecção dessa pesquisa com outros campos do conhecimento, pois as ideias aqui apresentadas abrem várias possibilidades de continuidade desta pesquisa que, esperamos, possa contribuir, sobretudo no campo da história da educação, com os estudos relacionados à educação de adultos, dos movimentos sociais, da alfabetização, cultura popular, da cultura escolar, da cultura escrita, do cotidiano, da educação radiofônica e da comunicação, entre outros.

CAPITULO 1

CARTAS, HISTÓRIAS DE CADA UM E DE TODOS

Vou pegar no meu lapis para lhe mostra as minhas letras e o que eu já a prendi na escola radiofônica que eu não sabia de nada e hoje em dia graças a deus eu já sei escrever um bilhete e qualquer nome e descupe os erros e borrões pela primeira vês

João Felisberto da Silva, 1964.

Os historiadores que se dedicaram às escritas epistolares no continente europeu nos contam que escrever cartas é uma prática tão antiga quanto à da própria escrita. Definida por Cícero como a comunicação entre ausentes, a forma tradicional de escrita epistolar começara a se estabelecer já na Grécia Clássica e segue seu desenvolvimento ao longo da Roma Antiga. Naquele período começam a aparecer nas cartas os temas mais cotidianos da vida, ainda que a produção das missivas estivesse restrita aos meios eclesiásticos e à nobreza, grupos aos quais se restringia o acesso à escrita naquele momento.³⁹

No século XI com a emergente alfabetização que começa a se processar no final da Idade Média, as trocas de cartas passam a ser mais frequentes e intensas, dando início a uma “civilização epistolar”, que se consolidou entre os séculos XVI e XVIII. No século XX entre 60 e 90% da população europeia já detinha o conhecimento da leitura e da escrita, de modo que o aumento significativo da troca de correspondência nesse período é considerado pelos pesquisadores como um dos indicadores do ingresso maciço dos europeus nos universos da escrita e da leitura⁴⁰.

A carta expressa, sobretudo, a necessidade de comunicação entre pessoas ausentes e o fim do silêncio entre as mesmas, apesar da distância geográfica que possa existir

³⁹ CASTILLO GÓMEZ e SIERRA BLAS, 2014.

⁴⁰ Segundo Antonio Castillo Gómez, os fatores que contribuíram para o aumento das trocas epistolares a partir do século XVI foram: o crescimento do número de alfabetizados, ainda que restrito a uma pequena parcela da população; a implantação da escrita nas estâncias de governo e particulares; a organização de sistemas de correio; os movimentos de locomoção motivados por guerras ou imigrações, especialmente para o continente americano; e, por fim, a produção de manuais e tratados epistolares em língua vulgar que estabeleciam as normas da escrita epistolar, segundo CASTILLO GÓMEZ e SIERRA BLAS, *op. cit.*.

entre elas.⁴¹ Sendo assim, seus conteúdos possuem distintas motivações e formas. Escrever uma carta serve para comunicar ao outro um sentimento, que pode ser de alegria, de gratidão, de inquietude ou de lamento. Por meio de uma carta pode-se dar uma recomendação, pedir um conselho, solicitar um favor ou contar uma boa nova.

Podemos sintetizar em seis perguntas básicas o motivo e contexto de produção de uma carta: De quem? Para quem? Por quê? Sobre o quê? De que forma? Quando? No caso do conjunto de cartas analisados na pesquisa, seus autores foram os monitores, monitoras, alunos e alunas que participaram das escolas radiofônicas e os destinatários as equipes de supervisão do MEB, formadas por professores-locutores e supervisores que, em conjunto, realizavam o treinamento dos monitores, a radicação das novas escolas radiofônicas, as visitas de supervisão e a elaboração dos roteiros das aulas radiofônicas.

Pode-se dizer que a motivação principal das cartas naquele contexto foi noticiar as equipes de supervisão sobre o andamento das aulas nas escolas radiofônicas. Dessa motivação central derivavam os distintos assuntos tratados nas missivas, entre eles, a solicitação de materiais e cartilhas para as aulas, o envio de remessas de dinheiro para a compra dos mesmos, notícias sobre a matrícula e a frequência dos alunos, sobre o funcionamento do aparelho de transmissão, horário das emissões radiofônicas e pedidos de músicas dedicadas aos amigos e aos familiares.

Alguns pesquisadores, que trabalharam com a análise de fontes epistolares em outro contexto, identificaram uma maior recorrência de temas ligados a aspectos cotidianos da vida do escrevente, como por exemplo, notícias sobre familiares ou acontecimentos extraordinários, tais como casamentos, nascimentos, mudanças de cidade e doenças, conforme o grau de proximidade entre o escritor e seu leitor.⁴² Apesar de não conseguirmos delimitar com precisão o grau de proximidade que se estabeleceu entre as comunidades e os membros das equipes do MEB muitas cartas relatam notícias da vida pessoal dos monitores e dos alunos. Em algumas ocasiões tratava-se de comunicar às equipes alguma mudança repentina que levaria o remetente a deixar de frequentar as aulas. Há ocasiões, entretanto, em que podemos perceber uma relação de amizade entre monitores e supervisores em missivas nas quais o autor dá notícias sobre

⁴¹ PETRUCCI, 2003.

⁴² GARCÍA ENCABO; JUBERÍAS HERNÁNDEZ; MANRIQUE ROMERO, 1996, p.145.

sua vida, de seus familiares e da comunidade. As condições de trabalho a que estavam submetidos os trabalhadores rurais também aparecem em algumas cartas, às vezes em forma de denúncia.

Sobre a materialidade das cartas, eram escritas, na maior parte das vezes, em folhas de caderno com pauta de diversos tamanhos e muitas delas manuscritas à lápis ou à caneta esferográfica azul com letra cursiva. Em algumas raras ocasiões também aparecem datilografadas. Quanto ao tamanho das missivas variava bastante, tendo em média de uma a duas folhas, sendo mais breves as dos alunos do que aquelas escritas pelos monitores, contando em poucas linhas algo de sua experiência como aluno da escola radiofônica. Para chegar aos seus destinatários as cartas eram levadas, como é relatado com frequência, por um portador informal, geralmente um conhecido, que as fazia chegar ao seu destino final. Pelos poucos envelopes conservados é difícil estipular com que frequência, ao certo, as cartas eram enviadas por agentes do Departamento de Correios e Telégrafos.

O certo é que as cartas foram utilizadas como o principal meio de comunicação entre as escolas radiofônicas e as equipes de supervisão durante todo o funcionamento do MEB. Usamos como fonte desta pesquisa somente àquelas produzidas entre os anos de 1961 a 1966 nas escolas radiofônicas abarcadas pelos sistemas do Estado de Pernambuco, especificamente as que estão contidas nas oito caixas do fundo documental do MEB, descritas como “Cartas de Monitor e de Aluno”. As correspondências que compõe a pesquisa estão sob a guarda do Centro de Documentação e Informação Científica Professor Casemiro dos Reis Filho (CEDIC-PUC/SP). A documentação que integra o Fundo MEB foi acumulada ao longo do exercício das atividades do Movimento e foi adquirida por doações do Prof. Luiz Eduardo Wanderley, da PUC/SP, em 1991, e do Centro Ecumênico de Documentação e Informação - CEDI, em 1992. O Fundo MEB também contém relatórios de treinamentos de monitores, boletins de atividades, textos de formação, roteiros de aulas radiofônicas, cartilhas, entre outros tipos de documentos que também são fonte para a pesquisa.

Ao longo da pesquisa, elas foram ordenadas num banco de dados organizado por nós e de uso ainda restrito,⁴³ com o objetivo de ordenar as fontes de modo a ter uma visão geral de seu conjunto que permitisse identificá-las por localidade, autoria, destinatário e data, além de elencá-las por escola radiofônica ou sob um determinado recorte de tempo.

Apesar da diversidade de temas que aparecem nas cartas por nós analisadas, podemos falar da existência de um estilo epistolar de escritura cuja característica principal seria a oscilação entre a expressão descuidada dos sentimentos e das vivências do escritor ou da sua individualidade, e as convenções literárias da escrita, característica dos textos dotados de intencionalidade narrativa, como por exemplo, os trabalhos literários. Na escritura epistolar tais convenções se expressam por meio de certos protocolos de civilidade que devem estar presentes na estrutura da carta:

Trata-se de um sistema básico, funcional e simples, constituído de cabeçalho, saudação do remetente ao destinatário, um breve preâmbulo, eventualmente, uma exposição de notícias e/ou pedidos, um encerramento com cortesias, saudações, bons votos e, por último, a assinatura do remetente, que só falta nos casos em que já tenha sido incluído de algum modo no início ou quando, por um motivo qualquer, se prefira não incluí-la.⁴⁴

⁴³ Para organizar as fontes, criamos um banco de dados que totaliza 649 registros das cartas selecionadas no acervo, das Caixas 2(1), 2(2), 2(3), 3, 3(1) e 4(1). Apesar de o banco de dados não representar a totalidade das cartas que compõem o Fundo MEB – são 14 caixas descritas como Cartas de Monitor e de Aluno que em média possuem cerca de 500 cartas cada – a descrição das fontes por meio de palavras-chaves nos permite identificar na amostra, os temas mais recorrentes nas correspondências, além de classificá-las a partir da natureza dos assuntos tratados. Foram definidas 62 palavras-chave utilizadas para classificação das mesmas, que estão divididas em quatro blocos temáticos tendo em vista os objetivos da pesquisa: 1) *ensino, aprendizagem e cotidiano das escolas radiofônicas*: alfabetização; aluno; aprendizagem; aula; desinteresse; desistência; entusiasmo; escola radiofônica; frequência; turma; visita da supervisora; monitora; conteúdo; jogos; treinamento; Dia da Pátria; 2) *organização e manutenção das escolas radiofônicas*: folha de frequência; livro; material didático; matrícula; rádio; teste; transmissão radiofônica; cartilha; dinheiro; notícias; carta; atividade. 3) *conteúdos políticos e pedagógicos do MEB*: animação popular; boa vontade; Clube de Vendas; comunidade; conscientização; cooperação; debate; democracia; Jornal do Monitor; luta; povo; programação radiofônica; Brasil; MEB; educação de base; equipe; SIREP; 4) *assuntos da comunidade, condições de vida e de trabalho*: religião; reunião; saúde; sindicato; camponês; carestia; família; férias; festa; trabalho; clima; comunismo; gravação; migração; poesia; reforma agrária; Golpe. Devido à variedade de assuntos que aparecem nas correspondências e, conseqüentemente, para que não tivéssemos um número interminável de palavras-chave, optamos por inserir, após alguns termos entre colchetes que especificavam o conteúdo dos assuntos tratados. Um exemplo de palavra-chave recorrente é “escola radiofônica”, que pode aparecer seguida de termos em colchete, tais como *radicação, fechamento, manutenção, horário* ou *local*. Outro exemplo é “monitor”, acompanhado dos termos *formação e trabalho*, que se referem, respectivamente, a assuntos relativos ao processo formativo do monitor e às condições de vida e laborais relacionadas ao exercício de suas atividades na escola radiofônica ou junto à comunidade.

⁴⁴ Se trata de um sistema básico funcional y simple constituído por el encabezado y el saludo del remitente al destinatário, eventualmente un breve preâmbulo, una exposición de noticias y/o pedidos, um cierre de cortesias, saludos, buenos deseos y por último la suscripción del remitente, que falta solamente

A definição das regras epistolares básicas pela definição das partes que compõe a carta – cabeçalho, preâmbulo, notícia, saudações e despedida – difundida ao longo dos três primeiros séculos da chamada Era Moderna, foi incentivada e aprendida por imitação, visto que a pessoa que recebe a carta procura respondê-la numa estrutura correspondente à daquela que lhe foi enviada.⁴⁵ A escola também desenvolveu a aprendizagem da escrita epistolar por imitação, ensinando a escrita da carta a amigos e familiares e promovendo experiências pontuais de intercâmbio escrito entre estudantes de distintas regiões e países.⁴⁶ Outro fator fundamental para a fixação das regras da escritura epistolar foi a publicação de manuais de escrita epistolar em diversos países europeus, a partir do século XVII, que tinham como objetivo principal fixar a estrutura básica e os elementos que deveriam compor uma carta.

No Brasil, tais manuais começaram a circular a partir do século XVIII, embora a primeira obra do gênero em português, *Corte na Aldeia*, de Francisco Rodrigues Lobo, tenha sido publicada em Lisboa já em 1619. A obra, de cunho prescritivo no caráter típico dos livros de civilidade e dos manuais epistolares da época, fora editada no contexto da dominação espanhola e pretendia levar aos aldeões os modos da corte, divulgando-se para além das fronteiras do reino os princípios da etiqueta, ou o “comportamento político agradável” que deveria ser expresso por todos os membros sob seu julgo. Quanto ao uso da língua portuguesa, o livro se detém em regrar duas práticas fundamentais: a conversação vulgar, que modula o diálogo entre dois personagens, e a escrita dos indivíduos em sociedade, cuja norma se regeria pela civilidade em oposição à individualidade.⁴⁷

Essas publicações tiveram importância fundamental na perpetuação do modelo epistolar que conhecemos hoje e que seguimos praticando ainda que em novos suportes. De um lado, a cortesia e o trato adequado que devemos ter para com aqueles a quem nos dirigimos, que se manifesta nas saudações formais que costumam iniciar a missiva, bem como nos votos de bem estar que costumam introduzir os assuntos. Em seguida declarar

en los casos que ya se hubiera incluido de algún modo en la parte inicial o cuando, por algún motivo cualquiera, se prefira no incluirla”, CASTILLO GÓMEZ e SIERRA BLAS, *op. cit.*, p.93.

⁴⁵ CASTILLO GÓMEZ e SIERRA BLAS, *Idem*.

⁴⁶ Ver: SIERRA BLAS, Verónica. “As Cartas e a Escola”. Los manuales epistolares para niños en la España del siglo XX. *História da Educação*, ASPHE/FaE/UFPEL, Pelotas, n. 16, p 59-77, 2004; e ALEIXO e ALVES, Epístolas Infantis: fragmentos emergentes do quotidiano rural no tempo escolar (1955-1958). In: CASTILLO GÓMEZ e SIERRA BLAS Blas (orgs.). *Mis primeros pasos. Alfabetización escuela y usos cotidianos de la escritura (siglos XIX y XX)*. Asturias: Trea, 2014.

⁴⁷ BARBOSA, 2011.

ao destinatário a intenção da correspondência que, no caso da escola radiofônica, consistia em dar notícias do desenvolvimento dos alunos e da escola ou a troca de informações dentro da comunidade.

De outro lado, emerge a intimidade que o relato das coisas costuma despertar. Ao contar um acontecimento, algo de nossa intimidade se deixa manifestar sobre o papel, dando a quem nos lê alguns vestígios de nossas ideias e vivências. Através das cartas que monitores e alunos escreveram para dar notícias de sua experiência nas escolas radiofônicas podemos acessar as ideias, as experiências e encontrar traços da história pessoal e familiar de seus escreventes. As cartas também nos revelam traços da dimensão coletiva dos momentos em que foram escritas e desse modo, nos permitem estabelecer relações entre cultura escrita e a sociedade que a produziu:

Hoje ninguém questiona que as cartas sejam fontes imprescindíveis para escrever as biografias, se aprofundar nas mentalidades e formas de vida de uma dada sociedade, reconstruir redes interpessoais do tipo político, social, econômico ou cultural, ou recuperar o peso das emoções no curso da historia”.⁴⁸

As cartas mostram, ao longo do tempo, um modelo estrutural da escrita epistolar que se reproduziu e se difundiu, modulando, em alguma medida, o que seriam as dimensões fundamentais que entram em jogo no momento em que o autor da carta começa a escrever suas primeiras palavras. Essas se referem tanto a uma espécie de etiqueta que envolve a escrita de uma carta, quanto a um sentimento pelo qual o autor é tomado no instante em que dedica um momento de seu tempo para comunicar-se com alguém que está distante. A carta tem o poder de estabelecer laços de tempo entre aqueles que se aventuram a tarefa de exprimir-se utilizando a tinta e uma folha de papel. A carta torna real o ausente.

⁴⁸ Hoy nadie se cuestiona que las cartas son fuentes imprescindibles para escribir biografias, profundizar en las mentalidades y formas de vida de una sociedad determinada, reconstruir redes interpersonales de tipo político, social, económico o cultural, o recuperar el peso de las emociones en curso de la historia”, CASTILLO GÓMEZ e SIERRA BLAS, *op. cit.*, p.19.

Cartas dos monitores e dos alunos: um modo de se comunicar pela escrita

As cartas dos monitores e alunos do MEB reproduzem, em sua maioria, a estrutura convencional epistolar, embora muitos deles talvez nunca tenham tido contato com um manual do gênero. É certo que aquela que mais se aproximam da estrutura epistolar convencional, no que se refere à organização e a riqueza das narrativas são, em geral, as escritas pelos monitores. Entretanto, os alunos em também reproduziam a distribuição básica das seções de saudação, desenvolvimento e despedida para construir seus relatos.

Ao iniciar seus escritos com saudações às supervisoras ou as professoras do MEB – “Desejo que esta cartinha encontre todas gosando saude e felicidade”⁴⁹ – manifestavam também o contentamento em relação ao próprio fato de escreverem contando suas notícias pois, para a maioria dos alunos, aquela era a primeira vez que tomavam um lápis para escrever uma carta a alguém: “Esta primeira vez que pego no meu amavel lapis somente para dar os meu sincero agradecimentos”⁵⁰. Seu ingresso no universo da escrita por meio alfabetização provocava a aproximação de alguém distante ou na comunidade com quem podiam compartilhar sobre seu cotidiano na escola, o que se traduzia num sentimento positivo que contagiava e caracterizava, de modo geral, o preâmbulo: “minha saudavel supervisões e neste momento feliz que pego no meu pobre lapis para dizes o que sinto escrito por mim mesmo”⁵¹.

Essas cartas de monitores e de alunos são produtos da escrita cotidiana, compreendidas em nosso trabalho enquanto atividades culturais “protagonizadas pelas classes subalternas” e criadas pela necessidade de dar vazão à “voz e testemunho de muitas pessoas que, com frequência, se situam nos umbrais da sociedade”⁵². Ao mesmo tempo, sua confecção rompia com as normas rígidas da escrita, movendo-se entre o oral

⁴⁹ Carta da aluna Maria Prosperina Dias Romão às professoras do MEB, em 12/06/1964 [São Gonçalo]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(2). [136]

⁵⁰ Carta do aluno José Ferreira da Silva às supervisoras, em 01/09/1963 [Fazenda Vitorino]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(2). [250]

⁵¹ Carta do aluno Francisco Cardozo dos Santos à supervisora, em 29/05/1964 [Ouricuri]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(2). [138]

⁵² “protagonizadas por las classes subalternas”, como necessidade de dar vazão a “[...] voz y el testimonio de muchas personas que, a menudo, se situán en los umbrales de la sociedad” ,CASTILLO GÓMEZ, 2002, p. 24 e 25.

e o escrito, sem, contudo, caracterizar-se como uma simples transposição de um sobre o outro.

Os escritos produzidos pelas pessoas comuns, ou escritos cotidianos, se definem, sobretudo, pela condição social de seus autores, escreventes antes que escritores, pois são produzidos por pessoas para as quais os escritos representam uma atividade e não uma função dada por razões pessoais e não profissionais como seria o caso, por exemplo, de um escritor, um jurista ou um acadêmico. Os escritos cotidianos possuem tipologias textuais variadas, tais como: cartas; diários; cancionários populares; livros de família; livros de memórias; cadernos e diários de escola; cadernos de viagem; livros de contas; etc. Ademais, como transitam entre o oral e o escrito, as cartas possuem conteúdos e estilos variados e não se regulam pelas normas cultas da língua escrita.⁵³ Por essas características, os escritos das pessoas comuns possuem um caráter subversivo em relação aos cânones da língua.⁵⁴

É preciso considerar que os escritos cotidianos implicam também a defesa da identidade ou, em alguns casos, o refúgio diante de uma situação hostil e, nesse aspecto, consistem numa “escritura necessária” que contribui para deixar o registro da memória daquelas pessoas que não costumam aparecer nos registros oficiais.⁵⁵ Dessa perspectiva, as cartas escritas pelos alunos expressavam também essa necessidade de registro da sua voz por meio do acesso à cultura escrita e ao conhecimento adquirido na alfabetização, instrumentos que lhes possibilitavam expressar sentimento de frustração, dor ou desabafo diante das experiências e condições de vida e, o mesmo tempo, interagir na comunidade e se sentir parte integrante do desenvolvimento do Brasil.

Nas cartas vemos que os alunos tentavam expressar, sobretudo, seu contentamento pelo fato de frequentarem a escola radiofônica e alfabetizarem-se, associando-o a fatores diversos, como o trabalho dos monitores, as aulas radiofônicas e a atuação do MEB em sua comunidade. Também expressavam a crença de que somente por seu esforço pessoal e com a ajuda de Deus conseguiriam aprender os conteúdos das aulas.

Outro aspecto que vale destacar sobre as cartas escritas pelos alunos, que costumavam ser mais breves, é a riqueza dos detalhes narrados. Além de concisão,

⁵³ CASTILLO GÓMEZ, *op. cit.*.

⁵⁴ PETRUCCI, *op. cit.*.

⁵⁵ PETRUCCI, *Idem*, p.37.

materiais e grafias revelam o relativo distanciamento e diferentes níveis de apropriação dos alunos com relação à escrita e, ao voltarmos nosso olhar para a “disciplina do gesto” inerente à produção escrita, detectamos nas suas cartas elementos reveladores do desenvolvimento da habilidade e da familiaridade com a escrita. De modo geral, certa imperícia ou descontinuidade se revelam no desenhado das letras, na distribuição irregular do texto na folha ou desacerto dos parágrafos, no uso de abreviações e da linguagem coloquial, na separação desacertada das sílabas, no emprego inseguro da maiúscula e dos sinais de pontuação.⁵⁶

Quanto às cartas escritas pelos monitores, apresentam uma expressiva diversidade em seu conjunto, tanto no que se refere à materialidade, quanto aos distintos níveis de apropriação da linguagem escrita, que se revelam na estruturação dos tópicos da carta, na apresentação do conteúdo, na habilidade do manejo da caneta ou lápis para desempenho da grafia. Havia uma visível heterogeneidade do grupo em relação ao acesso e aos usos da escrita, porém podemos identificar uma estrutura recorrente no conjunto das suas cartas escritas a partir de certas características, tais como:

1) A forma de iniciar a missiva, com uma saudação afetuosa ou respeitosa. Ao se dirigirem a seus destinatários os monitores geralmente utilizavam termos que denotavam respeito ao seu interlocutor, tais como prezada, cara, querida e amiga e, em alguns casos, aplicavam expressões polidas e gentis, como “meu cordial bom dia”. A maioria se dirigia às supervisoras ou professoras pelo nome, após a saudação, visto que os monitores, em geral, conheciam todos da equipe local através dos encontros de treinamento e das visitas de supervisão que se fazia às escolas radiofônicas. Há algumas cartas em que o monitor utiliza uma saudação mais genérica, se dirigindo à equipe do MEB, entretanto, é um tipo de introdução mais raro entre as cartas dos monitores que, de forma geral, conhecia os representantes do movimento em sua comunidade e dirigia a eles diretamente suas notícias e demandas.

2) A manifestação de sentimentos ou desejos positivos ao seu destinatário no preâmbulo da carta. Poderia tratar-se de votos de saúde ou de bem-estar dirigidos às supervisoras ou a equipe de um modo geral, desejando-lhes "mil felicidade para todas

⁵⁶ Ver imagens de carta em Anexos.

equipe do mebi”⁵⁷ ou lhes mandando mensagens de otimismo: “Faço votos a Deus para que estas duas linhas chegue ao seu alcance encontrando-a disposta a enfrentar a missão que o mesmo Deus confiou”⁵⁸. Após as saudações iniciais, também ocorria de manifestarem sentimentos positivos e de felicidade em relação à própria carta ou ao momento de sua escrita: “E com muita alegria que eu lhe escrevo”⁵⁹; “Ao fazer esta ficamos em paz!”⁶⁰; “Aqui ate este momento estamos todos em pas”⁶¹; “Aqui todos em paz graças ao Pai Onipotente e bem de aulas”⁶²; “É com uma imensa saudade”⁶³. Em outros casos, o monitor introduzia a carta com um agradecimento: "Aqui vou primeiramente agradecer muito"⁶⁴; ou com o motivo geral da correspondência, por meio das expressões: “Venho por meio dessa lhe dar minhas notícias” ou “escrevo-lhe para dar minhas notícias”.

3) Apresentação de notícias ou solicitações de envio de materiais, folhas de matricula e de frequência no desenvolvimento da carta. Era comum que reproduzissem também os termos aprendidos em aulas ou nos treinamentos e descrevessem os seus alunos, “animados”, “desanimados” e “entusiasmados”, e a “boa-vontade” com o trabalho na escola radiofônica. Também mencionavam elementos do conteúdo transmitido pela programação radiofônica e narravam, ainda que muitas vezes de forma indireta, os aspectos da vida camponesa, fosse referente ao acesso à leitura e a escrita ou à condição de trabalho, organização da comunidade em outros espaços ou eventos e aspectos ligados à cultura e à religiosidade. Nesses casos, a narrativa refletia os períodos cíclicos das festas e das colheitas que determinavam a vida quotidiana dos alunos e, em muitos casos, a dinâmica de funcionamento das escolas radiofônicas.

⁵⁷ Carta do monitor Joventino Jorge de Freitas à Equipe do MEB, em 22/08/1964 [Sitio Mondí]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(2).

⁵⁸ Carta da monitora Doralice Barros da Cruz à supervisora, em 03/04/1964 [Cabrobó]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(2).

⁵⁹ Carta da monitora Maria Severina da Silva à superviora, em 06/08/1964 [Serra da Capoeira]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(2).

⁶⁰ Carta da monitora Cecília Evangelista à supervisora Helenita, em 09/08/1964 [Sítio Betânia]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(2).

⁶¹ Carta do monitor Petronildo Gomes à Anete [supervisora], em 01/11/1964 [Antonopolis]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(2).

⁶² Carta da monitora Maria Lira Rocha às supervisoras, em 07/08/1964 [Pau-Ferro]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(2).

⁶³ Carta da monitora Maria Francisca de Jesus á D. Edna [supervisora], em 08/08/1964 [Sítio Chambá/Riacho]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(2).

⁶⁴ Carta da monitora Osoria Gomes de Moura à supervisora, em 08/12/1963 [Jundiaí] Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(2).

4) Na seção de despedida, pedidos de escusas por eventuais erros e faltas, geralmente seguidos de votos de felicidade e anseios de um futuro encontro ou reencontro: “talvez ainda var air no MEB, neste corente para nos converça”⁶⁵. Expressia-se também o desejo de estar pessoalmente com as supervisoras ou com alguém da equipe do MEB numa visita à escola radiofônica ou num possível treinamento.

Essa correspondência entre monitores e supervisores revela o uso de uma estrutura epistolar típica dos manuais históricos, dividida em cabeçalho, introdução, desenvolvimento e saudações finais, cujos usos e significados específicos atribuídos por aquela comunidade pautava boa parte das relações cotidianas que nela se estabeleciam por meio das cartas.

“Escrevemos para dar notícias”: a formação de uma comunidade de escreventes

Nas cartas os monitores e os alunos revelaram suas habilidades com relação à escrita e usos contextuais que fizeram dela para comunicar ao outros sobre sua vida, seu trabalho e seu aprendizado na escola radiofônica. Além de narrarem suas experiências como monitores ou como alunos a partir de seus distintos níveis de apropriação e de uso da escrita, deram à comunicação epistolar um caráter educativo e cotidiano no sentido do “uso da correspondência escrita dentro das sociedades alfabetizadas [que] cria e mantém não somente relações interpessoais, mas também autênticos e variados circuitos sociais de intercâmbio informativo e cultural”⁶⁶.

Por meio da troca e da circulação das cartas se formou o que Armando Petrucci chamou de “comunidades de escreventes” as quais, pequenas ou grandes, possibilitavam o estabelecimento de laços de amizade e o fortalecimento de ideais políticos ou religiosos entre seus membros. Apesar do intercâmbio de cartas promovido pelo MEB se restringir a um número limitado de ouvintes ligados a cada sistema, as emissoras

⁶⁵ Carta da monitora Maria da Paz à professora, em 10/12/1963 [Sítio]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(3).

⁶⁶ “el uso de la correspondência escrita dentro de las sociedades alfabetizadas crea y mantiene no solo relaciones interpersonales sino autênticos y variados circuitos sociales de intercambio informativo y cultural”, PETRUCCI, *op. cit.*, p.98.

constituíram um canal de comunicação de tipo aberto, que promovia a circulação de informações entre a comunidade mais ampla de pessoas diversas, vinculadas a grupos políticos e religiosos adjacentes ou que compartilhavam condições de vida e de trabalho muito semelhantes.

Através do outro meio de comunicação que pautava o cotidiano da escola radiofônica, o rádio, essa pequena comunidade de escreventes podia trocar informações e experiências de forma mais abrangente, visto que algumas cartas escritas por monitores e alunos eram eventualmente lidas e respondidas durante a programação. Narrativas de experiências positivas ou negativas vividas na escola e na comunidade também foram escritas com a intenção de serem compartilhadas com os ouvintes da programação radiofônica, que difundia ainda a leitura de poemas e pedidos de gravações de músicas dedicadas aos familiares e amigos.

Em um relatório das atividades do MEB em Pernambuco no ano de 1964 considera-se que:

É bastante significativo o número de cartas de monitores e alunos, que as equipes recebem. Observa-se que eles sentem prazer em escrever, representando isso no processo educativo não somente mais um meio de comunicação como também numa oportunidade para desenvolvimento da escrita.⁶⁷

Ao longo de 1964 os sistemas do MEB em Pernambuco receberam o total de “258 cartas de alunos e 1471 cartas de monitores, sendo a maioria delas respondida através do rádio, especialmente no programa de sábado”⁶⁸. No ano seguinte o intercâmbio foi maior, foram recebidas 2187 cartas de monitores e líderes e 662 de alunos. Para o MEB as cartas tinham uma função importante na comunicação e na prática da escrita e foram também utilizadas em alguns treinamentos de formação de monitores. As correspondências ajudavam, entre outras coisas: “no conhecimento do nível de aprendizagem de monitores e alunos; na descoberta da situação das escolas e das localidades; na atuação de alunos e monitores em assuntos das escolas e das comunidades; na adaptação dos programas”⁶⁹.

⁶⁷ MEB/Pernambuco. Relatório de 1964. [s.l.]. [s.d.]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 6(2).

⁶⁸ *Idem*.

⁶⁹ MEB/Pernambuco. Relatório anual de 1965. [s.l.]. [s.d.]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 6(2).

Como sabemos, a motivação central para a escrita das cartas pelos monitores era dar notícias às equipes de supervisão sobre o andamento das aulas e das escolas radiofônicas. Como seu cotidiano envolvia uma série de tarefas práticas a desempenhar durante as aulas e era permeado pela interação entre monitores e alunos, da qual resultavam práticas e expectativas de aprendizagem diversas, os assuntos das cartas são muito variados em termos de temas e conteúdos, indo desde as questões práticas de organização e manutenção das escolas até o aprendizado e a frequência dos alunos, as atividades do monitor na escola, as demandas com relação ao MEB e as equipes e o conteúdo das aulas, entre outros.

A partir da classificação que fizemos das cartas por meio de palavras-chave, pudemos construir uma ordenação geral de temas recorrentes, através dos quais organizamos essas fontes por blocos de assuntos, mapeando, assim, o tipo informação que circulava entre as escolas radiofônicas por meio das cartas enviadas às equipes locais que eram respondidas durante a programação. Abordando de um modo geral os aspectos da vida cotidiana, os relatos têm duas dimensões distintas: de um lado, a dimensão do ensino e da aprendizagem propriamente dita e, do outro, a dimensão organizacional e material da manutenção das escolas. Quanto a esta última, os monitores solicitavam materiais e comunicavam o envio de remessas de dinheiro para pagamento dos mesmos, remetiam folhas de matrícula e frequência, tiravam dúvidas sobre os procedimentos de matrícula dos alunos, a radicação de novas escolas, o fechamento de outras e a dinâmica das aulas. Mencionavam, sobretudo, dificuldades relativas à infraestrutura, falta dos recursos financeiros e de materiais necessários e, por fim, relatavam os problemas técnicos com relação aos aparelhos e transmissões, bem como dos horários impeditivos em que a aulas eram transmitidas.

Com relação a sua atuação, os monitores narravam suas estratégias e práticas particulares por meio das quais promoviam as atividades de leitura e escrita e os exercícios aritméticos desenvolvidos com os alunos, além de mencionarem os temas do currículo transmitido via rádio e tirarem dúvidas sobre o conteúdo das aulas. Também expressavam suas frustrações quanto à baixa frequência dos alunos e as desistências, atribuídas, no mais, a condição do trabalho rural que dificultava o ritmo diário das aulas. O *ethos* religioso que dava sentido missionário à sua atividade como monitor também aparecia na descrição do sentido do trabalho de base das escolas radiofônicas do MEB,

sobretudo nas ocasiões em que relatavam as dificuldades cotidianas enfrentadas para dar prosseguimento ao mesmo.

Quando à dimensão da aprendizagem, abordavam o aproveitamento da turma e os conteúdos de maior interesse e afinidade, avaliando desempenho e dedicação dos alunos e a frequência. Os monitores, muitas vezes atribuíam um valor político ao seu engajamento e revelavam a expectativa de desenvolverem a alfabetização e a educação de base como atividades indispensáveis para a melhoria das condições de vida dos alunos e da comunidade de modo a contribuírem, em sentido amplo, com o desenvolvimento do Brasil. Nesse aspecto, associavam seu trabalho à tarefa de conscientizar o povo, de promover a cooperação e a luta por um Brasil mais desenvolvido. As suas atividades na animação popular, na promoção da educação de base e na atuação no *Clube de Vendas* eram consideradas parte dessa prática política baseada nos conteúdos políticos e pedagógicos do MEB.

Por fim, a vida da comunidade, suas expressões culturais e festas religiosas, suas condições de vida e de trabalho e as relações do movimento com outros espaços de organização social e política são assuntos que também aparecem nas cartas, incluindo o golpe civil-militar que afetou diretamente algumas escolas e suas comunidades.

Por suas características de produção, as cartas que compõem o fundo MEB, utilizadas como fontes principais desta pesquisa, nos permitem aclarar o ser e o sentir daqueles grupos e, por isso, sua guarda, conservação, organização e divulgação têm um papel fundamental. São fontes que possibilitam a realização de pesquisas ligadas à história da educação em torno dos aspectos relativos à experiência pedagógica do MEB e também à história de forma mais ampla, pois nos revelam questões da vida dos camponeses, de sua realidade material, religiosa e cultural e de seus sentimentos e dinâmicas com relação ao acesso à cultura escrita.

Assim como os autores das cartas, que costumam finalizar suas missivas enviando ao leitor votos de saúde e desejos de boas novas, encerramos essa apresentação da discussão das fontes com o anseio de que a coleta e organização das cartas que compilamos e formatamos, a partir deste arquivo do MEB de Pernambuco entre os anos de 1961 e 1966, possa render bons frutos a nossos leitores e incentivar trabalhos de pesquisa futura assim que nos seja possível disponibilizar digitalmente

nosso banco de dados em caráter público e acessível. Pois, apesar do potencial promissor dessa documentação no que se refere às pesquisas, sabemos que a carência de arquivos na área tem sido determinante para que a oferta de fontes no âmbito da escrita popular seja tão reduzida, dificultando aos pesquisadores interessados na temática estabelecer suas investigações.

CAPÍTULO 2

CONCIENTIZAÇÃO E TREINAMENTO DOS MONITORES

Senhoras professoras nós os monitores do Condado estamos unidos para a realização do nosso objetivo que é alfabetisar os adultos das nossas comunidades. Dando-lhes assim uma vida mais vida fazendo que chegue a eles as voses amigas das professoras através dos rádios-escolas. Também as palestras especiais da equipe aqui de Nazaré o que nos alegra muito ver em nosso meio de simples camponeses ilustres professoras ricas que deixam de lado o gôzo e a comidade de seus lares para está sempre com os camponeses em seus umildes lares procurando meios eficaz para melhorar as nossas precarias situações. Nós te agradecemos nobres senhoritas tudo o que estão fazendo por toda gente pobre do nordeste do Brasil. Agradecemos aqui a reunião feita em nosso meio onde o nosso companheiro José Francisco mostrou para nós seu esforço para nosso bem.

Antonio Jorge, Condado, em 06/11/1965

Na introdução apresentamos os grupos que se articularam e os fatores que corroboraram para a criação do MEB tendo em vista o contexto político e econômico de inícios da década de 1960. O MEB é fruto de uma aglutinação de interesses, que respondem, em parte, à política do Estado no campo educativo e, em parte, às distintas motivações oriundas da Igreja Católica. Institucionalmente, a Igreja desejava conter o avanço dos movimentos populares de luta pela terra e em favor do comunismo e promover uma ação evangelizadora por meio do trabalho de base que a aproximasse das populações camponesas e contribuísse à sua expansão no meio rural. De outro lado, havia, como foi dito, a ação de grupos de católicos leigos que atuavam em outros espaços políticos e que viam no MEB a possibilidade de atuar como militantes políticos engajados na luta pela organização dos trabalhadores rurais.

Nesse aspecto interessa compreender os fundamentos da proposta do MEB direcionada às populações rurais das “áreas subdesenvolvidas”⁷⁰, sobretudo como aparece formulada nos relatórios e planos de atividades produzidos em alguns dos

⁷⁰ Termo aditivo ao convênio celebrado aos 21 de março de 1961 entre o Ministério da Educação e Cultura e a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, para que o MEB executasse o programa de educação de base nas áreas subdesenvolvidas, visando ao cumprimento do decreto n.50370 de 17 de julho de 1963. Belo Horizonte, 19/06//1964. 2p. Fundo MEB. Acervo CEDIC.

sistemas do Estado de Pernambuco, cujos objetivos e atividades contemplam duas dimensões: a alfabetização por meio da educação de base e a organização da comunidade em torno da resolução de problemas. Através do funcionamento real dos sistemas e do trabalho concreto das equipes locais, que buscaram atender as demandas educativas emergenciais das comunidades, esses pressupostos ganharam contornos específicos e nem sempre sua concretização correspondeu às expectativas do MEB em relação a sua própria atuação nas comunidades.

Pressupostos para a ação pedagógica do MEB nas comunidades

O MEB produziu, por volta de meados de 1964, um documento intitulado *Notas sobre seus objetivos, sua programação e sobre o desenvolvimento dos alunos*, no qual sintetizava seus objetivos para o ano seguinte em relação às escolas radiofônicas; uma espécie de texto guia que deveria dar subsídios para a elaboração das atividades pelas equipes locais. No tópico referente aos métodos empregados pelo MEB, consta que suas ações deveriam se orientar para “o trabalho e estudo, daquilo que está, realmente, ao alcance do lavrador brasileiro”, “dentro de sua estrutura motivacional e de pensamentos característicos” no sentido de “uma tentativa, cada vez mais realizada, de fazer do lavrador, em sua situação real, o centro e o sujeito de uma educação para a comunicação e para a produção em comunidade”⁷¹.

O texto foi produzido cerca de três anos após o início das atividades do MEB em Pernambuco, o que pressupõe que nele esteja contido um acúmulo de informações e experiências relativas às atividades desenvolvidas pelo movimento ao longo de seus primeiros anos de atuação. De forma geral, vemos neste documento que a concepção pedagógica que orienta originalmente o MEB é reafirmada ao considerar a ação dos monitores potencialmente capaz de intervir na transformação da realidade.

Outro ponto destaca o sujeito no foco da atuação e da comunicação com e na comunidade, partindo da ideia de que o homem, a partir da sua experiência, pode

⁷¹ MEB/Escolas Radiofônicas. s/d. Fundo MEB. Acervo CEDIC.

perceber-se enquanto agente do processo histórico e por meio da participação ativa promover mudanças em sua condição de vida, o que revela uma visão de certo modo idealizada em relação às potencialidades dos sujeitos em interação na realidade das comunidades atendidas pelo MEB.

Essa perspectiva do potencial transformador do homem corresponde à conscientização como princípio básico da ação, em pauta nas origens do MEB e que se manteria ainda nos primeiros anos de sua atuação.⁷² No documento, a conscientização é apresentada como “a tomada de consciência, pelo educando, de seus valores, da significação vivencial de seu trabalho de Homem no Mundo”, vista como algo intrínseco “à própria educação, pois ela significa ajudar alguém a tomar consciência do que ele é (consciência de si), do que são os outros (comunicação dos dois sujeitos) e do que é o mundo (coisa intencionada), que são os três polos de toda educação integral”

Por um lado, tal princípio estava permeado pelos vetores ideológicos da conscientização para fins políticos, visto que os objetivos das atividades nas escolas radiofônicas eram, respectivamente, “conscientização, mudança de atitudes e instrumentação das comunidades”⁷³. Isso de alguma forma estava relacionado com a noção de ideal histórico que permeou a formação dos membros da JUC que se inseriram no MEB, que se aproximava do projeto histórico existencialista de Veira Pinto e dos isebianos, apresentados anteriormente, e também das formulações de Maritain do *ideal histórico*. Sob influência dos textos de Pe. Almeri Bezerra, os jucistas assimilaram a ideia de que a fé dos cristãos se concretizavam numa forma de estar no mundo e que era preciso, além do conhecimento e da reflexão, o engajamento ativo na realidade a ser vivida pessoalmente.

A formulação do conceito de *consciência histórica* por Padre Vaz, também influenciou, por sua vez, a noção de consciência que fundamentava a proposta do movimento. Segundo o padre jesuíta, a *consciência histórica*, “revela a original historicidade da consciência ou sua abertura para o ser-no-tempo”, visto que permite “a projeção de um sentido histórico ou de uma inteligibilidade histórica na experiência temporal do ser” que instaura a sua dimensão histórica.⁷⁴ A consciência seria, portanto,

⁷² MEB/Escolas Radiofônicas. s/d. Fundo MEB. Acervo CEDIC.

⁷³ MEB/Escolas Radiofônicas. s/d. Fundo MEB. Acervo CEDIC.

⁷⁴ VAZ, 1968, p. 203.

fundamento da existência do homem e a tomada de consciência consiste no conhecimento de si, do outro e do meio ao longo de um tempo vivido, sendo intrínseca à experiência humana: “consciência que pensa a História porque existe historicamente”.⁷⁵

Por outro, os parâmetros do MEB correspondiam à visão católica de que, assim como Deus se comprometeu a salvar toda a humanidade, cada homem deveria comprometer-se individualmente com seu semelhante, sobretudo estando este numa condição inferior, de fraco ou oprimido social.⁷⁶ A crença no pleno potencial da atuação pessoal sobre a realidade com a finalidade básica de melhorá-la dá sentido à ação daqueles que se viam possuidores de conhecimentos mais genuínos sobre a realidade e que, desse modo, tinham o dever de ajudar seu semelhante. O trabalho das equipes junto às comunidades tinha então esse sentido transformador e, os monitores, por sua vez, deveriam ser despertados e estimulados por eles para suas potencialidades de atuação a partir do conhecimento e da sensibilização para os problemas que afetavam a comunidade.

O texto ainda destaca a ideia de que a atuação do MEB na comunidade seria mais decisiva na medida em que suas ações e o trabalho dos monitores extrapolassem as atividades de alfabetização. Para eles, o papel das escolas radiofônicas não deveria se esgotar nos objetivos da educação voltada para “aqueles que podem ser atingidos numa escola”; diferenciando-se de uma escola convencional por ser incompatível com sua concepção de educação de base, a escola radiofônica deveria “ser entendida dentro do conjunto maior das atividades e da vida de toda a comunidade camponesa”.

Ao propor que a ação do MEB integrasse a alfabetização à organização da comunidade a partir de outros espaços, tais como sindicatos, “clubes de mães, clubes agrícolas, associações de moradores, clubes de jovens, cooperativas, etc”, se construía um discurso próprio sobre a importância e o modelo de educação de adultos, que não estaria restrito a noção escolar, mas abarcaria a resolução dos problemas das regiões subdesenvolvidas. Era preciso, portanto, conhecer os problemas das comunidades e da sua realidade, “extrair seu conteúdo da realidade concreta e voltar para ela suas

⁷⁵ VAZ, *op. cit.*, p. 204.

⁷⁶ ROMANO, *op. cit.*.

soluções”, além de promover outras formas de organização e mobilização política que estavam além da transmissão do conhecimento⁷⁷.

Destaquemos que o MEB atribuía à sua ação nas comunidades um sentido social e não econômico, no que se refere à promoção das transformações mais profundas da estrutura produtiva, nesse caso, do acesso à terra no âmbito do capitalismo vigente. Tal visão está relacionada aos valores católicos e a forma como a Igreja orientou sua política em relação à questão agrária a partir de meados da década de 1945. Em seu discurso oficial os bispos procuraram orientar a ação dos seus membros no sentido da promoção da justiça e da igualdade, valores capazes de estabelecer um equilíbrio social nas relações entre trabalho e produção, postas acima das questões relacionadas à estrutura econômica propriamente dita.⁷⁸ A ação pedagógica do MEB baseava-se no reajustamento da sociedade por meio de uma lei natural que buscava soluções para a convivência entre irmãos, sem a necessidade do emprego de meios mais radicais e subversivos da ordem.

Ademais de seu aspecto conservador, ao direcionar o trabalho junto às comunidades para a promoção da conscientização, como intrínseca “à própria Educação, pois ela significa ajudar alguém a tomar consciência”, o documento dota suas concepções pedagógicas de um caráter hierárquico com relação ao conhecimento e ao papel de seus militantes nas comunidades⁷⁹. Isso porque, atribui à consciência um caráter objetivo e à ação política a missão de “despertar” a compreensão da realidade no indivíduo, o que se daria a partir do conhecimento científico combinado com uma compreensão genuína do evangelho, que era partilhada somente por alguns membros da Igreja.⁸⁰ Essa concepção reafirma a educação a partir da relação entre desiguais, pois vislumbrava a conformação da ação individual à uma verdade universal que se sobrepõe à experiência do sujeito, ignorando o fato que este, por existir e interagir no mundo, já possui consciência de si, do outro e das relações sociais e de trabalho que o rodeia.

É certo que os trabalhadores rurais já possuíam uma consciência do mundo por sua própria experiência e, a partir dela, construíram suas representações a respeito da sua condição. Essa consciência não pode ser valorada pelo potencial crítico acerca da

⁷⁷ MEB/Escolas Radiofônicas. s/d. Fundo MEB. Acervo CEDIC.

⁷⁸ CARVALHO *et al.*, 1985.

⁷⁹ MEB/Escolas Radiofônicas. s/d. Fundo MEB. Acervo CEDIC.

⁸⁰ ROMANO, *op. cit.*.

realidade, conforme pretendiam os intelectuais, mas nasce da experiência direta do camponês das condições que dificultavam sua vida: pobreza, carência de recursos e instrumentos de trabalho, falta de água e acesso à terra e à escola, entre outros. Como sugere Thompson ao falar da formação da consciência entre os trabalhadores ingleses, eles “aprenderam a contemplar suas próprias vidas”.⁸¹ Essa consciência que nasce da experiência circula em suportes culturais como, por exemplo, poemas, literatura de cordel ou outros escritos populares e as cartas, sobretudo através de elementos e recursos da oralidade, dado o número de analfabetos existentes entre a população rural. Nesse aspecto, o papel do leitor que recitava ou lia para o povo nos espaços públicos ou privados merece, certamente, ser mais conhecido.

No que se refere ao conteúdo pedagógico do MEB a conscientização é chamada de Instrumentação que se desdobra em três pontos:

Quadro 1: Instrumentação

<i>Instrumentos de análise</i>	<ul style="list-style-type: none"> – Ler, escrever e interpretar textos com situações e vocabulários próprios de lavradores. – Distinguir e identificar as principais relações, que existem entre as instituições e estruturas sociais, econômicas, políticas e religiosas mais importantes e suas principais tendências.
<i>Instrumentos de produção</i>	<ul style="list-style-type: none"> – Saber utilizar os procedimentos básicos de higiene e saúde. – Saber utilizar as operações matemáticas necessárias às suas relações de produção e consumo. – Saber utilizar a legislação e costumes referentes a suas relações de produção e consumo. – Saber utilizar as potencialidades econômicas da comunidade em que vive.
<i>Instrumentos de organização</i>	<ul style="list-style-type: none"> – Conhecer as técnicas do trabalho em grupo. – Conhecer a legislação básica sobre associações: clubes, cooperativas, sindicatos e organizações políticas. – Saber fundar e dinamizar clubes, sindicatos e cooperativas.

Fonte: MEB/Escolas Radiofônicas. s/d. Fundo MEB. Acervo CEDIC.

Se observarmos as propostas nas quais se desdobram os três pontos da Instrumentação, vemos que todos estão permeados pelos três objetivos da conscientização: o conhecimento de si, do outro e do mundo, que se dá a partir de um movimento do indivíduo em direção ao grupo e à realidade que o cerca. Nesse modelo, a ação pedagógica coloca consciência e realidade como dimensões intrínsecas à

⁸¹ THOMPSON, 2002, p. 93.

educação Nos *instrumentos de análise* estão contidos os conteúdos da alfabetização relativos à aquisição da leitura, escrita e interpretação a partir do vocabulário próprio do camponês, organizada no conteúdo de *Linguagem*. Os conteúdos de Conhecimentos Gerais apareciam nos *instrumentos de análise* como *Higiene-Saúde-Alimentação, Técnicas e Relações de Trabalho Agrícola*. Segundo o documento, esses conteúdos tinham o objetivo de possibilitar aos monitores e alunos identificarem e diferenciarem as instituições, estruturas sociais, econômicas, políticas e religiosas mais importantes e suas principais tendências.

Nos *instrumentos de produção*, o conhecimento é estruturado a partir do trabalho e das relações de produção e consumo que se praticavam na localidade, pelas quais monitores e alunos aprendiam as operações matemáticas, chamadas de *Aritmética* nas aulas. O mesmo ocorre com os conteúdos referentes à legislação, a higiene, saúde e às potencialidades produtivas, que os monitores e alunos deveriam “saber utilizar” para interagir com a realidade. Por fim, os *instrumentos de organização* também se centram em torno do trabalho como a relação com o outro e suas formas de organização. Os *instrumentos de organização* deviam possibilitar os conhecimentos técnicos destinados à construção de experiências de interação em espaços de associativismo e formas de atuação política que se davam em clubes, sindicatos e cooperativas.

Os três pontos, conscientização, motivação e instrumentação “têm seu ponto de partida no trabalho, têm nele seu fim e nele encontram unidade”, além disso, “a estrutura motivacional e de pensamento característico do homem do campo, dão as bases para a confecção do currículo, dos livros textos e cartilhas, das aulas e dos roteiros para os debates e trabalhos dos diversos grupos organizados na comunidade”⁸².

Na maior parte dos materiais produzidos pelo MEB, vemos que a conscientização é citada como forma de ação e, por isso, buscamos compreender de que modo aparece formulada no plano de ação pedagógica do movimento, pois, como temos visto até aqui, a relação entre o intelectual e o povo é um central nos movimentos de educação popular do período.⁸³ Interessa-nos saber como o MEB organiza sua ação de modo a dar unidade a processos sociais heterogêneos que, como vimos, caracterizam o movimento. Os intelectuais que formularam a proposta pedagógica do MEB construíram uma

⁸² MEB/Escolas Radiofônicas. s/d. Fundo MEB. Acervo CEDIC

⁸³ PAIVA, 1986.

imagem de si e do movimento que deram sentido à sua ação; entretanto, na interação com a realidade do trabalhador rural e sua condição de vida, produziram-se resultados que nem sempre respondiam aos anseios do movimento ou dos militantes em relação ao seu papel nas comunidades atendidas.⁸⁴

As equipes locais e os sistemas do MEB em Pernambuco

O MEB teve forte penetração no meio rural, precisamente nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste e no Estado de Minas Gerais. O movimento estava presente em 14 estados brasileiros no início de 1964: Amazonas, Pará, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso e Rondônia. Em 1961 contava com 11 sistemas, ampliados para 59 em 1963 e reduzidos para 55 em 1964 e para 51 no ano seguinte⁸⁵. Os programas eram transmitidos por 25 emissoras.⁸⁶

Em 1963 o MEB atingiu em nível nacional o número máximo de escolas radiofônicas: 7353. Porém, já no final deste mesmo ano o número de escolas se reduzia para 5573, devido, em grande parte, ao programa “A Voz de Brasil” cuja duração aumentara de 30 minutos para uma hora. O número de escolas volta a subir no ano seguinte para 6218 com a abertura de novas escolas radiofônicas. Em dezembro de 1964 ocorre uma nova redução para 4554 escolas devido à instauração do governo ditatorial, o que gerou uma série de consequências para o funcionamento do MEB. Entre 1961 e 1965 o número de alunos concluintes foi de aproximadamente 380 mil.⁸⁷

Em março de 1964, trabalhavam no movimento 542 pessoas, entre técnicos, administradores e supervisores. Ao longo de toda sua existência, o movimento

⁸⁴ MELUCCI, 2001.

⁸⁵ A redução no número de sistemas a partir de 1963 está relacionada aos problemas financeiros vividos pelo movimento devido ao corte de verbas. Em 1963, estava previsto no Orçamento Geral da União o envio de Cr\$ 600.000,00, entretanto, foi recebida uma verba de Cr\$ 318.000,00, pouco mais de 50% do valor solicitado pelo MEB em seu plano de aplicação. Após 1964, com a instauração do governo ditatorial, continuaram havendo cortes para o orçamento anual, que sofreu redução de 70% com relação ao valor da verba solicitada, WANDERLEY, 1984.

⁸⁶ WANDERLEY, *op. cit.*.

⁸⁷ *Idem.*

capacitou 13770 pessoas entre professores, supervisores, animadores populares e monitores dos quais, em 1963, 7500 eram voluntários. Ao longo dos cinco primeiros anos de atuação, o total de alunos concluintes foi de 65.574. A população total de Pernambuco em 1965 era de aproximadamente 4.500.000 de habitantes, o que significa que durante sua atuação o sistema atendeu cerca de 1,5% da população do Estado.⁸⁸ De modo geral, o movimento contava, em nível nacional, com um Conselho Diretor Nacional (CDN), formado por nove bispos e arcebispos, mais dois leigos, sendo que um deles representava o Presidente da República; nos Estados havia um Conselho Diretor Estadual (CDE), que reunia os bispos das áreas em que o MEB atuava naquele Estado. Os leigos estavam agrupados na Comissão Executiva Nacional (CEN) que, subordinada à CDN, tinha como função orientar e coordenar as atividades das equipes estaduais, às quais se subordinavam as equipes locais.⁸⁹

A equipe local era constituída de uma emissora, geralmente de propriedade da Igreja Católica e sob a responsabilidade de um bispo diocesano. Na verdade a região de abrangência da equipe local coincidia com a área da diocese. Além disso, era formada por uma coordenação, por funcionários administrativos e pelas supervisoras que se responsabilizavam pela escolha e treinamento dos monitores e funcionamento das escolas radiofônicas que deveriam visitar em algumas ocasiões.⁹⁰ As professoras locutoras estavam encarregadas da elaboração e emissão das aulas radiofônicas. De acordo com organograma as chamadas equipes locais de execução estavam sobre a presidência do bispo diocesano e eram divididas em: produção e transmissão de emissões; supervisão; secretaria e arquivos; material escolar e contabilidade⁹¹.

A atuação das equipes locais do MEB era sintetizada em cinco verbos de ação: orientar, coordenar, planejar, treinar e avaliar.⁹² Seu lugar na estrutura hierárquica do MEB ocupava a posição intermediária entre as escolas, os monitores e a equipe estadual, ou seja, entre as escolas e a cúpula ligada ao movimento. Como grupo mediador, suas responsabilidades se concentravam, primariamente, em torno das atividades de orientação dos monitores nas visitas de supervisão ou por meio das

⁸⁸ 2ª parte. [s.d]. [s.l]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 6(2). Fonte demográfica: https://pt.wikipedia.org/wiki/Demografia_de_Pernambuco. Consulta em 31 de ago. 2016.

⁸⁹ *Ibidem*.

⁹⁰ FÁVERO, *op. cit.*, p.56.

⁹¹ Organograma/Estrutura da Equipe Local. s/d. s/l. Fundo MEB. Acervo CEDIC.

⁹² Ver quadro 2 em Anexo.

correspondências. Também deveria exercer a coordenação dos recursos financeiros, prezando pela unidade e continuidade do trabalho das escolas do sistema através do contato com a equipe estadual, com as demais instâncias do MEB e com instituições que pudessem atuar junto com o movimento em parcerias que contribuíssem para a manutenção das escolas como, por exemplo, as prefeituras dos municípios, sindicatos, associações de moradores, casas paroquiais, entre outros.⁹³

As correspondências também documentam a existência de parcerias com as prefeituras dos municípios ou de contatos com vistas à obtenção de recursos. Uma delas é uma carta enviada pelo prefeito do município de Santa Maria da Boa Vista, em novembro de 1962, à Coordenadora das Escolas Radiofônicas de Petrolina, cumprimentando-a pela inauguração da Emissora a Voz do São Francisco, o que possibilitou a “inclusão do município no número dos atingidos pelas escolas”. Na carta o prefeito manifesta que “atendendo ao apelo dirigido a esta Prefeitura, tomo a com entusiasmo o compromisso de dar a cooperação que me permita às possibilidades econômicas da Comuna, para a manutenção das escolas citadas”⁹⁴. Além disso, há casos em que as equipes locais se engajavam em campanhas de vacinação promovidas pelas secretárias de saúde dos municípios.

As atividades de planejamento envolviam desde a expansão dos sistemas, até a elaboração das atividades da equipe e das escolas radiofônicas, observando as solicitações dos monitores e as condições da área. Acreditamos que nessa tarefa estavam compreendidas a elaboração dos roteiros de aulas e de atividades e o trabalho de animação popular junto às comunidades. O contato com os monitores e o treinamento dos mesmos também eram responsabilidades da equipe local, que deveria promovê-los por meio de encontros e reuniões realizadas sempre que possível.

Por fim, se procedia à avaliação com a realização de reuniões mensais do pessoal com o bispo diocesano e a produção de relatórios ou outros tipos de materiais que deveriam ser enviados à equipe estadual. As visitas de supervisão às escolas radiofônicas também deveriam servir como instrumentos de avaliação, assim como os

⁹³ No Quadro 3 são citadas algumas instituições com as quais cada sistema do estado de Pernambuco mantinha algum tipo de parceria, ver Anexos.

⁹⁴ MEB/Pernambuco. Correspondência. 19/11/62. Fundo MEB. Acervo CEDIC.

dados das folhas de frequência enviadas com as correspondências, compondo, todos esses registros, os textos produzidos pelos membros das equipes locais.

As equipes locais, por sua posição estratégica entre às instâncias mais altas do movimento e as pessoas engajadas diretamente no trabalho com as comunidades, possuíam uma série de atribuições e tarefas a desempenhar. A partir dos dados relativos aos sistemas abertos nos anos de 1963 e início de 1964, sistematizados nos quadros 3 e 4, podemos ver de forma mais consistente de que modo eram compostas as equipes locais e ter ideia da quantidade de pessoas para as tarefas necessárias à manutenção das atividades na escolas e comunidades e à ampliação dos sistemas. Com base nos dados referentes aos sistemas de Pernambuco podemos detectar alguns aspectos das condições materiais de trabalho da Equipe Local que talvez tenham sido determinantes na relação entre a Equipe Local e as comunidades onde se instalavam as escolas radiofônicas, e visualizar em que medida era possível atender às diretrizes do movimento.⁹⁵

Em relação ao crescimento dos sistemas, podemos identificar uma expectativa de aumento do número de escolas radiofônicas de 1298 em dezembro de 1963 para 1420 escolas no ano seguinte, previstas para o 2º semestre. Em relação ao aumento do número de pessoas das equipes locais, com o objetivo de atender a demanda de crescimento, observamos que entre dezembro de 1963 e março de 1964 foram contratadas seis novas pessoas, inclusive para os sistemas de Palmares e Juazeiro, locais onde se mostra a maior expectativa de expansão do número de escolas. Em 1963 o contingente total das equipes locais, distribuídas nos onze sistemas do estado de Pernambuco, era de 81 pessoas. No ano seguinte essa quantidade aumentou para 87 membros, refletindo um acréscimo nos quadros que acontecia, porém, somente em alguns sistemas específicos, como os de Palmares, Petrolina, Juazeiro, Caruaru, Garanhuns e Pesqueira⁹⁶. Seguem os quadros 3 e 4:

⁹⁵ Embora, devido à falta informações uniformes para todas as categorias, não possamos estabelecer uma comparação entre os dois períodos a respeito do crescimento dos sistemas, considerando número de alunos e de municípios atingidos pelas escolas radiofônicas.

⁹⁶ O sistema de Cajazeiras que aumentou sua equipe de três para cinco membros, pelo que consta no quadro, estava ligado à equipe de supervisão da Paraíba, e, por isso, não consideramos em nossa contagem.

Quadro 3: Distribuição das Equipes e dos Sistemas – MEB/Pernambuco (1963)

Sistema	n° pessoal	Transporte	Emissora	n° Escolas em dezembro	n° Alunos	Municípios atingidos	Treinamentos / participantes	Grupos
Recife	16	Rural Willys	Rádio Olinda	147	2216	16	05 / 192	Colaboração c/ Sindicatos
Nazaré da Mata	09	Rural Willys	Rádio Planalto*	200	3300	15	06 / 145	Clube de Mães
Palmares (ES)	02	Pick-up Willys	Rádio Olinda	17	330	05	02 / 37	Colaboração c/ Sindicatos
Caruaru	11	Rural Willys	Rádio Cultura do Nordeste*	227	2723	16	10 / 265	Colaboração c/ Sindicatos Associações de Bairros Casa do Trabalhador
Garanhuns	05	Rural Willys	Difusora Jornal do Comercio*	112	2203	13	03 / 121	Colaboração c/ Sindicatos
Pesqueira (ES)	04	Pick-up	Rádio Olinda	61	656	06	03 / 92	Colaboração c/ Sindicatos
Afogados da Ingazeira	13	Rural e Pick-up Willys	Rádio Pajéu de Educação Popular	301	9450	11	06 / 204	Sindicatos Clube de mães
Itacuruba (convênio c/ a C.V.S.F.)	06	Rural	Emissora Rádio Educativa de Itacuruba	50	344	03	- / -	Clube de mães Clube de jovens Bandeirantes Escoteiros
Petrolina	08	Pick-up	Emissora “A Voz do São Francisco”	163	2365	13	03 / 188	Colaboração c/ Sindicatos
Juazeiro (ES)	04	-	Emissora “A Voz do São Francisco”	20	407	02	02 / 46	-
Cajazeiras (ES – Paraíba)	03	-	-	-	-	-	01 / 41	-
<i>Total</i>	101			1298	24494	100	41 / 1331	

ES: Equipe de Supervisão

* horário contratado

Fonte: MEB/Pernambuco. Coordenação Estadual. Recife: 1964. Fundo MEB. Acervo CEDIC

Quadro 4: Distribuição das Equipes e dos Sistemas – MEB/Pernambuco (1º trimestre – 1964)

Sistema	Pessoal	Emissora	Transporte	Treinamentos / Participantes	Escolas N° Previsto
Recife	13	Rádio Olinda	Rural Willys	03 / 83	120
Palmares (ES)	03	Rádio Olinda	–	01 / 18	50*
Nazaré (ES)	07	Rádio Olinda	Rural Willys	05 / 139	150
Petrolina	12	Emissora “A Voz do São Francisco”	Pick-up	04 / 102	170
Juazeiro-BA (ES)	06	Emissora “A Voz do São Francisco”	Rural Willys	02 / 35	120*
Floresta (ES)	05	Emissora “A Voz do São Francisco”	Rural Willys	02 / 42	50
Cajazeiras (ES Paráiba)	05	Emissora “A Voz do São Francisco”	–	01 / 47	50
Caruaru	14	Difusora Jornal Comércio de Caruaru**	Rural Willys	08 / 194	200
Garanhuns	07	Difusora Jornal Comércio de Garanhuns**	Rural Willys	– / –	110
Pesqueira	06	Difusora Jornal Comércio de Pesqueira**	Pick-up	01 / 37	100
Afogados da Ingazeira	09	Rádio Pajeu de Educação Rural	Rural Willys Pick-up	07 / 214	300
Centro de Aprendizagem Profissional	07	–	–	–	–
Equipe Estadual	16	–	Kombi	–	–
Equipe de Pesquisa	02	–	–	–	–
<i>Total</i>	112	06	11	34 / 911	1420

ES: Equipe de Supervisão

ER: Escola Radiofônica

*ambas com 18 ER em funcionamento cada

** horário contratado

Fonte: MEB/Pernambuco. Coordenação Estadual. Recife: 1964. Fundo MEB. Acervo CEDIC

Os sistemas de Recife, Nazaré da Mata e Afogados da Ingazeira, por sua vez, tiveram seu número de pessoal reduzido: em Recife de dezesseis para treze pessoas; em Nazaré da Mata de nove para sete e em Afogados de treze pessoas para nove, o que deve ter ocasionado mudanças na dinâmica de trabalho desses sistemas. No caso de Recife, certos fatores podem ter inferido na redução do número de membros da equipe: a previsão de fechamento de 27 das 147 escolas radiofônicas de Recife que, contando com 2216 alunos matriculados em dezembro de 1963, se previa diminuir para 120 em abril de 1964. Em Nazaré da Mata também ocorre o fechamento, desta vez de 50 escolas, no intervalo entre os meses de dezembro e abril. O sistema tinha um total de 3300 alunos, segundo maior do Estado e compreendia 15 municípios, coordenado por uma equipe de nove pessoas que passariam a sete em 1964.

Desse modo temos, após os dois primeiros anos de atividade do MEB em Pernambuco, um aumento no número geral de pessoas engajadas nas equipes locais que, entretanto, não atingiu todos os sistemas do Estado, havendo diminuição do número de pessoas em sistemas de maior porte que juntos correspondiam a mais de 50% do total de escolas radiofônicas abertas em Pernambuco. Tendo em vista a posição estratégica da equipe local na mediação entre o MEB e a comunidade e na tarefa de abertura de novas escolas, a diminuição do número de pessoas atuando nas equipes locais de Recife e Nazaré da Mata pode ter tido consequências diretas e indiretas no fechamento de antigas e radicação de novas escolas nessas mesmas localidades.

As tarefas da equipe local estavam divididas em quatro partes – produção e transmissão de emissões, supervisão, secretaria e arquivos, material escolar e contabilidade – o que coloca uma significativa quantidade de demandas divididas entre equipes pouco numerosas que deveriam atender a três grandes sistemas do Estado. No sistema de Afogados da Ingazeira, a redução de treze para nove pessoas também não deve ter ocorrido de forma despercebida entre o grupo, já que o sistema contava com o maior número de escolas radiofônicas de todo do estado – trezentas segundo a fonte – e abrangia 11 municípios.

Apesar do aumento na quantidade total de membros das equipes locais houve, entre os anos de 1963 e 1964, diminuição no pessoal encarregado de desenvolver os trabalhos nos maiores sistemas do Estado. Em contrapartida, também vemos o aumento do número de pessoal nos sistemas de menor tamanho. Ademais, os maiores sistemas

não tinham uma equipe de pessoal muito maior que os sistemas de médio ou menor porte, o que demonstra que a escolha da quantidade da equipe não atendia de forma direta ao tamanho e estrutura do sistema no que se refere à quantidade de alunos e escolas radiofônicas. O sistema de Afogados da Ingazeira que era o maior, com mais de nove mil alunos matriculados e onze municípios atendidos, contava, em março de 1963, com nove pessoas engajadas no trabalho, menos que o sistema de Caruaru que contava no mesmo período com quatorze pessoas e tinha cem escolas a menos.

Ao que parece, apesar do lugar estratégico que as equipes locais ocupavam como mediadoras entre as escolas e as instâncias superiores do MEB e da diversidade de funções que deveria desempenhar na ampliação dos sistemas, na elaboração de roteiros de aulas radiofônicas, treinamento dos monitores, tarefas de apoio, gestão e manutenção, visitas, supervisão e correspondência, a quantidade de pessoas engajadas em cada sistema não correspondia diretamente ao tamanho e demanda de trabalho dos mesmos.

Essa diversidade de tarefas delegadas à equipes enxutas, nos leva considerar as condições materiais disponíveis para o desempenho das tarefas, visto que a quantidade de pessoal engajado nem sempre era proporcional ao sistema. Isso sem contar a diminuição nas verbas previstas às despesas do MEB, entre os anos de 1963 e 1964, que influenciou de forma direta o trabalho das equipes locais.

Há um *Programa do Monitor*, transmitido em setembro de 1963 pelo Sistema Radioeducativo de Olinda e Recife, em que a professora locutora anuncia, na abertura do programa, a realização de um “Dia de Estudo” para o monitor com a presença de supervisores nos municípios próximos às escolas. O objetivo desses encontros seria debater sobre os problemas das escolas radiofônicas que geravam dificuldades para o trabalho do monitor e que acabavam por desanimá-lo a continuar o seu trabalho⁹⁷. O “Dia de Estudo” foi pensado para estimular o encontro dos monitores para que pudessem discutir seus problemas em comum e pensar em soluções conjuntas. Entretanto, pouco mais de um mês depois da ideia ser anunciada no *Programa do*

⁹⁷ MEB/Sistema Radioeducativo de Olinda e Recife. Programa do Monitor. 14/09/1963. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 23(1).

Monitor, a professora locutora comunicou a suspensão da data por falta de verbas para realizar o projeto em todos os municípios.⁹⁸

A tarefa da supervisão de visitar as escolas radiofônicas o que, em tese, deveria ocorrer regularmente, tinha como obstáculos a distância das localidades e a dificuldade de acesso às mesmas, devido às péssimas condições das estradas e do clima, conforme aparece nas cartas: “agora é impossível devido não chegar transporte até aqui. Espero pois que a equipe do M.E.B. façam uma visita aqui quando houver possibilidade nas estradas”⁹⁹. No que se refere aos meios de transporte, todos os sistemas, exceto os de Palmares e Juazeiro, possuíam ao menos um veículo motor, e o maior sistema, o de Afogados, contava com uma Rural *Willys* e uma *Pick-up*. A precariedade restringia o trabalho dos grupos de supervisores, que não podia atuar de forma concomitante, mesmo no sistema de Afogados, que abarcava cerca de escolas 300 em março de 1964 e apresentava um intervalo entre visitas considerável.

Pelas cartas percebe-se que as visitas das supervisoras adquiriam sentidos e funções diversas na dinâmica das escolas radiofônicas. Podiam atender, primeiramente, à expectativa dos monitores em conhecer as supervisoras ou professoras que ouviam durante a programação: “amiga euuvia as suas vozes, mas não via as feição no dia 4 de outubro eu tive satisfação da senhora esta presente alegre meu coração”¹⁰⁰, sentimento também partilhado pelos “alunos [que] estão gostando imensamente e simpatizando muito a professora, desejosos de a conhecê-la”.¹⁰¹

Quando essas ocasiões de encontro eram finalmente concretizadas, se expressam nas cartas como momentos de grande satisfação que, segundo os monitores, contribuía de forma positiva para seu trabalho e para o andamento da escola estimulando, em alguns casos, a participação dos alunos e fomentando seu aprendizado: “os alunos antes eu dava poesia para decorarem achavam difícil só eram no trabalho da cebola, agora não! Eles mesmo é quem trazem as poesias para eu ver se servem para decorarem, foi

⁹⁸ MEB/Sistema Radioeducativo de Olinda e Recife. Programa do Monitor. 26/10/1963. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 23(1).

⁹⁹ Carta da monitora Maria Julia do Espírito Santo à Edna, em 31/08/1964 [Grotão]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(2).

¹⁰⁰ Carta da monitora Josefa Isabel Gomes da Silva à professora D. Leda, em 03/12/1963 [Jussaral]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(2).

¹⁰¹ Carta da monitora Maria Lira Rocha às supervisoras, em 07/08/1964 [Pau-Ferro]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(2).

ótima a visita das senhoras! Pena era ter poucos alunos”¹⁰², nesta outra: “Os alunos estão entereçados ainda mais pela escola ficaram satisfeitos em conhecer as Supervisoras acharam ótimas”¹⁰³.

Para os monitores e alunos, as supervisoras ocupavam o lugar de mediadoras entre o MEB e as escolas e sua visita representava a presença daquele movimento cujo conteúdo pedagógico era transmitido por meio da programação educativa via rádio. A chegada das supervisoras às escolas radiofônicas repunha essa ausência, o que se refletia na motivação dos monitores, em sentimentos de alegria e de agradecimento por sua visita: “Após da supervisão, a nossa escola melhorou mais, a frequência, os alunos mais entusiasmados para aprender as lições”¹⁰⁴.

As supervisoras ocupavam também um lugar de autoridade para as monitoras, que as acionavam no intuito de resolver diversos problemas escolares, como por exemplo, mediar conflitos entre alunos e monitores: “Olha a maior confusão na escola dela até o rádio já quiseram quebra na cabeça da professora. Só vendo a confusão de lá então peço-lhe mais uma vez que a senhora venha resolver urgente”¹⁰⁵. Por meio da sua autoridade também se tentava resolver os problemas relacionados à baixa frequência dos alunos que muitos monitores não se viam em condição de resolver sem a presença “institucional” do movimento: “Gostaria de que fosse feita uma reunião com eles isso talvez desse grande resultado” para que fosse possível conversar “pessoalmente e debater os problemas que lhes fazem afastar da aula”¹⁰⁶. Até casos mais sérios, em que a monitora esperava a vinda da supervisora para decidir se segue com a escola radiofônica mesmo com pouca quantidade de alunos: “que você tentar até o dia 15 e os alunos convidasi os outros para que a nossa escola não se feixe. mais você aguardar a supervisão”¹⁰⁷.

¹⁰² Carta da monitora Cecília Evangelista às supervisoras Anete, Maria Helena e demais, em 02/10/1964 [Sítio Betânia]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 3(1).

¹⁰³ Carta da monitora Oliete Dantas à supervisora, em 02/06/1964 [Verdejante]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(2).

¹⁰⁴ Carta do monitor José Pereira de Souza à professora Helenita, em 11/09/1964 [Ponta da Serra]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 3.

¹⁰⁵ Carta de Luzinete Lucas de Oliveira à professora Juvaneta, em 26/04/1964 [Orobó]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(3).

¹⁰⁶ Carta da monitora Maria Julita do Espírito Santo à Edna, em 31/08/1964 [Sítio Grotão]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(2).

¹⁰⁷ Carta do monitor José Pereira de Souza à supervisora D. Raimunda Teixeira, em 15/07/1964 [Ponta da Serra]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(1).

A tentativa de mobilizar os alunos por meio da visita da supervisora é um tema muito frequente entre as cartas. É interessante destacar que essas ocasiões eram importantes não somente para estimular os alunos, mas também os monitores: “Eu estou um pouco animada para continual as aulas, eu achava bom que a Sra tase um dia anti do comeso das aulas a senhora fose em minha casa eu reunia os alunos todos e a S. fazia uma convessa com eles” diz a monitora, e sugere que a supervisora avise sobre a visita pelo rádio, a fim de que seja possível reunir alunos e monitoras de outras comunidades também: “eu reunia as monitora de Palmeira, com os alunos e a S. fasia uma conversa com todos alunos e monitores repeito das aulas, não eram bom assim ia a Equipe do MEB essas professôra e professôres ia um dia de Domingo”¹⁰⁸. Também pode-se perceber que a monitora requisita a presença da equipe do MEB, dos professores e das professoras, e não somente da supervisora a quem dirige seu pedido.

A presença das equipes nas escolas radiofônicas contribuiu, em muitos casos, para a organização dos alunos com vistas a promover seu maior engajamento na escola e nas atividades do MEB: “os alunos da minha escola ficaram satisfeitos é mais animados com a visita aqui na escola. Foi muito bom deu mais vida e mais coragem para estudarem. Já temos o representante do clube de venda foi eleito 15 votos contra 3 e aluno novo mais já entende o trabalho do caixa. Estou satisfeito”¹⁰⁹. Nesse caso, a organização do clube de vendas possibilitou aos alunos a escolha de um representante por meio de um processo de votação. O aluno escolhido, por sua vez, poderia utilizar os conhecimentos sobre contas para contribuir com as lições matemáticas.

A visita das equipes de supervisão às escolas radiofônicas era vista ainda como um momento em que a “modernidade” e as notícias chegavam à comunidade: “aviso a todos da Equipe que fiquei bastante satisfeita com a supervisão, muito obrigado das novidades nova, todos da comunidade estão gostando do jornal do monitor”.¹¹⁰ Em muitas ocasiões em que havia algum tipo de festa ou comemoração, era comum que os monitores pedissem que as equipes levassem gravadores ou máquinas fotográficas para registrar aquele momento especial e entusiasmar os alunos.

¹⁰⁸ Carta de monitora à professora Terezinha, em 30/08/1964 [Sitio Palmeira]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(2).

¹⁰⁹ Carta do monitor Hermes Nunes Magalhães à Equipe do MEB e às supervisoras, em 04/04/1966 [Tipim]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 4(1).

¹¹⁰ Carta da monitora Josefa Ferreira de Albuquerque às supervisoras, em 01/08/1965 [Esquecido]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 4(1).

As visitas atendiam, sobretudo, ao objetivo do MEB de mediar o trabalho nas comunidades. Apesar de haverem poucos membros disponíveis para atender a diversidade de funções e demandas que lhe eram atribuídas e das questões materiais relacionadas a verbas e condições de locomoção, o encontro que elas promoviam constituía uma dinâmica importante das escolas radiofônicas, tanto por marcar a presença do MEB nas comunidades, quanto simbolizar o acesso à modernidade e também por contribuir na organização da ação pedagógica do MEB junto à população rural.

Finamente, por meio das cartas e da solicitação da presença das equipes, os monitores manifestavam os limites da sua atuação e engajamento do modelo idealizado pelo MEB, cuja visão em relação ao povo e sua real condição de vida se revelavam incongruentes.

O Treinamento dos monitores: ocasiões de encontro

O treinamento anual era uma importante tarefa das equipes locais, pois os monitores eram preparados para o trabalho nas escolas radiofônicas, sendo “os objetivos do treinamento de monitores duas grandes linhas: a conscientização e a capacitação dos treinandos para suas funções no MEB”. De forma geral, essas duas direções citadas na apostila de apoio para os treinamentos consistiam em: conscientizar o monitor de seu papel na escola e na comunidade, por meio de atividades e dinâmicas que partissem da sua realidade que lhes possibilitassem “agir para modificar as estruturas injustas e inumanas”. O segundo aspecto era apresentar aos monitores os objetivos das aulas, os recursos de que dispunham e as técnicas de avaliação¹¹¹.

No relatório do I Encontro Nacional de coordenadores, realizado em Recife em dezembro de 1962, que discorre sobre a atuação do MEB nas comunidades durante seus primeiros anos de atividade, são apontadas críticas em relação à globalização da aprendizagem, falta de preparo de quadros e de unidade na linha de trabalho como

¹¹¹ MEB. O Monitor. Apostila 4. s/d. s/l. p.5. Acervo UFF/RJ.

problemas a serem superados e para os quais se deveriam buscar soluções nos anos seguintes. Chegou-se à conclusão de que “O emprego somente de ER não é suficiente”, além de que as atividades deveriam ser orientadas para “despertar a comunidade para que exijam e assumam as reformas necessárias à mudança de estrutura”, sob a recomendação de se dar “ênfase aos clubes de vendas, como primeiro passo para as cooperativas”¹¹².

Essas deliberações sintetizam a reordenação de princípios de atuação do MEB nas comunidades com a finalidade de promover um engajamento que ultrapassasse a dinâmica das escolas radiofônicas. O objetivo dessa mudança de enfoque se deveu à nova proposta de incentivar o desenvolvimento de associações profissionais que propiciassem ao trabalhador a conquista de direitos que, na ótica da Igreja Católica, eram fundamentais¹¹³. Tratava-se de um passo do movimento na direção do “processo de autoconscientização das massas, para uma valorização plena do homem e uma consciência crítica da realidade”, que deveria, sobretudo, “partir das necessidades dos meios populares de libertação, integrados em uma autentica cultura popular, que leve a ação transformadora” e, por fim, propiciar “concomitantemente, todos os elementos necessários para capacitar cada homem a participar do desenvolvimento integral de suas comunidades e de todo o povo brasileiro”¹¹⁴.

Apesar da promoção da consciência como estratégia política estar presente nas concepções originais do MEB, a priorização da organização das comunidades ganha força a partir de 1963, quando o início das atividades das escolas radiofônicas e a radicação dos sistemas deixam de ser questões emergenciais. Nos sistemas de Pernambuco em especial, que atingiram um número de nove sistemas em 1963, chegaria a oito nos anos seguintes, número que se estabiliza até 1966, configurando um momento em que a expansão dos sistemas deixava de ser, de fato, uma prioridade para as equipes

¹¹² MEB/Nacional. I Encontro de Coordenadores. Conclusões II. Rio de Janeiro. [1964]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 5.

¹¹³ Em documentos oficiais da diretoria nacional do MEB, Souza identificou conflitos entre as orientações da diretoria nacional, que propunha uma *educação sindicalista*, e as práticas de padres e militantes leigos. Essa educação sindicalista era vista como prática concernente ao processo educativo, tendo como objetivo formar líderes comunitários por meio de debates, da sindicalização e da criação de novos sindicatos rurais. O que a pesquisadora observa é que, na prática, as atuações, orgânicas e ativas, nem sempre seguiam o que estava prescrito nos documentos normativos oficiais, SOUZA, 2006. Nesse aspecto, vemos uma cisão entre os níveis mais altos da hierarquia da Igreja, que orbitavam em torno das figuras de D. Eugênio Sales e D. Hélder Câmara, e os grupos mais radicais formados pelos católicos leigos WANDERLEY, *op. cit.*.

¹¹⁴ MEB/Recife. 1º Encontro de coordenadores. Recife, dez.1962. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 5.

locais¹¹⁵. As equipes locais começam, então, a dedicar parte de sua energia à formação política dos camponeses: “além de EERR, o MEB deve contar com outros meios de ação como: caravanas, comitês de ação popular; conselhos de comunidade; clubes; artesanatos; cooperativas; sindicatos; comitês de ER; comitês de ação política; etc”¹¹⁶.

Notamos que essa mudança de enfoque altera o cotidiano das equipes locais e se refletiu também nas orientações e nos objetivos propostos para o treinamento dos monitores e em relação às comunidades e às atividades pedagógicas do MEB. Nos relatórios de treinamentos produzidos pelas equipes dos sistemas de Caruaru e Recife, nos anos de 1964 e 1965, esses objetivos atendiam ainda, em grande medida, a proposta de rever e avaliar os trabalhos realizados, assim como propor novas estratégias de continuidade: “o programa básico visava uma revisão geral do trabalho realizado com uma avaliação de aproveitamento e atualização de métodos e técnicas”¹¹⁷.

A proposta de avaliação mostra um momento de transição, pela intenção de rever os trabalhos desenvolvidos até aquele momento e o planejamento para o período seguinte. Em relação à radicação, passa-se a pensá-la em alinhamento com a organização das comunidades em torno de associações e sindicatos, de modo a garantir a luta camponesa além das escolas radiofônicas.

Vemos assim, nos relatórios de treinamento, um predomínio de aspectos políticos pela proposição de diferentes dinâmicas de mobilização e organização dos monitores, que passariam então a atuar como “animadores” da comunidade, em detrimento de seu papel pedagógico. Reitera-se também que a educação de base é o “princípio vital da comunidade. não restrita à alfabetização. O homem todo”¹¹⁸.

No caso do sistema de Recife, se admitia claramente os limites da ação radioeducativa e a necessidade de se promover “reuniões de comunidade”, uma vez que “o compromisso assumido pela comunidade durante a radicação é transferido totalmente para o monitor e os alunos” e, por isso, o movimento deveria “integrar a escola na

¹¹⁵ MEB. MEB em cinco anos (1961-1966). 2ª Parte. s/l. s/d. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 6(2).

¹¹⁶ MEB/Nacional. I Encontro de Coordenadores. Conclusões II. Rio de Janeiro. [1964]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 5.

¹¹⁷ MEB/Caruaru. Relatório de Treinamentos 1964. Sistema Radioeducativo de Caruaru. Caruaru, 1964. Acervo UFF/RJ.

¹¹⁸ *Idem.*

comunidade”¹¹⁹. Essa constatação aparece num relatório de avaliação sobre um período de quatro meses, em que se notou a queda no número de escolas durante a entressafra, quando “escolas de bons monitores começaram a cair. Em diversos casos, a queda de frequência foi de tal ordem que tornou a escola sem nenhuma representatividade no meio camponês. Os alunos melhores saíam. A frequência se limitava a um grupo de adolescentes”; houvera um agravamento da crise no campo que colocara o sindicato em descrédito diante dos trabalhadores rurais, o que “seguiu-se de um afastamento da luta camponesa”¹²⁰.

O afastamento imediato dos alunos num momento de crise, que para as equipes deveria ser justamente o momento de maior organização junto à comunidade, demonstrava que o compromisso assumido pelos alunos se restringia à escola, evidenciando a fraca mobilização em torno de um compromisso com a “classe rural”. Diante desse quadro de desmobilização, o MEB busca enfatizar a necessidade política de organizar os camponeses. Assim é que, entre agosto e setembro de 1965, há em Recife a tentativa de envolver mais pessoas da comunidade num trabalho que ia além do âmbito radiofônico e visava “abrir o treino para formar outras pessoas que pudessem, com o monitor, lastrear nas comunidades um trabalho que não se firme numa ligação afetiva com a equipe ou no compromisso com a escola”¹²¹.

Diante do quadro de desmobilização da classe rural, a orientação recai na ênfase sobre os aspectos da realidade brasileira, de modo que os monitores deveriam buscar conscientizar alunos e outros membros da comunidade para os problemas do campo e para a responsabilidade e papel do homem na transformação da sua realidade. Os programas então deveriam apresentar uma “visão geral da realidade brasileira”, situando o homem nela de modo a chamar a atenção para seu papel realizador da integração na comunidade e do bem comum, reafirmando a visão religiosa de uma ordem coletiva a ser restabelecida a partir da ação do sujeito.

Os monitores também eram incentivados a se voltarem “para uma realidade atual”, desenvolver seu próprio potencial mobilizador e de liderança, como se verifica nos conteúdos dos treinamentos realizados em Caruaru em 1964, que se propunham

¹¹⁹ MEB/Recife. Reunião de Comunidade. s/l. s/d. Acervo UFF/RJ.

¹²⁰ MEB/Recife. Relatório de Treinamento de Líderes. s/l. s/d. Acervo UFF/RJ.

¹²¹ MEB/Recife. Relatório do Treinamento de Líderes. s/l. s/d. Acervo UFF/RJ.

apresentar aos treinandos “o papel do monitor na Escola e no MEB. As qualidades fundamentais. Liderança. O trabalho do monitor na comunidade”¹²². Em Petrolina, por sua vez, um roteiro de treinamento com duração de três dias, elaborado em agosto de 1965, distribuía o conteúdo da formação da seguinte forma: apresentar, no primeiro dia “a situação do povo no Brasil”, para que os monitores pudessem se inteirar das necessidades do povo, de sua “participação nas decisões do país” e, por fim, compreender que “o povo pode ser agente da história”. No segundo dia, abordava-se “como mudar essa situação”, tornando evidente “a necessidade de mudança” por meio da descoberta da “responsabilidade do povo” e de sua capacidade em “modificar a situação”. Na segunda parte das atividades, se destacava a “importância da organização”, para mudar a realidade de “abandono e acomodação” do povo com a finalidade de que a “voz do lavrador [fosse] respeitada”, apresentando-se o sindicato como forma de união e organização e, no último dia do encontro, os meios de se organizar o povo através de “Escola; Reunião; Noticiário; cantadores”¹²³.

Nota-se que os treinamentos, em seu conteúdo, procuravam abordar a realidade a partir do viés ideológico-religioso da “conscientização” a ser construída a partir de um ordenamento natural da sociedade que deveria ser conhecido pelo povo. Ademais, atribuía somente à ação pessoal do indivíduo a responsabilidade pelas mudanças em sua condição de vida, mascarando desse modo os fatores gerais e estruturais que eram determinantes para sua condição, principalmente relativos à falta de acesso à terra, as relações desiguais e injustas de trabalho, as péssimas condições de saúde, de moradia e de infraestrutura, bem como a falta de meios de transporte e de acesso à educação e à informação. O sentido dado à reforma social pelo MEB acabava por reiterar ao invés de possibilitar a transformação das estruturas oligárquicas que configuravam a realidade rural naquele momento.

As propostas de solução que orientavam a atividade dos monitores nas comunidades visavam canalizar a ação do povo no jogo de forças que se estabelecia por meio das mobilizações existentes no campo que, no início da década de 1960, eram de natureza muito variada: “é necessária na globalização de todas as matérias e atividades do MEB, a presença de uma mensagem forte, visando à conscientização, mas também

¹²² MEB/Caruaru. Relatório de Treinamentos 1964. Sistema Radioeducativo de Caruaru. Caruaru, 1964. Acervo UFF/RJ.

¹²³ MEB/Petrolina. Treinamento de animadores populares. s/l. ago. 1965. Acervo UFF/RJ.

buscando perspectivas de soluções, sem o que teremos *revolta*, e não *revolução autêntica*, como entendemos”¹²⁴. As estratégias mais adotadas foram as aplicações de testes para a elaboração de sociogramas e a promoção de debates com a proposição de perguntas para que os monitores falassem sobre suas condições de vida,¹²⁵ com a intenção de se obter informações objetivas, um conhecimento “puro”, da sua realidade para a partir daí planificar as ações do movimento. Nisso consistia a dimensão pragmática do trabalho das equipes locais: avaliação, coleta de informações e planejamento de ações estratégicas.

O treinamento dos monitores realizado em Santa Maria da Boa Vista, realizado entre os meses de outubro e novembro de 1965 com base nos objetivos elaborados pela equipe de Petrolina no relatório de agosto, é um exemplo nítido desse procedimento. O tema da Realidade brasileira foi apresentado aos 14 monitores e oito membros de sindicatos presentes no grupo que, após realizarem exercícios individuais e coletivos de redação e gramática, foram divididos em círculos de estudos para discutir a seguinte questão: “Você estão satisfeitos com a vida que levam? Por quê?”.

As respostas e conclusões dos grupos exprimiam insatisfação de todos com relação à suas vidas e revelavam as muitas mazelas que atingiam a vida da população camponesa, tais como a alta mortalidade, a falta de assistência médica, de transporte e de água: “por que as pessoas morrem antes do tempo”; “porque nos lugares falta água. Precisa ir buscar muito longe”; “porque quando a pessoa adoece, morre por falta de remédio”. Havia também insatisfação em relação à educação: “é difícil porque falta conhecimento”; “ninguém teve instrução”; “porque o analfabetismo ainda cresce”; “porque falta instrução e união”; e em relação ao trabalho, pela “falta de assistência técnica, financiamento, ajuda do governo, terra e instrução”.

Estas respostas foram discutidas em assembleia e sintetizadas em três blocos, que se referiam basicamente ao não acesso do povo aos direitos básicos relativos à saúde, à educação e ao trabalho. Segundo as mesmas, os problemas do povo deveriam ser resolvidos pelo “governo sozinho”, “o governo e o povo” ou “o povo unido, porque

¹²⁴ MEB/Nacional. I Encontro de Coordenadores. Conclusões II. Rio de Janeiro. [1964]. Fundo MEB. Acervo CEDIC [grifos meus], caixa 6(2).

¹²⁵ “a equipe recorreu ao emprego de ‘testes’ que funcionam mais praticamente, eliminadas as questões de cunho subjetivo e desnecessárias”. Para tal “foram observados os grupos de debates durante as reuniões, colhendo-se PPR código as intervenções de cada elemento”. MEB/Caruaru. Relatório de Treinamentos: 1964. Caruaru. mar/1964. p.06. Acervo UFF/RJ.

ele sabe o que sente” ou “que escolheria o governo cuja administração atenderia às suas aspirações”. No dia seguinte, a assembleia seguiu discutindo as relações de produção em suas comunidades e a falta de desenvolvimento quanto à infraestrutura necessária para a produção, o armazenamento e a colheita. Propunha-se a questão: “Você acha que a situação do povo pode mudar? Por quê?”. As respostas apresentavam como estratégia de mudança “a união de todos e o trabalho [...] Mais instrução para trabalharmos unidos [...] uns com os outros, todos se interessando pelos problemas da comunidade e Brasil, porque todos desejam paz e progresso”. A escola aparecia como espaço de luta “contra a ignorância” onde se poderia “aprender a ler e melhorar a situação do povo rural”. Por fim, por meio da assembleia “os treinandos viram que com a união do povo a situação será resolvida porque povo unido tem poder. E para o povo se unir, se faz necessário mais esclarecimento”.

A assembleia também propôs a discussão a respeito do sindicato: qual sua serventia para a organização do povo, quais ações deveriam ser empregadas para organizá-lo, quais critérios seguir para compor seus quadros, como promover ações de mobilização da comunidade como reuniões, debates, festas para arrecadação de fundos, entre outros aspectos.

No último dia do encontro, dedicado à avaliação dos trabalhos do MEB nas comunidades, os monitores apontaram os pontos positivos das escolas radiofônicas por ensinarem a ler, escrever e contar, além de outras coisas que nem pensavam que existia. Para eles, a escola radiofônica contribuía com a melhoria da vida da comunidade por propiciar as pessoas o acesso à alfabetização e “às contas”. Porém, o aproveitamento dos alunos não se dava de forma a atender suas expectativas, pois havia “pouca frequência, desinteresse, aulas difíceis para os alunos, pouca inteligência”.

Em face dos problemas apontados pelos monitores com relação ao mau aproveitamento e dificuldades de aprendizado dos alunos, os supervisores do MEB incitavam os monitores a “animar os alunos e ajudá-los para que haja um melhor aproveitamento”, mobilizar a comunidade por meio da promoção de festas, reuniões e debates e se utilizar da cultura popular para incentivar a identificação dos alunos com a escola radiofônica, por meio de interações com a poesia, a música e o teatro.

Apesar das disputas de poder no interior da Igreja, os treinamentos refletem que a orientação educativa do MEB se manteve no limiar ideológico e religioso do conservadorismo. Pois, apesar de fomentar que o desenvolvimento do conhecimento deveria partir da realidade objetiva na qual atuavam e de priorizar a organização das comunidades para além da escola radiofônica, com a finalidade básica de promover a mobilização dos camponeses, reafirmaram o princípio católico da reforma social a partir da ação individual, onde mulheres e homens, que retiravam o sustento de cada dia do que a terra lhes oferecia enfrentando as mais diversas adversidades, eram os únicos responsabilizados pela precária condição de existência em que vivam.

Vamos à escola radiofônica contribuir para um Brasil mais desenvolvido?

Os monitores procuravam realizar um trabalho de base junto à comunidade com o objetivo de mobilizar ou animar as pessoas que se mostrassem interessadas em frequentar a escola, instruir-se e organizar-se. Esse trabalho fazia parte da radicação das escolas radiofônicas, que começava com a identificação das áreas mais necessitadas por meio de um estudo de área, seguida da escolha de uma pessoa da comunidade para atuar como monitor e do treinamento do grupo com a finalidade de instruí-lo para o trabalho:

Eu acho que o treinamento é uma grande ajuda para nós, porque se não houvesse este treinamento nos não tinha tanto conhecimento da vida dos camponeses como estamos vendo como devemos procurar [...] devemos ajudar a nossa comunidade trabalhando um a bem do outro para vivermos uma vida que não custe tão caro e voltamos mesmo bem esclarecido tanto em escrever como da nossa vida.¹²⁶

Por meio destas linhas eu quero apresentar a minha satisfação e agradecimento a tôdas as professoras do mebe [...] e especialmente as que prepararam o treinamento em Carpina, no qual nós os monitores do Condado tomamos parte ativa. [...] Falando nos monitores novos quero apresentar que eles estão animados para ingreçar na família do mebe.¹²⁷

¹²⁶ Carta da monitora Eliza Sebastiana, s/d. s/d. s/l. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 4(1).

¹²⁷ Carta do monitor Antonio Jorge da Silva à Marliete, em 28/02/1964 [Condado]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(3).

As cartas revelam como os monitores que tinham a possibilidade de participar do treinamento ficavam satisfeitos e sentiam-se mais instruídos em relação a sua própria realidade. Isso significa que o conteúdo absorvido era algo significativo e dotava de sentido sua missão junto à comunidade. Porém, nas cartas vemos que nem todos os monitores que atuaram nas escolas radiofônicas tiveram a possibilidade de participar dos treinamentos antes de iniciar o trabalho com os alunos:

Pesso desculpa dos meus singelos assuntos que nunca fui monitor, nem nunca fiz treinamento.¹²⁸

Eu sendo monitora nesta localidade, porem incompetente, por não ter feito o curso de monitora. Mesmo assim vou agindo pelo melhoramento de nosso país. Desde que essa escola ficou a meu cargo que venho combatendo os lamentos dos alunos: o radio transmite a aula de matemática eu dou a de linguagem sempre trocando entende, e no fim das aulas eu costumo tomar as lições de livros e taboadas, apenas as lições eu só tomo quando é dada pelo rádio. Estará de acordo?¹²⁹

Nesse caso ambos se sentem despreparados pela falta de treinamento. Por meio das cartas, eles tiravam dúvidas sobre o modo de encaminhar as aulas e demonstravam as suas próprias estratégias criadas cotidianamente para lidar com o conteúdo a ser transmitido para os alunos via programação radiofônica. Ainda que nem todos os monitores participassem dos treinamentos, isso não os impossibilitava de construir seu trabalho pautado pelas expectativas do MEB em relação ao seu papel nas comunidades.

Os monitores atuavam, de fato, bastante imbuídos do ideal compartilhado pelo MEB de que poderiam contribuir para a mudança das condições de vida de povo por meio do seu trabalho junto à escola radiofônica e no incentivo à outras formas de organização dos camponeses: “Eles estão cada vez mais compreendendo o valor do saber. Domingo passado houve uma reunião aqui na Escola. Tratamos de uma porção de coisa. A sala estava cheia de gente uma bêlesa”¹³⁰. A crença na possibilidade de promover mudanças os levavam a convencer os alunos sobre a importância da escola radiofônica e da organização da comunidade e das reuniões e debates para discutir os problemas que os afetavam. É interessante destacar nas cartas que essa importância

¹²⁸ Carta do monitor Antonio Francisco de Souza á Juvaneta, em 08/11/1964 [Sítio Campestre]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 3(1).

¹²⁹ Carta da monitora Maria José dos Santos às supervisoras e professoras do Centro Radiofônico, em 02/10/1963 [Carpina]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(1).

¹³⁰ Carta do monitor Leonidas Antonio de Menezes [s.d], em 08/09/1964 [Bodocó]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 3.

social atribuída ao seu trabalho os motivava a criar estratégias para que a escola não deixasse de funcionar diante das dificuldades cotidianas que se impunham:

Sim quanto chega-se a hora da coperação da esperança, todos nós trocamos ideias com todo da comunidade, sobre o jornal do monitor, êles cometaram muito e debetemos todas problemas da vida do homem do campo o senhor João Albino da Silva êle disse que o homem do campo é quem mais trabalham e menos se alimenta [...] Deus quizer melhora tudo, e fazer união que a união faz a força.¹³¹

Aquela parada nas escolas deu um fracasso medonho nas escolas do Mebe. Mas comigo o causo e liderar não existe dezânimo comigo A VIDA É LUTA E VIVER É LUTAR. [...] eu ensino durante a Hora do Brasil para amenisar mais a dificuldadee assim conseguir vencer. desejando a todos aqui do Mebe muita saúde e felicidade e ainda conformidade. Visto ser as melhores coizas que agente católico gosa neste mundo.¹³²

Olhe eu já cindicalisei quase todos os meus visinhos com acordo e chamando eles para ouvirem o programa da Federação dos trabalhadores rurais meus alunos estão bem satisfeitos com o encino radiofonico. Ja dei reunião com as familia da minha comunidade aqui estava todo povo dormindo [...] mas eu confiando em deus e trabalhando unidos venceremos tudo não é assim mesmo?¹³³

Eu estou muito satisfeita em estar desenvolvendo o povo da minha comunidade, os alunos estão bastante interessados, muito satisfeitos, não vem as aulas direto porque não pode, uns trabalha longe, outros negoceam [...] Aqui em minha comunidade tem muitos analfabetos, mas uns sofre dos olhos e não podem estudar, outros não têm interesse, eu consêlho bastante mas êles me respondem que cavalo velho não aprende passada, tenho muito interesse de vêr minha comunidade mais desenvolvida era tôdo meu prazer mas o povo não tem interesse são muitos ignorantes.¹³⁴

Imediatamente escrevo-lhe esta cartinha [...] dando-lhe boas informações sôbre a Escola Radiofônica, e trabalhando para um Brasil melhor. Graças à Deus, a Escola Radiofônica, tirou muita pessoas do analfabetismo, Em minha localidade os alunos não acham dificuldade na aprendizagem tôdos me respeitam e me tratam com delizadesa Eles dizem que antes eram analfabetos, escravo da ignorancia, mais agora esta aprendendo para servir a Pátria, e ensinar os que estão de olhos tapados. Eles tôdos ouve o programa Catequese e estão aproveitando muitas coisas. Estou ensinando o catecismo e preparando

¹³¹ Carta da monitora Josefa Ferreira de Albuquerque às supervisoras, em 07/09/1965 [Esquecido]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 4(1).

¹³² Carta do monitor José Antonio Jorge da Silva às professoras do MEB, em 20/09/1964 [Condado]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 3.

¹³³ Carta do monitora Joana Sabino de Araújo à Luisinha Gonçavez, em 05/03/1964 [Solidade]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(3).

¹³⁴ Carta da monitora Maria Carmelita Almeida à professora Neli, em 08/09/1963 [Catolé]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(2).

os alunos para realizarem a primeira comunhão. Os programas são bem ouvido pelos alunos, e pelas pessoas da comunidade.¹³⁵

Em todas as cartas em que os monitores atribuem sentido à sua atuação, nota-se uma ordem ideal de valores que mobiliza os motivos teológicos de sua ação. Termos como: *Deus quiser; confiando em Deus e Graças a Deus* foram utilizados pelos monitores para expressar à lógica soteriológica que embasa seu papel na escola radiofônica; compreendendo que Deus trabalharia em função da libertação da humanidade, tomavam para si essa tarefa e o compromisso com a vida da comunidade, numa espécie de adesão da consciência.¹³⁶

Em outros relatos, no entanto, revelam as dificuldades para mobilizar os alunos a frequentarem a escola radiofônica e que esta pudesse funcionar de acordo com suas expectativas:

Tenho convidado mais gente para a escola mas não tenho arranjado, o povo desta localidade só querem fazer carvão, jogar e beberem. Não procuram trabalhar pela independência da nossa terra.¹³⁷

O jeito é fechar a escola porque só tem 3 senhores que querem vir os outros são sem interesse vontade tinha de instruir o pessoal de minha comunidade, eu já tenho ido a casa de muitos dou bastante conselhos mas eles diz que trabalham e estão esperando que anoiteçam para descansarem.¹³⁸

Escrevo-lhe esta carta com o fim alhe diser que antes di eu ir fazer treinamento alguém concordou que vinha; todos mostrava bôa vontade mais quando fui reunir o pessoal achô que não. Pois diziam eles que em ser obrigado a gasta sem aprender [...] Eu muito empaciente pejava nais não ouve meio. Muitos diziam tambem que não iam trabalhar de dia pra noite vir i não aprender nada pois eu mesmo não sabia; expliquei bastante mais não ouve meio! [...] Assim o mio melhor é ser devolvido pois eu sozinha, não pode cer [...] Sem que pensei uma coiza i foi outra.¹³⁹

O motivo de escrever é comunicando que venha buscar o material da escola. Fico muito triste em não poder continuar mas, não há interesse do pessoal. Não me adianta continuar

¹³⁵ Carta da monitora Maria Dadinha Gomes à professora Zezé, em 28/10/1963 [Boa Vista]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(3).

¹³⁶ ROMANO, *op. cit.*

¹³⁷ Carta da monitora Elzilda Ferreira Lima à supervisora Maria José Peixoto, em 03/10/1963 [Lagoa do Lima]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(1).

¹³⁸ Carta da monitora Maria Cosme Lima à supervisora, em 29/03/1965 [Catolé]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 3.

¹³⁹ Carta da monitora Dulcinea Nunes Rodrigues à Maria Helena, em 04/09/1965 [Almas]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 4(1).

sem vêr bôa vontade. No principio começou com muita gente. Acontece que uns casaram outros mostraram dificuldades para vir diariamente.¹⁴⁰

Os alunos saíram todos da minha escola. Não querem estudar mais são uns ignorantes. Nós chamamos para a escola e eles não querem vir mais estudar porque dizem não aprendem mais.¹⁴¹

Para alguns monitores o fracasso de suas escolas radiofônicas estava relacionado à falta de interesse dos alunos em frequentar as aulas. Nesse aspecto reforçavam a ideia de existência de inércia, da ignorância e do desinteresse da comunidade que impediam as pessoas de buscarem o conhecimento sobre a realidade. Os relatos dos monitores também sublinham que a falta de vontade dos alunos se deve à sua condição de trabalho, cansaço ou dificuldades maiores, relativos aos ciclos do trabalho rural, que os impedia de frequentar diariamente a escola.

Nos escritos dos monitores destaca-se a construção do analfabeto como aquele que carece de algo. A ideia da necessidade do escrito é característica das sociedades em que a oralidade já não é mais a única forma de comunicação, ademais de estar relegada a um segundo plano.¹⁴² Essa valorização do escrito sobre o oral, a partir do qual se sustenta o modelo ocidental de escolarização, hierarquizou as formas de comunicação e determinou quais linguagens estariam mais aptas a estabelecer uma experiência mais transformadora com a realidade. A valorização do escrito numa sociedade de analfabetos conferiu ao trabalho dos monitores uma relevância social, que foi reforçada pelo MEB em seu conteúdo pedagógico e nos treinamentos.

¹⁴⁰ Carta da monitora Maria Formosina Leite à Equipe do MEB, em 15/01/1966 [Gameleira]. Fundo UFF/RJ

¹⁴¹ Carta da monitora Maria Mendes de Souza à amiga supervisora, em 12/01/1966 [s/l]. Fundo UFF/RJ.

¹⁴² VINÃO FRAGO, 1992.

CAPÍTULO 3

PROGRAMAÇÃO RADIOFÔNICA, ALFABETIZAÇÃO E CULTURA POPULAR

Saudação para as supervisôra du Mebio u asunto desta carta e so para dar as satifação das nossas aulas eu cintime em não tar na freguisa nu dia que as supervizôra vei vizitar nossa escola porque estava fazeno uma baragem no Rio para junta agua para cebola alho aroze mais estou aproveitano as aulas. prefecoura mais não aproveitamos por vivemos morando pelos matos cem nunca ouvir um radio sem nunca sideverti mais uma pecoa que saba emtenda da trabalho a gente se dizemvouver mais ja respondes algumas pergunta dos jogo so não êsse negoso di pudes dos governos a gente ainda não entendeu mais estamos trabalhado para a prender desculpe os êros que tem nesta escrita que eu poca prati.

acina Luiz Leite da Silva aluno da êscola de Terezinha Neto.

“De todos os aspectos revolucionários do rádio, o mais inovador é, ou deveria ser, aquele que guarda relação com aquilo que entendemos por popularidade”.¹⁴³ A frase escrita por Walter Benjamin entre os anos de 1931 e 1932 trata do uso educativo do rádio como um dos fenômenos mais notáveis de veiculação da informação por ter revolucionado a comunicação graças à possibilidade técnica de atingir às pessoas de forma ilimitada e simultânea. O rádio inaugura a Era da comunicação em massa. Ao viabilizar tal realidade, o rádio passa rapidamente a ser incorporado para fins pedagógicos. Na Alemanha – para citar o país de Benjamin – houve emissões educativas já no final da década de 1920, com uma programação variada destinada a públicos distintos, como crianças, população urbana e rural, universitários, entre outros.¹⁴⁴

Por exemplo, uma aluna de nove anos de idade da escola da localidade de Tamburil Salgueiro escreve uma carta às supervisoras “D. Raimunda e D. Maria Helena” para manifestar seu entusiasmo com as aulas:

que eu estou bastante entusiasmada, com meus estudos, nas escola radiofônica: estou gravando tudo nas aulas de aritmética e de linguagem: ainda não estou bem pratica nas

¹⁴³ BENJAMIN, 2015.

¹⁴⁴ VERA, 2009.

aulas de conhecimentos gerais; mais ainda me resta uma esperança porque ainda sou muito criança; estou contando apenas 9 anos de idade.¹⁴⁵

Na carta ela também agradece ao bispo da diocese pela abertura da escola: “muito agradeço ao sr Bispo desta diocese; que fundou esta escola tão abençoada e tão nobre.” e também a “todo trabalho e finesa das professoras do MEB também a ajuda da nossa munitora que se acha de boa vontade de nos ajudar”e, ao movimento “por meio desta cartinha demonstrar que sou uma aluna muito inteligente e esforsada pelos estudos na escola radiofônica”. Entretanto, exprime suas dificuldades no aprendizado dos conteúdos de Conhecimentos Gerais, visto ser a programação destinada à adultos e, portanto, não adaptada a sua idade: “mais ainda me resta uma esperança porque ainda sou muito criança; estou contando apenas nove anos de idade”. Os temas das aulas de Conhecimentos Gerais, por exemplo, voltados para a questão do trabalho e da formação política, tais como democracia e sindicalização rural, provavelmente não interessavam à menina de nove anos que escrevia, com alguma dificuldade, aquela carta à supervisora; contudo, aquela era a única escola da comunidade que lhe possibilitava algum aprendizado.

A ideia do rádio como veículo de comunicação que tornava acessível às pessoas uma variedade de bens culturais contribuiu, primeiramente, para que suas possibilidades de uso fossem bastante exploradas. Benjamin fala, por exemplo, do teatro e da comédia radiofônica como conteúdos educativos a serem veiculados pelo rádio, chamando a atenção para a necessidade de se elaborar programas que atendessem às necessidades dos ouvintes ou, pelo menos, atraíssem sua atenção. Por outro lado, ao superar distâncias, contribuiu fomentar aspirações utópicas de mudança social via educação.

Por isso, na década de 1960 a radioeducação possuía um papel tão importante na promoção da alfabetização de adultos, em especial no caso do MEB, importa-nos inserir seu modelo de educação radiofônica nesse contexto mais amplo, em que os sistemas radioeducativos foram utilizados como modelo de educação de adultos de forma extensa em projetos de diferentes países¹⁴⁶. No caso brasileiro, cabe destacar também a adoção

¹⁴⁵ Carta da aluna Maria de Fátima dos Anjos às supervisoras Dona Raimunda e Dona Maria Helena, em 19/06/1964 [Tamburil Salgueiro]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(2).

¹⁴⁶ Sobre uso do rádio na educação de adultos consultar: BURKE (B), 1976.; WANIEWICZ, Ignacy. *La radiocomunicación al servicio de la educación de adultos: compendio de la experiencia mundial*. Paris: UNESCO, 1974. [Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001331/133142so.pdf>. Consulta em: 18 de ago. 2016].

do modelo radiofônico para a alfabetização dentro da política de modernização conservadora do Estado e sua proposta educativa voltada ao desenvolvimento.¹⁴⁷

Algumas características do rádio alçaram-no a veículo de comunicação privilegiado no que se referia à promoção da educação de adultos: ser capaz de reduzir distâncias, como já foi dito, e romper assim o isolamento geográfico e cultural da população camponesa, atendendo às regiões mais distantes dos centros urbanos; ter um baixo custo, que era calculado através divisão do custo total unitário do sistema pelo número de pessoas que podiam ser alcançadas por ele.¹⁴⁸

No que se refere à participação dos ouvintes, também podemos apontar alguns motivos que contribuíram para que a radioeducação de adultos fosse incentivada como modelo. Primeiramente, o fato de que possibilitava ao adulto que ainda não dominava os códigos da leitura e da escrita ser submetido a um processo educativo sem uma preparação prévia, o que poderia inclusive diminuir o tempo necessário para sua alfabetização. Falava-se em uma predisposição auditiva que poderia ser aproveitada em favor de sua formação, uma vez que os analfabetos estavam acostumados a receber as informações de forma oral. Fala-se, ademais, no potencial imaginativo do rádio, por não apresentar a informação visual explícita, como é o caso, por exemplo, das dramatizações que tinham o potencial de criar um teatro mental na audiência; no caso didático, veiculando também conteúdos pedagógicos.¹⁴⁹

Finalmente, o rádio é um meio de comunicação imediato que possibilita que uma notícia ou informação chegue rapidamente ao ouvinte sem a necessidade de sua publicação em algum periódico, livro ou outro meio impresso de divulgação. Benjamin ao comparar a circulação da informação por meio dos livros e do rádio, sugere que a seleção e o agrupamento das informações em uma transmissão radiofônica devem se

¹⁴⁷ A proposta do uso da programação radiofônica no campo educacional no Brasil teve início em 1926, quando o empresário Roquete Pinto apresentou os primeiros planos para a utilização do rádio como instrumento de difusão de programas educativos. Em 1933, Roquete passa a coordenar a Comissão Radioeducativa, criada no âmbito da Confederação Brasileira de Radiodifusão, com o objetivo de fomentar a radiodifusão escolar nacional. Ao longo da década de 1930, motivadas pela nova configuração política do país, foram desenvolvidas uma série de normatizações para a utilização do rádio na promoção da educação e da cultura entre a população brasileira, Ver SOUZA, *op. cit.*, e TAVARES, 1997. No início da década de 1960, já se acumulavam algumas experiências educacionais como, por exemplo, o SIRENA, criado em 1957, que utilizavam o sistema de ensino radiofônico para transmissão de programas educacionais com vistas à expandir a educação e erradicar o analfabetismo, ANDRELO, 2012.

¹⁴⁸ BURKE (B), *op. cit.*.

¹⁴⁹ BURKE(B), *op. cit.*.

fazer a partir da perspectiva da *popularity*. O autor chamava a atenção de seus leitores e ouvintes para o papel formativo do rádio, pois seu uso não se restringia a disseminar informações passageiras, mas poderia, sobretudo, ser utilizado para outros fins, mais consistentes, desde que os ouvintes reconhecessem naquele veículo uma função formativa e conscientizadora.¹⁵⁰

Desse modo, o uso do rádio como meio de promover a educação de adultos se baseava tanto em suas vantagens técnicas quanto revolucionárias no que respeita às possibilidades de acesso à informação, provocando mudanças no modo de se relacionar com o conhecimento. Despertar sentimentos e instigar a imaginação dos ouvintes, aliado a sua capacidade para facilitar a informação e o desenvolvimento de experiências de aprendizagem estruturadas, formaram a combinação perfeita que fez do rádio um veículo de uso pedagógico amplamente empregado.

As propostas em torno da utilização pedagógica do rádio também chamavam a atenção para o melhor aproveitamento e uso desse veículo: despertar no ouvinte a consciência de que o rádio poderia ser utilizado para outros fins que não somente diversão e circulação de informação, criar uma estrutura adequada de colaboração entre professores, monitores e animadores a fim de comprometer os ouvintes.¹⁵¹ Nesse sentido, o MEB elaborou sua estratégia radioeducativa com o objetivo de contribuir diretamente com a alfabetização do povo brasileiro, ao mesmo tempo em que a realização desse propósito criou espaços de comunicação, formação e circulação de informação e da cultura popular a partir dos usos que os monitores e os alunos fizeram do rádio como veículo educativo.

As aulas e as transmissões radiofônicas

A elaboração das aulas radioeducativas era de responsabilidade da equipe local e atendia à orientação dada pelo MEB de se elaborar os conteúdos de acordo com a

¹⁵⁰ BENAJAMIN, *op. cit.*.

¹⁵¹ BURKE(B), *idem.*

“realidade de cada região” e de suas necessidades locais.¹⁵² As professoras locutoras eram as responsáveis pela produção e emissão das aulas e demais programas educativos de responsabilidade do MEB. Elas participavam dos treinamentos dado aos monitores e, em algumas ocasiões, das viagens de supervisão. Os supervisores, por sua vez, também “colaboravam na produção das aulas e faziam sistematicamente a crítica das mesmas, a partir do que observavam e recolhiam junto às escolas”¹⁵³.

Essa dinâmica de elaboração das aulas atendia a uma orientação do MEB na qual se esperava uma relação mais colaborativa para a definição dos conteúdos que seriam transmitidos diretamente aos alunos e aos monitores. Desse modo, havia por parte das professoras locutoras a preocupação de atender, durante a programação, as demandas e necessidades das escolas com as quais tivera contato, fosse por meio dos treinamentos, dos relatos dos monitores, das visitas de supervisão ou das cartas que lhes chegavam às mãos para que fossem lidas e respondidas durante a emissão do programa especial.

As aulas e os programas educativos eram transmitidos diariamente e havia uma programação especial nos finais de semana veiculada por emissoras católicas, localizadas nas cidades mais próximas da diocese à qual pertencia a escola radiofônica¹⁵⁴. Nos dois primeiros anos de funcionamento do MEB, as aulas ocorriam das 18h30min às 19h30min e eram retomadas após a *Hora do Brasil*, às 20h, para o 2º ciclo. Com a instituição do Código Brasileiro de Telecomunicações em agosto de 1962, o programa nacional obrigatório teve seu nome mudado para a *Voz do Brasil* e passou a ter duração de uma hora no período das 19h00min às 20h00min¹⁵⁵. Essa alteração teve impacto direto sobre as escolas, pois a transmissão das aulas teve de ser adiantada para às 18h00min, impossibilitando muitos alunos trabalhadores de chegarem em tempo de ouvir a transmissão. Queixas em relação a essa questão aparecem de forma recorrente nas cartas e constituiu, segundo os monitores, um dos fatores que contribuiu para a evasão dos alunos e o fechamento de muitas escolas naquele momento.

¹⁵² MEB/Escolas Radiofônicas. s/d. Fundo MEB – Cedic.

¹⁵³ FÁVERO, *op. cit.*, p. 148.

¹⁵⁴ Ver em Anexos os Quadros 3 e 4, com a relação das emissoras que atendiam os sistemas do Estado de Pernambuco em 1963 e no primeiro trimestre de 1964. Em 1963 o sistema era composto por sete emissoras, sendo que duas delas tinham o horário contratado, ou seja, não pertenciam à diocese na qual se localizava o sistema. No ano seguinte, o sistema era composto por seis emissoras, três delas de horário contratado.

¹⁵⁵ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L4117Compilada.htm. Consulta em 14 de abr. 2015.

Na aula inaugural do Sistema Radioeducativo de Caruaru, a professora comunica aos novos alunos a alteração no horário:

Avisamos aos alunos e monitores que o horário das aulas foi alterado. De 2ª. feira em diante as aulas começarão às 6hs. da noite. Essa mudança não dependeu da nossa vontade e sim do governo federal que irá apresentar o seu programa A VOZ DO BRASIL das 7 hs. da noite às 8 hs. da noite. Se continuássemos iríamos perder. A solução é começar as aulas às 6 hs. da noite. Sabemos que o horário é horrível para vocês, mas pedimos que não deixem de vir às aulas.¹⁵⁶

Segundo a professora locutora, a opção pela alteração do início das aulas se deu para que os alunos não fossem prejudicados devido ao tempo menor de permanência na escola. Mesmo conhecendo a rotina dos alunos e as dificuldades que teriam para chegar no horário da primeira transmissão, optou-se por fazer a alteração e é fato que esta nova organização do tempo resultou em mudanças na rotina das escolas radiofônicas. Por começarem trinta minutos mais cedo do que o horário inicialmente previsto, muitos alunos chegavam com a transmissão das aulas já iniciada¹⁵⁷.

As transmissões das aulas às 20:00 horas, após a *Voz do Brasil*, também causavam dificuldades em determinadas escolas, por ser considerado muito avançado: “Não estamos gostando do horario das aulas a de 8 horas nem um aluno assiste porque é muito tarde”¹⁵⁸. Ou o monitor que pede a alteração no horário para que as aulas “sejam dadas das 6 as 7 será melhor para tôdos lá do Condado visto que os trabalhadores rurais precisam dormir mais cêdo e para esperar que passe a hora do Brasil é bem pezado há muitos cochilos”¹⁵⁹.

Faço ciênte as supervisora do MEB que a escola não está si achando em pleno funcionamento sobre o comparecimento dos alunos, por motivo do horário de 8 horas ser tarde. No principio, os alunos compareceram com gosto e entusiasmo para aprenderem.

¹⁵⁶ MEB/Sistema Radioeducativo de Caruaru. Aula inaugural. s/d. Fundo MEB. Acervo CEDIC.

¹⁵⁷ Em alguns documentos produzidos pelas equipes de coordenadores e pelas equipes estaduais vemos um esforço continuo do MEB em alterar a grade horária das rádios que faziam parte dos sistemas, o qual nunca foi atendido pelo governo. No Boletim das atividades do Movimento realizadas no mês de 1963, em Pernambuco, está registrado um apelo feito a instâncias do Governo, incluindo o Presidente da República solicitando uma resolução quanto à questão da transmissão da Voz do Brasil: “Foi feito um apêlo a Presidência da Republica, à Câmara e ao Senado para que as emissoras ligadas ao MEB sejam liberadas da transmissão da ‘Voz do Brasil’ ou gravem emissão para transmitirem em outro horário . É possível que este apêlo seja atendido. As promessas foram feitas e nós aguardamos. ”. MEB/Pernambuco. Boletim: setembro de 1963. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 6(2).

¹⁵⁸ Carta da monitora Eva Maria da Silva à Equipe do MEB, em 03/08/1964 [Varjão]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(2).

¹⁵⁹ Carta do monitor Antonio Jorge da Silva à professora Marliete, em 20/07/1964 [Condado]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(2).

Mas devido o trabalho do dia, a noite êles se acham enfadado e cansado. De 8 horas, já é para estarem deitado descansando; disseram que êsse horário é pra quem mora na cidade, e os serviços que fazem são breves [...] tem noite que vai um aluno e noite de quatro que moram mais perto, e os mais distante nenhum [...] Tem muitos alunos que só vem a Escola de noite com companhia como a classe feminina [...] Todo motivo só está no horário. \ Até eu monitor estou achando ruim. Tem noite que chego em casa quando é de chuva as 10 horas [...] Si assim continuar, sei que vou deixar. Si houver modificação haverá vantagem e grande¹⁶⁰.

Além disso, anteriormente, havia trinta minutos de intervalo que se faziam durante a execução da *Hora do Brasil*, divididos em quinze ou vinte minutos para a alfabetização e o restante para operações matemáticas.¹⁶¹ Com o novo tempo de duração do programa nacional, os monitores passaram a ter mais tempo após a sua transmissão para trabalhar os conteúdos pedagógicos das aulas, dispondo de mais espaço para alfabetizar, “montar” contas no quadro ou debater temas de aulas ou que surgissem a partir das demandas da comunidade.

No que se refere às orientações da equipe estadual quanto ao tempo de planejamento das aulas, recomendava-se que fossem previstas e elaboradas com antecedência de uma semana. Suas atividades deveriam encaminhar “para a ação, aproveitando os recursos existentes ou em potencial nas comunidades”¹⁶². Desse modo, os objetivos da programação radiofônica deveriam estar de acordo com as necessidades da área e os resultados que se buscava atingir em determinado período de tempo. As aulas estavam orientadas para a valorização do homem e da comunidade, sua cultura e seu papel diante da realidade brasileira¹⁶³.

Segundo as orientações da equipe estadual o currículo das aulas deveria ser planejado de modo globalizado tendo em vista as metas de conscientização, sendo composto por cursos de: alfabetização, cálculo, estudo de realidades e outras matérias de educação de base. As disciplinas que abordavam esses conteúdos eram denominadas *Linguagem; Aritmética e Conhecimentos Gerais*. Além das aulas semanais havia orientação para que fossem feitos, “na medida do possível, programas especiais para a

¹⁶⁰ Carta do monitor Venceslau Domingos Luiz às supervisoras, em 19/04/1964 [Água Branca]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(3).

¹⁶¹ FÀVERO, *op. cit.*

¹⁶² MEB/Nacional. I Encontro de Coordenadores. Conclusões II. Rio de Janeiro. [1964]. Fundo MEB. Acervo CEDIC.

¹⁶³ MEB/Recife. 1º Encontro de coordenadores: Conclusões. Recife, dez. 1962. Fundo MEB. Acervo CEDIC.

comunidade e o monitor, incluindo uma síntese da mensagem das aulas da semana”¹⁶⁴. Assim, nos finais de semana era transmitida uma programação especial destinada aos monitores e à comunidade. Dessa programação faziam parte as aulas de conteúdo religioso, como por exemplo, o catecismo e as missas dominicais: “Embora o MEB não seja confessional (porque se destina a todos), isso não implica em que não sejam emitidas aulas de religião”¹⁶⁵.

Diversas técnicas eram sugeridas pela equipe estadual com o objetivo de motivar os alunos e os monitores, despertando seu interesse pela programação radiofônica. Elas variavam de dramatizações, diálogos e novelas até a feitura de gravações em fita e disco das aulas. Outra orientação era de que procurassem “conseguir a participação dos alunos na feitura dos programas”.

Essa preocupação em mobilizar a participação dos alunos foi importante para a elaboração das aulas e criou espaços de interação e circulação da cultura popular na programação radiofônica, dos quais falaremos adiante. A leitura das cartas durante a programação também foi um modo de incentivar a participação de alunos e monitores, estimulando-os como ouvintes e como escritores das cartas e dos poemas enviados para compor a programação especial.

No que se refere à avaliação da equipe estadual a respeito das aulas produzidas pelas equipes locais dos sistemas de Pernambuco, o relatório afirmava que não vinham cumprindo seus objetivos de conscientização e politização pelo fato de que costumavam ser “estanques e mal planejadas”¹⁶⁶. Veremos, por meio de alguns roteiros de programas destinados aos monitores e aos alunos, de que modo aparecem em sua estrutura os pressupostos de sua elaboração. Utilizaremos as cartas para identificar aspectos de como

¹⁶⁴ *Idem.*

¹⁶⁵ Nas cartas há muitas menções de monitores e alunos à transmissão das missas no horário da programação radiofônica do MEB. Considerando que muitas comunidades não contavam com um pároco em suas Igrejas, a programação religiosa certamente mobilizava muita gente em torno do rádio. A aluna Hermínia contou em sua carta endereçada à supervisora, em 1963, que a escola radiofônica: “Muito me trouxe alegria em assistir a missa que a qui não se via.”(Carta da aluna Hermínia Maria da Conceição às supervisoras, em 04/10/1963 [Várzea do Ramo]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2[1]). E José Albuquerque se queixa de não ouvir bem a missa por problemas na transmissão: “Tenho a censurar uma pequena falta da radio, é a transmissão da missa, já 3 vezes só ouvimos parte, o evangelho é difícil ouvirmos. Por bondade procurem saber o que esta faltando” (Carta do monitor José Albuquerque Pimentel à supervisora. [s/d]. [s/l]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2[1]).

¹⁶⁶ MEB/Recife. 1º Encontro de coordenadores: Conclusões. Recife, dez. 1962. Fundo MEB. Acervo CEDIC, Caixa 5.

a comunidade de ouvintes recebia as informações do currículo transmitido nas aulas e como se apropriavam da programação como espaço para manifestar sua cultura.

Programa do Monitor e Aulas para Alunos

A partir de 1963, quando a *Voz do Brasil* passou a ter uma hora de duração e muitas dificuldades eram relatadas pelos monitores em relação à condução das aulas e ao incentivo aos alunos, bem como às dificuldades materiais que impossibilitavam a participação de muitos monitores nos treinamentos, o MEB passou a investir mais tempo na formação dos monitores por meio radiofônico. Segundo Fávero, nesse momento houve “um salto qualitativo no modo de produção das aulas”¹⁶⁷, que tem como um de seus desdobramentos, a produção de aulas específicas para monitores, que eram transmitidas aos sábados no horário das 18h00min às 19h00min horas ou durante a semana às 20h00min, após a transmissão da *Voz do Brasil*, ocasiões em que eram veiculadas aulas sobre uma temática específica:

É com muita alegria que, hoje, iniciamos este nosso programa do sábado, dedicado ao monitor: E para você, monitor, pensamos este programa. E cabe, neste começo de conversa, falarmos do que vocês representam nesta luta por uma mudança de ensino no Brasil.¹⁶⁸

No *Programa do Monitor*¹⁶⁹, que foi ao ar em março de 1963, vê-se expressa a intenção em transmitir uma programação que fosse dedicada ao monitor. Além disso, a professora locutora começa a aula chamando atenção para o papel do monitor de representante da luta pela mudança do ensino no país, reforçando sua função no bom desempenho dos alunos e de suas escolas. Na semana seguinte, durante a abertura do programa, sublinhou-se a importância da programação aos sábados, momento de interação entre os professores locutores, que elaboravam as aulas, e os monitores, que

¹⁶⁷ FÁVERO, 2006, p.150.

¹⁶⁸ MEB/Sistema Radioeducativo de Olinda e Recife. Programa do Monitor. 09/03/1963. Fundo MEB. Acervo CEDIC, Caixa 23(1).

¹⁶⁹ Após o primeiro *Programa do Monitor*, veiculado pelo Sistema Radioeducativo da Arquidiocese de Olinda e Recife, no dia 09 de março de 1963, seguiu sendo transmitido aos sábados, nos dias 16 e 23 de março. Após um período, sucede uma série de cinco programas transmitidos, entre os dias 14 de setembro a 26 de outubro de 1963, dias em que, segundo a professora locutora, se transmitia o último *Programa do Monitor* daquele ano.

realizavam o trabalho nas escolas, “muito necessário para que nós, a professora e o monitor nos entendamos, caminhemos juntos, querendo a mesma coisa que é o desenvolvimento do aluno”¹⁷⁰.

Em sua estrutura geral, os programas do monitor continham uma apresentação motivadora sobre o trabalho do monitor, um resumo e esclarecimento dos aspectos do treinamento e, por fim, uma sensibilização para o tema da aula. O monitor recebia dessa forma o conteúdo programático que, para além de transmitir tarefas, representava a presença do MEB reforçando seu compromisso com a escola radiofônica. Após a parte motivacional, se transmitiam os conteúdos do currículo, em geral na sequência: Linguagem; Aritmética e Conhecimentos Gerais. Ao final das aulas as correspondências eram respondidas e, às vezes, transmitidas algumas notícias. Os programas estavam estruturados em três partes, que chamamos de abertura, conteúdo e parte final¹⁷¹.

Numa abertura de programa inaugural, encontramos um estímulo à luta do monitor pela mudança no ensino e um reflexão sobre a importância do homem do campo, pois, “2/3 dos nossos homens estão no campo, é do campo que vêm os alimentos necessários à nossa vida”, mas, continua a professora-locutora, “vamos encontrar êstes homens cheios de problemas, de falta de escolas, trabalho, salário de fome, saúde fraca, isolados, sem contato com os grandes centros”. Diante da difícil realidade do homem rural, surge uma escola radiofônica pensada para atender as necessidades do camponês, em que o monitor é visto como sendo elemento chave do processo: “É portanto dentro de uma salinha com um rádio, com um Monitor, um grupo de alunos, que se faz esta mudança por melhores dias, para êste grupo que podemos chamar a força viva do país”¹⁷².

Durante a abertura do programa transmitido no dia 23 de março a professora-locutora recordou a importância e a responsabilidade do monitor para o andamento da escola radiofônica pelo fato de que “o monitor é quem representa a professora ou o professor na classe”, explicando aos alunos aquilo que é transmitido nas aulas já que “o

¹⁷⁰ MEB/Sistema Radioeducativo de Olinda e Recife. Programa do Monitor. 16/03/1963. Fundo MEB. Acervo CEDIC, Caixa 23(1).

¹⁷¹ Ver Quadro 5 em Anexos, onde sintetizamos o conteúdo veiculado em oito *Programas do Monitor* transmitidos nos meses de março, setembro e outubro de 1963. Na elaboração dos tópicos, priorizamos a utilização das expressões contidas nas fontes.

¹⁷² MEB/Sistema Radioeducativo de Olinda e Recife. Programa do Monitor. 09/03/1963. Fundo MEB. Acervo CEDIC, Caixa 23(1).

rádio transmite as aulas, mas não pode responder às perguntas e às explicações que o aluno precisa saber” o monitor “vai fazendo com que os alunos perguntem o que não entenderam e vai explicando”¹⁷³. Mais uma vez, ressalta-se a importância do monitor e o fato de que sua presença na escola radiofônica representa a presença do MEB, ou seja, serve para personificar o movimento e garantir que o conteúdo transmitido pelo rádio chegue aos alunos. Espera-se que o monitor responda às perguntas, dê explicações e estimule os alunos a perguntarem sobre o conteúdo das aulas, evidenciando a expectativa de que o monitor problematize os conteúdos com os alunos.

Depois de listar algumas práticas almeçadas pelo MEB em relação às tarefas do monitor, tais como escrever “no quadro negro quando a professora dita uma palavra”, verificar “se os alunos estão com as cartilhas abertas na página certa”, ensinar a “usarem o material escolar”, ajudar “os alunos nas suas cópias, [...] nos seus deveres escolares”, a professora diz que a “presença [dos monitores] para os alunos, então é indispensável”. Para o MEB as funções esperadas do monitor também eram tidas como indispensáveis já que era “preciso matricular os alunos”, preencher e enviar as folhas de frequência, “colocar os elementos no rádio, mandar buscar os cadernos e lápis para o clube de vendas [...] e finalmente, ligar o rádio, botar êle para funcionar”. A professora locutora procura mostrar, afinal, que sem a presença dos monitores não se fazia possível a existência de uma escola radiofônica.¹⁷⁴

Na abertura do Programa do Monitor, transmitido em 28 de setembro de 1963, algumas destas tarefas são enumeradas. Segundo o trecho, o monitor trabalha:

1. Quando escreve no quadro
2. Quando lê com os alunos ou sozinho
3. Quando confere os cadernos dos alunos
4. Quando ensina os alunos a conferirem seus deveres
5. Quando procura ajudar os alunos em qualquer dificuldade

As falas das professoras locutoras com relação às tarefas e responsabilidades do monitor nos mostram a diversidade de afazeres e funções que lhes são atribuídos. O

¹⁷³ MEB/Sistema Radioeducativo de Olinda e Recife. Programa do Monitor. 23/03/1963. Fundo MEB. Acervo CEDIC, Caixa 23(1).

¹⁷⁴ MEB/Sistema Radioeducativo de Olinda e Recife. Programa do Monitor. 23/03/1963. Fundo MEB. Acervo CEDIC, Caixa 23(1).

monitor deveria trabalhar com os alunos o conteúdo transmitido nas aulas esclarecendo as dúvidas, explicando e problematizando os temas. Também deveria acompanhar os alunos em suas tarefas e auxiliá-los na utilização dos materiais, o que nos sugere a prescrição de um rol de comportamentos escolares esperados por parte dos alunos a ser reforçado constantemente pelos monitores por meio de práticas. Além disso, se esperava que os monitores dedicassem uma parte de seu tempo às tarefas de organização e manutenção necessárias para o funcionamento das escolas radiofônicas.

A programação destinada aos monitores revela, em muitos de seus conteúdos, o caráter prescritivo da programação que tinha como objetivo instruir os monitores no desempenho de suas tarefas cotidianas. Nas aberturas dos programas que se sucederam nos meses de setembro e outubro de 1963, seguiram-se as mensagens de entusiasmo em relação à importância do trabalho do monitor na escola radiofônica e as recomendações de comportamento no caso das visitas de supervisão ou, em outra ocasião, de procedimentos a adotar caso o aparelho de rádio apresentasse problemas.

Na segunda parte da programação do monitor, que se refere aos conteúdos de Linguagem, Aritmética e Conhecimentos Gerais, o treinamento se dava de modo que os temas das aulas também fossem tratados de forma prescritiva pelas professoras locutoras. Em diversos momentos orientavam-se os monitores a conduzir as aulas semanais, elencando-se alguns procedimentos a serem adotados a fim de que seu aluno pudesse “saber ler”, o que significava não somente juntar letras “mas compreender o que está lendo, saber se o que está escrito está certo ou errado [...] procurar tirar da leitura ensinamentos para a vida de todo dia”. Para isso, se instruía ao monitor que “para que o aluno aprenda, é preciso que ele esteja interessado”, por isso, ele precisava “ajudar muito o aluno, pois [...] se o aluno sentir que está aprendendo, ele ficará interessado na Escola”¹⁷⁵.

Sistematizamos alguns dos procedimentos que a professora locutora apresentava aos monitores nas aulas de Linguagem para que seus alunos aprendessem a ler: despertar a atenção do aluno, repetir os conteúdos passados, animar o aluno, elogiar sempre o seu esforço, uma vez que para a professora locutora era “muito necessário que os alunos [aprendessem] a assinar seus nomes”¹⁷⁶. Os monitores também eram orientados a estimular entre os alunos o gosto pela leitura e a fazer-lhes perguntas sobre

¹⁷⁵ MEB/Sistema Radioeducativo de Olinda e Recife. Programa do Monitor. 14/09/1963. Fundo MEB. Acervo CEDIC, Caixa 23(1).

¹⁷⁶ *Idem.*

o que foi transmitido nas aulas de Conhecimentos Gerais. No que tocava as dificuldades com Aritmética, era esperado que o monitor ajudasse “depois das aulas àqueles que não sabem ou que ainda são muito vagarosos”, além de incentivar a cooperação entre os alunos mais adiantados e os que possuíam mais dificuldade para acompanhar as aulas.¹⁷⁷

Nos programas veiculados em setembro e outubro, as professoras locutoras fizeram algumas mudanças na tentativa de estimular a audiência e a participação dos monitores no programa, enviando perguntas e sugestões de temas a serem abordados em aula. Com as mudanças, as aulas de Linguagem e Aritmética passam a se chamar “Você e as aulas de linguagem” e “Momentos de Aritmética”, títulos que sugerem uma aproximação do monitor com as aulas a fim de incentivar maior identificação com o conteúdo dos programas radiofônicos, que eram considerados pelas equipes do MEB um momento fundamental de contato com o monitor em seu trabalho na comunidade.¹⁷⁸

Conforme temos visto, o conteúdo do *Programa do Monitor* tinha, por um lado, a função de reforçar os princípios ideológicos do MEB com o objetivo de estimular seu desempenho, valorizar o espírito de união e colaboração da comunidade e, conseqüentemente, instigar o engajamento de todos na escola radiofônica. Por outro lado, a programação destinada aos monitores também servia para transmitir uma série de práticas esperadas do monitor com relação aos alunos que, por sua vez, estavam imbuídas de um elemento motivacional que perpassa toda a estrutura das aulas. Existia a expectativa de que se problematizasse o conteúdo das aulas com os alunos, entretanto, pelas suas cartas, exprimiam dificuldade em debater os temas sugeridos, o que se devia, em grande parte, à insipiente formação de muitos dos monitores.

Zélia até a data os alunos cada dia que se passa estão ficando é animado assim que está bom não é? Olhe meus alunos lhes mandam dizer que estão gostando muito de seu Pedro porque todo assunto que êle glosa nos motes é muito importante para os camponeses. Estamos desenvolvendo um pouco depois dessas aulas de conhecimento gerais. Sim eles mandam dizer que o exercício mais importantes para êles fazerem é escrever, Zélia êles estão gostando muito das contas que a professora [...] está dando. Como também as aulas de linguagem estão muito interessantes. Olhe o programa do monitor está ótimo o mais importante é as contas que nos manda a profesôra [...] Zélia o que estou gostando muito é das musicas do programa da comunidade. Pesso que me avise qual é o programa que as

¹⁷⁷ MEB/Sistema Radioeducativo de Olinda e Recife. Programa do Monitor. 09/03/1963. Fundo MEB. Acervo CEDIC, Caixa 23(1).

¹⁷⁸ WANDERLEY, *op. cit.*.

cartas da gente é correspondida, porque outro dia na correspondência das cartas, avisaram que os monitores que pertencem a Nazaré da Mata iam ser correspondida em outro programa. [...] recebam um beijo e um forte abraço da monitora que está lutando um pouco pelo analfabetismo do povo deste sitio. Lembrança a seu Pedro, as aulas da semana estão ótimas¹⁷⁹.

Essa carta, escrita pela monitora da comunidade de Água Doce para a supervisora Zélia, relata sua satisfação com o andamento escola e motivação pelo trabalho, já que seus alunos estavam “ficando animado[s]” com a experiência e gostando dos aprendizados, considerando a escrita o mais importante de todos. No final, reafirma seu espírito colaborativo, seu anseio de lutar pelo fim do analfabetismo de seu povo. Nota-se que para ela o conteúdo do *Programa do Monitor* era um importante instrumento formativo, revelando um dos pontos importantes para a discussão sobre a apropriação dos conteúdos transmitidos pelo MEB por parte monitores. Apesar de defendermos que os monitores possuíam práticas e “jeitos” próprios de conduzir as aulas – ela mesma diz na carta que fica com os alunos “desenvolvendo” após as aulas de Conhecimentos Gerais – muitos viam na programação a oportunidade de ter contato com conteúdos que ainda não conheciam e que melhorava sua formação e prática na escola radiofônica:

Diga a Rozário que estou alegre com as contas de multiplicar e dividir estou gostando bastante até a esta altura não achei nada difícil, porque ela ensina tudo direitinho; você não é preciso falar, sôbre as aulas dos substantivos e verbos.¹⁸⁰

Mando dizer que gosto muito do programa dos monitores. Mando pedir a divisão mais adiantada de 3, a 4 algarismos. [...] pesso desculpa dos meus singelos assuntos que nunca fui monitor, nem nunca fiz treinamento nem nunca escrevi para suprevizora nenhuma. peso desculpa dos borrões das letras que tambem não sei escrever.¹⁸¹

Queridas, não imaginem como estou gostando das aulas! Cada dia se passa mais gosto de todas, principalmente a de Conhecimentos Gerais porque é em que sou mais atrasada e tenho aprendido tantas coisinhas, que cinto-me feliz.¹⁸²

Sim estou gostando bastante das suas aulas para mim estão otimas eu estou gozando uma grande felicidade. [...] estou aprendendo umas pontuações que eu não sabia mais estou apruветando muntas coiza bôa para mim para tôdos que querem aprender.¹⁸³

¹⁷⁹ Carta da monitora Maria das Graças do Rêgo Medeiros à Zélia Alves, em 05/10/1963 [Água doce]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(3).

¹⁸⁰ Carta da monitora Rosa Oliveira à amiga Edna, em 28/08/1964 [Azevéu]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(2).

¹⁸¹ Carta do monitor Antonio Francisco de Souza á Juvaneta, em 08/11/1964 [Sitio Campestre]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 3(1).

¹⁸² Carta da monitora Maria Lira Rocha às supervisoras, em 03/07/64 [Pau-ferro]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(2).

O radio o dia 5 o dia 6 sem negia eu vou apredendo bem a letura mais a conta de multiplicar eu mi atrapalho muito.¹⁸⁴

Escrevo esta carta para toda Equipe do Mebe de Caruaru quê eu estou agradêsendo bastante esta aula de linguagem e de aritimetica e eu dezego aprender mas si Deus consitir e os alunos estão animado para aprender a ler eu quero consigir com muito bôa vontade esta Escola Radiofônica.¹⁸⁵

E quanto as aulas que estão sendo dadas estou gostando bastante, pois todos os dias na hora certo estou ao pé do rádio com lápis e caderno para ouvir com atenção e escrever tudo quanto nos transmitem.¹⁸⁶

Para os monitores, tanto as aulas destinadas à sua formação, quanto à programação destinada aos alunos eram ocasiões importantes de aprendizado. Alguns citam conteúdos específicos de linguagem e aritmética, como pontuação e Algarismos que, segundo eles, aprenderam durante as radioaulas, além de se demonstrarem motivados pela experiência de aprender e ao mesmo tempo ensinar aos alunos; ao menos, aos interessados.

Aqui todos em paz graças ao Pai Onipotente e bem de aulas também, todos: eu e os alunos gostando muitíssimo das mesmas; as aulas de Aritmética estão ótimas, os alunos estão gostando imensamente e simpatisando muito a professora [...] Êles estão achando pouca é as aulas de Linguagem.¹⁸⁷

Dêles que estão compreendendo algumas coisas e outras estão um pouco atrasado na leitura por que estão um pouco novatissimo na escola não é mesmo? \ prezadas eu mesmo estou sendo monitora e aluna porque estou aprendendo também, emcinando os alunos, escrevo no quadro negro, e êles copeia no seus cadernos mais eu mesmo não sei ainda quais nada quero aprender se Deus quiser, o valor do saber é muito bom faço esforço pra os alunos compriender mais omenos o valor de cada fraze.¹⁸⁸

De muito bom humor ouvimos o otimo programa de sabado. Gostei muito de o professor J. do Barro não consentir Maria, bater na pobre burra que tanto lhe servia para carregar suas louças. O! Maria isso não se faz! Estão me pondo em dificuldade, após a escola me pedem com a maior insistência para passar contas; de somar diminuir e até de

¹⁸³ Carta da monitora Josefa Maria do Espírito Santo às senhoritas moças do MEB, em 25/08/1964 [Urtiga de Gravatá]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(2).

¹⁸⁴ Carta da monitora Francisca Maria de Assis à professora Maria do Rosário, em 07/08/1964 [Sitio Esmera]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(2).

¹⁸⁵ Carta do monitor José Geronimo do Nascimento à Equipe do MEB de Caruaru, em 08/08/64 [Sitio Boqueirão Panelas]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(2).

¹⁸⁶ Carta da monitora Maria Julia do Espírito Santo à Edna, em 28/07/1964 [Sitio Grotão]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(2).

¹⁸⁷ Carta da monitora Maria Lira Rocha às supervisoras, em 07/08/1964 [Pau-Ferro]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(2).

¹⁸⁸ Carta da monitora Josefa Vieira Lima às supervisoras, em 28/08/1964 [Sitio Caximbinha]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(2).

multiplicar e dividir. Ahi passo de monitor a professor, o que fazer? Atender não é assim? Graças a Deus eles vivem comigo, pençam comigo e me respeitam muito. \ Conforme ouvimos, o voto é um direito sagrado que, só aplicamos em favor de nossas melhores escolhas para grandeza de nossa Patria, não é assim?¹⁸⁹

O aprendizado dos alunos com relação à programação era outro tema relevante nas cartas, assim como o vícios pedagógico das transmissões. A monitora do Sítio Caximbinha, por exemplo, relatava que escrevia no quadro o que era dito nas aulas, os alunos copiavam e ela os ajudava a compreender as frases. Dispomos de dois roteiros de “Aula para alunos”, transmitidas no mês de junho de 1965, que permitem levantar diversas observações a respeito da estrutura geral das aulas e dos conteúdos abordados.¹⁹⁰

As “Aulas para alunos” transmitidas durante a semana estavam divididas da seguinte forma: uma parte inicial, que tinha a estrutura de um diálogo introdutório em que a professora-locutora se apresentava e falava sobre o tema da aula. Em seguida, abordavam-se os conteúdos das três disciplinas, Linguagem, Aritmética e Conhecimentos Gerais, apresentados nessa sequência, ou, em outros casos, abordados de forma interdisciplinar ou com aulas específicas para cada conteúdo o que ocorria especialmente em Conhecimentos Gerais, com aulas temáticas.

As aulas de Linguagem tratavam da formação de palavras a partir de famílias de palavras geradoras. Enquanto as palavras eram apresentadas, seguida das famílias, o monitor deveria registrá-las no quadro e os alunos, anotá-las no caderno.

O conteúdo de Aritmética também era introduzido pelo uso de palavras geradoras, tais como “medida” e “vazio”, a partir das quais se desenvolvia uma situação narrativa envolvendo operações matemáticas de soma, subtração etc, propondo-se um gancho com o tema destinado aos Conhecimentos Gerais que poderia vir sinalizado, no início do roteiro, sob a sigla “P. Humana” quando se tratava de abordar situações envolvendo o mundo do trabalho. A palavra mediadora era utilizada para introduzir a questão temática, por exemplo, “medidas de trabalho”, na anedota em que se trata da quantidade de braças limpas por “Seu” José e o valor recebido por ele por seu trabalho. A

¹⁸⁹ Carta do monitor José Pimentel à Equipe do MEB , [s/dl]. [s/l]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(2).

¹⁹⁰ Ver Quadro 6 em Anexos.

professora locutora reiterava que José, por ter aprendido a fazer as contas poderia saber quanto de seu trabalho não fora pago e, por isso, não seria enganado.¹⁹¹

Numa aula sobre “Jornada de trabalho” segue-se a mesma estrutura: a palavra “vazio” introduz a história de “Seu” Amaro e suas “6 crianças que agora mesmo estão com o estomago vazio”. Entretanto, Amaro e sua família estavam naquela situação difícil “Não porque êle tivesse deixado de trabalhar mas pelo contrato ele esta trabalhando muito mais”; na sequência, se introduz a operação da soma para saber quanto a mais Amaro estava trabalhando a partir daquele momento. Fala-se da longa jornada de trabalho de José e quantas horas ele trabalha a mais do que deveria e que é inversamente proporcional ao baixo salário que ele recebia, “que não dá para o sustento de sua família e, por isso, as coisas precisam mudar”¹⁹².

Nas aulas destinadas aos alunos, vemos que se realiza a proposta do MEB de permear os conteúdos de informações sobre as condições de vida dos camponeses, e nos relatos de ambos, monitores e alunos, se identifica o sentimento de que o acesso à alfabetização e aos conhecimentos matemáticos propiciado pela escola radiofônica, estava diretamente associados à possibilidade de mudança da sua condição de vida.

Os alunos em geral relatam sua experiência radioeducativa de forma positiva, exaltando sua participação ou à dedicação da monitora e das professoras. Como esse aluno do 4º ano, da escola radiofônica Nossa Sra. de Fátima, que escreveu à professora para manifestar seu entusiasmo com as aulas:

Estou entusiasmado com as aulas de matemática, gosto bastante. Estou compreendendo bem as aulas, estudo com bem atenção. / Gosto muito das explicações da minha professôra. Estou unido as professôras e monitoras das escolas radiofônicas para ver se construiremos um Brasil mais justo, mais livre e mais cristã. A Emissora de Educação Rural atraves das professôras e monitoras estão procurando educar o homem do campo com as aulas de alfabetização e programas educativos. / Com as aulas radiofônicas, foi iniciado o programa de educação fundamental pelo rádio. / As escolas radiofônicas e a justada a didática desse novo progresso do ensino para o homem. O homem precisa aprender a ler. O homem analfabeto não conhece a vida de um pais. O homem analfabeto

¹⁹¹ MEB/Aula para alunos. 09/06/1965. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 23(1).

¹⁹² MEB/Aula para alunos. 21/06/1965. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 23(1).

vive isolado, vive nas trevas da ignorância. O homem precisa conhecer os vultos do nosso Brasil.¹⁹³

O fato de o aluno ter frequentado a escola radiofônica desde o início da sua implementação talvez justifique as características de seu texto que exprime uma boa comunicação escrita e a familiaridade com os conteúdos políticos do MEB, o que demonstraria, inclusive, a eficiência e o peso formativo daquelas aulas. Além disso, o aluno não dissocia os conteúdos didáticos dos políticos, contando que está unido às professoras e monitoras da escola na construção de uma identidade comunitária, que alia a escola ao MEB no propósito de “construir um Brasil mais justo, mais livre e mais cristão” por meio da atuação das emissoras, monitoras e professoras que procuram “educar o homem do campo com as aulas de alfabetização e programas educativos”.

Esta primeira vez que pego no meu amavel lapis somente para dar os meu sincero agradecimentos porque estou muito satisfeito com as aulas creio que mais tarde serei um cidadão brasileiro e como tambem a dizer que estou gostando bastante da aula de cruzeiros e centavos.¹⁹⁴

Os relatos de alunos reforçam a importância atribuída à alfabetização como forma de tirar o camponês das trevas da ignorância, ao considerar que o analfabetismo faz com que o homem viva isolado e não conheça a vida do país. Ao manifestarem essa opinião, assumiam a necessidade de se conscientizarem a partir dos conteúdos para conhecerem melhor a realidade e saírem do que alguns chamavam de “escuridão da ignorância”. Embora tal identificação não se desse de forma consciente, correlacionava de alguma forma o acesso à leitura ao caminho para o conhecimento da realidade e do país.

Os pressupostos da ação do MEB da união e organização da comunidade, combinados à possibilidade de melhoria na vida da comunidade por meio do conhecimento e da atuação contribuiu, a nosso ver, para reafirmar os princípios políticos do movimento entre monitores e também entre os alunos, que assumiam a identificação entre conhecimento e mudança conforme frequentavam as escolas radiofônicas e ouviam as transmissões. Entretanto, a proposta de ação política do MEB foi colocada em confronto ao entrar em choque com a realidade rural e a sobrecarga dos monitores, que não se viam em condições de desempenhar as tarefas que lhe eram atribuídas nem o

¹⁹³ Carta do aluno Orlindo Moreira da Silva [s/d], em 02/11/1963 [Lages]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(3).

¹⁹⁴ Carta do aluno José Ferreira da Silva às supervisoras, em 01/09/1963 [Fazenda Vitorino]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(2).

papel missionário de ajudar a comunidade, contestando, desse modo, a ideologia católica por trás do projeto do MEB:

Dona Edina eu vou dexa mais e pro isto parque ais aulas que a senhora e outra estão dando eu não quase não compriendo di nada que eu não [?] Arimitica não ço passi primeira serí eu estou muito pençativa parque não pasco comsiguir o pai tumar lição com a profescoura Maria dos Prazer ela falou quí eu não tive estudo para este trabâlho não ço para ela qui estudou 5 anos eu estude 2 ela é prodescoura municipal conhese tudo então respasti ci esta serto a sim eu entrego ais coiza todos o radio esta bom pode ficar para outra ate eu mesmo paço entregar uma monitora que o dela não presta.¹⁹⁵

Deve-se ressaltar que as questões materiais se impunham, interferindo não só no aproveitamento das aulas em função dos choques de horário com a rotina, dinâmica e ciclo de trabalho próprios da produção na lavoura, mas também na dimensão tecnológica da qualidade das emissões e dos aparelhos que, cheias de defeitos, limitações e ruídos, dificultavam ou impossibilitavam ouvir as aulas com clareza.

Sôbre o rádio não estar bom, sabado ouve o prochama, por que o rádio não pegou nada, por isso não estou bem satisfeita não tenho notisçia não sei qual são as novas Petrolina; peço que se não for possivel envi outro radio para mim que quando o outro chegar eu mando êste na primeira portunidade, peço que mande um rádio novo que êste que tenho aqui nunca foi bom sempre tem um chiado que atrapalha bastante as aulas, alguns alunos não compreende bem as aulas por causa do rádio que chia muito; por isto peço que envi outro. Meus alunos estão anciosos que comece as aulas.¹⁹⁶

Avizo também que nos 15 dias de férias eu vou mandar o rádio para consertar pois esta ruim sempre pega outra estação e principalmente na hora da aula e com isto atrapalha muito tem dias que não da para ouvir a última aula, e depois da hora do Brasil não pega nada nunca pegou dia nenhum.¹⁹⁷

Quando não tem aulas pelo radio eu dou aulas porque êles não gostam de perder suas viagens vir de tão longe as veses no escuro e não ser atendidos e estou obrigada a atendelos com lições escritas e matematica. Eles dizem que as aulas não está bem organizada, também não seio porque meu radio gosta de suviar só a noite, e parece que tem um chiado uma suada diferente não seio porque.¹⁹⁸

Com os meus alunos vou mais o menos. Esta semana é que tem sido interrompida por que o radio parou desde segunda feira inda perdi 1 dia de aula. Mais perto tinha um visinho

¹⁹⁵ Carta da monitora Grimauro Gomes de Andrade à D. Edna, em 08/08/64 [Sitio Serra/Panelas]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(2).

¹⁹⁶ Carta da monitora Maria Rodrigues Araújo à supervisora, em 08/06/1964 [Icaçara]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(2).

¹⁹⁷ Carta da monitora Aliete Dantas às supervisoras, em 06/07/1964 [Verdejante]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(2).

¹⁹⁸ Carta da monitora Anésia Inês de Aguiar às supervisoras, em 03/04/1964 [Monte Alegre]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(3).

que tinha radio eu estou indo com os alunos ouvir as aulas : tanto pesso que si tiver um radio bom mande e se não tiver vejam o que pode faser os alunos passaram a semana triste sahiu uns 3. vão desgostando vem a pé com meia legua e chega não houve aula voltam triste e eu também fico triste por não poder atendelos por tanto vejam o que é que fasem.[...] Em seguida esta o bilhete da aluna, no qual se queixa da falta do rádio.¹⁹⁹

Esses problemas com o aparelho de rádio ou com as interferências de outras emissoras são relatados em inúmeras correspondências, revelando que eram frequentes no cotidiano das escolas radiofônicas²⁰⁰. Além das queixas quanto à falta do rádio as cartas também revelam que, diante das dificuldades enfrentadas cotidianamente, era necessário criar estratégias para garantir o funcionamento da escola radiofônica e a continuidade das aulas. A monitora Maria Isabel, por exemplo, recorreu ao seu vizinho, com quem deveria ter uma convivência bastante próxima, para evitar a frustração e a queda na frequência, como já vinha acontecendo.

Faço-lhes siente, que estou muito satisfeito com a nossa escola, já tenho 8 alunos que não conhicia nada e pelo fichario já escreveram o nome deles até muito bem, e na aula de aritmética quando eu armo a conta no quadro negro eles já dão resultado. Somente o que estar contrariando-me é o Radio, ao dia é otimo mais a noite estar interrompendo muito a fim de não se entender quase nada, e sim com muito sacrificio. Espero se for possível um jeito sob isto.²⁰¹

As aulas foram trapalhadas por causa do radio porque é pescimo as pilhas que comprei já está ruim mais eu não vou comprar outros porque assim é remar conta a maré com este radio as aulas está paradas pesso que a bem dos alunos, os encarregados do MEB ajam com este assunto lembre-se que com radio ruim não se escuta nada. Os alunos são intereçados é pena perder o interesse dos alunos. [P.S] enquanto vem outro radio vou lutando com as aulas.²⁰²

Os pedidos frequentes dos monitores para que fossem enviados novos aparelhos ou consertados os receptores antigos, chama a atenção para a falta de aparelhos num contexto estruturado em torno do modelo radioeducativo, mostrando os limites do projeto no que se refere à infraestrutura mínima para garantir o êxito de seu modelo

¹⁹⁹ Carta da monitora Maria Isabel Silva à supervisora Teresinha, em 03/10/1963 [Sítio Lagoa do Arroz]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(1).

²⁰⁰ O rádio fornecido pelo MEB às escolas radiofônicas funcionava por meio de um transistor movido à pilha, o que permitia sua utilização em locais onde não havia energia elétrica. Além disso, era um aparelho de recepção cativa, que transmitia apenas a programação educativa em horários determinados e deveria ser devolvido à Equipe Local caso a escola radiofônica fosse fechada.

²⁰¹ Carta do monitor Manoel Ricardo Rocha às professoras e Equipe do Radioeducativo de Caruaru [s.d]. [Gravatá] Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(1).

²⁰² Carta do monitor Afonso Alves da Silva à professora Dinalva, em 03/05/1964 [Várzea do Meio] Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(3).

educacional²⁰³. Em alguns casos, os monitores encontravam alternativas para amenizar o problema; porém, havia outros em que era preciso aguardar ou eram forçados a ficar sem aulas por longos períodos, pois o rádio era o instrumento que estruturava a dinâmica distintiva daquelas aulas.

Por outro lado, a ausência do rádio também imprimiu, em alguns casos, uma organicidade própria àquela experiência escolar, pois abria a possibilidade aos envolvidos de distanciarem-se do que estava prescrito pelo MEB.

O rádio está ruim dias não houso e nem as aulas e não é defeito na emissora porque no dia que escuita [?] melhor agente ver é raro agente ouvir as aulas dias da aula até a hora do Brasil e depois da hora do Brasil não dá mais nada. Eu já avisei não providenciario penço não terem ligado a folha do mês de junho não teve frequência todo mundo [?] até eu está em uma dismanxa de mandioca aqui e tambem se tivesse tido tempo o rádio não tinha dado.²⁰⁴

Para os monitores que já possuíam experiência com alfabetização em outro contexto, desenvolver tarefas mesmo sem ouvir a transmissão das aulas não era tarefa tão difícil. Entretanto, não há dúvida de que as novas soluções didáticas e pedagógicas que se improvisavam na falta do programa norteador tiveram impacto relevante sobre a relação pedagógica aluno/MEB. Os vários relatos de monitores sobre todas as dificuldades de horários e os empecilhos de ordem técnica, demonstram os limites do modelo da educação radiofônica implementada pelo MEB e é provável que essas mesmas limitações tenham contribuído para a expansão do campo ação do MEB através do estreitamento do seu contato direto com a comunidade, que se fazia então mais necessário e foi viabilizado por meio das visitas de supervisão e treinamentos e das ações de animação na comunidade.

²⁰³ Sobre a distribuição e conserto dos aparelhos de rádio se recomendava fazer previsões de venda, distribuição, reparação e reposição de peças pois “Todas estas medidas sobre reparación y reposición de los receptores de radio – em pocas palabras, sobre lo que podríamos calificar de ‘servicio a los radioyentes’ – exigen mucho trabajo y una atenta planificación: hay que hallar un procedimiento de entrega de los materiales que funcione a entera satisfacción; deben establecerse depósitos de piezas de recambio para los receptores averiados. Todo esto es esencial para el éxito del proyecto” BURKE(B), *op. cit.*, p.92. As recomendações foram retiradas de uma publicação que tinha como objetivo instrumentalizar profissionais que se propusessem a atuar na alfabetização de adultos por rádio. Apesar de se tratar de uma publicação espanhola a utilizamos como referência por alguns fatores: primeiro, por haver sido elaborada a partir de experiências anteriores de educação radiofônica em países da América, dentre elas o MEB; o segundo se refere ao fato de que a publicação foi feita sobre recomendação da UNESCO e a estrutura radiofônica empregada pelo MEB procurou atender às orientações dadas pelo órgão.

²⁰⁴ Carta da monitora Amélia Cristina de Albuquerque à coordenadora Raimunda Teixeira, em 06/07/1964 [Palácio]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(2).

Programação Especial: cultura popular nas ondas do rádio

Vimos como o rádio desde seu advento foi um importante veículo de comunicação em massa. Retomando a visão que Benjamin tem do rádio sob a perspectiva da *popularity*, o meio correspondeu, como nunca antes, aos objetivos de educação popular,²⁰⁵ atingindo as populações camponesas com as notícias do Brasil e do mundo, as propagandas, os programas de entretenimento, além de ser amplamente utilizado pela Igreja Católica para veicular conteúdos religiosos.

A programação especial transmitida pelo MEB, principalmente na parte destinada às músicas e aos cantores e poetas populares, mostra a forma como os membros das equipes locais, que elaboravam os programas, tentaram criar formas de aproximar os alunos do conteúdo das aulas e, desse modo, estimular sua participação, utilizando para isso “os livros, poesias, etc. da cultura popular nos programas do MEB”²⁰⁶. Os motes e os versos lidos na programação tinham como objetivo estabelecer um canal de comunicação com as comunidades integrar ao conteúdo das aulas elementos da *cultura popular*²⁰⁷, como um das formas de promover a conscientização.

No documento intitulado *MEB/cultura popular: notas para estudo* se afirma que na sociedade brasileira “[...] o desnível cultural proporciona um tipo radical de marginalização que impede a própria comunicação entre os diversos grupos sociais”²⁰⁸. O MEB define assim a cultura popular como “tudo que o homem acrescenta à natureza; tudo o que não está inscrito no determinismo da natureza e que aí é incluído pela ação humana”. Assim, os seus produtos mais evidentes seriam os “instrumentos,

²⁰⁵ BENJAMIN, *op. cit.*.

²⁰⁶ MEB/Pernambuco. Conclusões do Encontro das Equipes Locais de Pernambuco. Recife. jun/1963. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 6(2).

²⁰⁷ A criação do MEB aconteceu em um período de efervescência cultural e política e de questionamento da cultura brasileira, em que os intelectuais e militantes de esquerda discutiam e diferenciavam categorias como *arte do povo* e *arte popular*, *cultura alienada*, *cultura desalienada* e *cultura popular*; ver em BERLINCK, 1984. Nesse contexto, os movimentos ligados à cultura popular se colocavam como os representantes de um projeto político de superação das desigualdades e da exploração do trabalho por meio da cultura. Para esses grupos a cultura tinha um papel determinante para a transformação da sociedade brasileira, pois, possibilitaria às classes populares tornar consciência das ações que deveriam praticar para conquistar as posições dominantes na sociedade. Tal processo somente seria possível com ações que dialogassem com os interesses do povo, e lhe permitisse adquirir uma cultura capaz de elevar sua compreensão da realidade, rompendo com a dominação ideológica da cultura da elite.

²⁰⁸ MEB/Cultura popular: notas para estudo, apud FÁVERO, *op. cit.*, p.77.

linguagem, ciência, a vida em sociedade; e os modos de agir e de pensar comuns a uma determinada sociedade, que tornam possíveis a essa sociedade a criação da cultura”²⁰⁹. Essa concepção não se distanciava da noção de um *espírito formador* da vida de um modo global que se manifestava nas atividades especificamente culturais, como a linguagem, estilos de arte e os tipos de trabalho intelectual.²¹⁰

Entretanto, de acordo com a concepção do MEB o espírito formador da cultura, capaz de fazer com que todo homem pudesse intervir no mundo e produzir cultura, não garantia que tal produção se desse em um nível igualitário, ou seja, como diz o documento, as produções culturais humanas acontecem em desníveis. Para o MEB era possível observar tais desníveis nos instrumentos, na linguagem ou na ciência, mas particularmente nos “modos de agir e pensar de uma sociedade [que] inscrevem distinções de classes sociais; o desnível econômico, o conflito entre grupos diversos”²¹¹. Para eles, o que punha fim a essa distinção era o estabelecimento da comunicação entre os grupos desnivelados. A cultura popular enquanto movimento deveria, então, contribuir para que o povo se tornasse consciente do desnível “obrigando-os a optar por uma ação transformadora dos padrões culturais, políticos, econômicos e sociais que o determinam”²¹².

Como foi apontado por Souza, “a maneira como o MEB interpretou a problemática Alienação/Cultura alimentou uma visão dicotômica entre a cultura das elites x cultura popular”.²¹³ O movimento compreendia a cultura tradicional do povo, da ótica da dominação, “como submissa aos valores e critérios da dependência e da hierarquia do poder local” e, por isso, “o propósito da ação cultural do MEB deveria ser o de fazer emergir uma outra cultura, liberta dos limites da dominação e da massificação cultural”²¹⁴.

No tocante à essa visão dicotômica em relação à cultura popular, foi determinante a influência dos populistas russos na formação da proposta pedagógica do MEB, que contribuiu para aprofundar-lhe a noção romântica de que o povo possuía uma cultura

²⁰⁹ *Idem*, p. 78.

²¹⁰ WILLIAMS, *op. cit.*, p.11.

²¹¹ MEB/Cultura popular: notas para estudo, *apud* FÁVERO, *Idem*, p.78.

²¹² *Idem*, p. 79.

²¹³ SOUZA, *op. cit.*, p. 80.

²¹⁴ SOUZA, *Idem*, p.79.

genuína a ser resgatada pelo homem benevolente. Nesse aspecto, Thompson fala em uma distância entre a experiência do intelectual e do povo que leva a romantização da realidade acerca da cultura popular.²¹⁵

Partindo da proposta de fomentar no homem rural a valorização da própria cultura e a partir dela criar espaços para a conscientização, as rádios educativas concentrariam sua comunicação na difusão da cultura popular. O MEB também pretendia, desse modo, se apropriar da cultura do camponês para fins políticos e construiu espaços para a manifestação cultural no âmbito do movimento com o objetivo de transformar as escolas radiofônicas em organizações produtoras de cultura.

Nas aulas para alunos veiculadas pelos sistemas de Olinda e Recife, por exemplo, foram feitas mudanças na programação semanal, com a finalidade de deixar as aulas de Conhecimentos Gerais mais diversificadas. Nas segundas e quartas-feiras havia aulas com temas específicos, como de hábito, mas as terças e quintas-feiras, passou-se a transmitir o programa de música com o cantador popular “Seu” Pedro, que era uma “nova maneira de apresentar as aulas de Conhecimentos Gerais”. Cantador de improviso, as aulas de “Seu” Pedro eram feitas com os motes enviados pelos alunos que, de alguma forma, estivessem relacionados aos temas da aula. Segundo a locutora, seus versos falavam sobre a história do povo e a vida do sertanejo conforme ele mesmo sentia e via, levando a sua cultura popular para dentro das aulas.²¹⁶

A programação com o “Seu” Pedro foi pensada não somente para tornar a matéria de Conhecimentos Gerais mais atrativa para os alunos, mas tinha também o intuito de “incentivar a cultura popular através de programas radiofônicos”²¹⁷ e aparecem com frequência nas cartas dos monitores: “tem 10 alunos na escola estão animados com os programa da comunidade estou gostando de seu Pedro cantando os seus motes os aluno estão gostando das aulas de language e aremetica estão ottima”²¹⁸. A monitora da comunidade de Varjão comenta que “o Programa está cendo ótimo meus alunos gosta

²¹⁵ THOMPSON, *op. cit.*

²¹⁶ MEB/Sistema Radioeducativo de Olinda e Recife. Programa do Monitor. 14/09/1963. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 23(1).

²¹⁷ MEB/Pernambuco. Conclusões do Encontro das Equipes Locais de Pernambuco. junho/1963. Recife. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 6(2).

²¹⁸ Carta da monitor Maria Severina da Silva à supervisora, em 06/08/1964 [Serra da Capoeira]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(2).

mais de ôvir seu Pedro com a viola cantando. E o programa da comunidade é uma maravilha. Estamos gostando muito”.²¹⁹

Ambas as monitoras falam de forma positiva das aulas de “Seu” Pedro na recepção dos alunos, não pelo conteúdo, mas pela forma, ou seja, por ser transmitido através da música: “seu Pedro cantando os seus motes” e “seu Pedro com a viola cantando”. Os alunos da monitora de Água Doce também mandam dizer que “estão gostando muito de seu Pedro porque todo assunto que êle glosa nos motes é muito importante para os camponeses”²²⁰.

As transmissões radifônicas de forma geral também atendiam os inúmeros pedidos de músicas, feitos por monitores e alunos, para serem tocadas no programa da comunidade: “Zélia o que estou gostando muito é das musicas do programa da comunidade”²²¹, e monitores e alunos também aproveitavam a programação do MEB para dedicar músicas às pessoas queridas, prestar homenagens ou enviar saudações e cumprimentos por alguma ocasião especial.

Gostei muito das historias de Manoel poeta e Zé da Rima e das gravações.²²²

No dia 11 eu completo 16 anos e mamãe manda pedir que saia a gravação tu es o maior amor da minha vida para mim com grande amor e carinho. [...] Ofereço a Justina que encina em Encruzilhada de Bezerros, a gravação tu es a criatura mas linda. E a mesma a toda Ecipe do MEB. Que ofereesse Margarida Mauricia da Silva.²²³

Esta gravação é para Ângela com muitos votos de felissidade e para-bens que a monitora Josefa e seus alunos a quem lhe oferece com todo amor e carinho é meu beija-flor.²²⁴

Nos programas do monitor, entre uma parte e outra da programação, era sempre tocado um tema musical e, no início de todos os programas que consultamos, executava-se o tema do “Rio Kwai”. Há um programa no qual a professora locutora

²¹⁹ Carta da monitora Eva Maria da Silva à Equipe do MEB, em 03/08/1964 [Varjão]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(2).

²²⁰ Carta da monitora Maria das Graças Medeiros à Zélia Alves, em 05/10/1963 [Água Doce]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(3).

²²¹ *Idem*.

²²² Carta da monitora Maria Francisca de Jesus à D. Edna, em 08/08/64 [Sítio Chambá]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(2).

²²³ Carta da monitora Margarida Mauricia da Silva à amável supervisora, em 02/09/1963 [Fazenda Serra dos Aires]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(2).

²²⁴ Carta da monitora Josefa Maria Vicência à Angela Belfor, em 06/09/1963 [Gravatá]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(2).

apresentou, no intervalo das aulas de Linguagem e Aritmética, uma parte musical com a biografia e canções do músico Gilvan Chaves:

Quem é Gilvan Chaves? É pernambucano, nascido em Olinda; começou sua vida de cantor aqui mesmo, no Recife, na rádio Clube de Pernambuco. [...] mudou-se para o Rio de Janeiro, onde continuou sua carreira de cantor com o mesmo sucesso, agradando sempre aos ouvintes. Nós vamos ver, nesse disco, “Gilvan Chaves compositor”, quer dizer, fazendo as músicas e letras.²²⁵

Durante a programação também eram lidos os inúmeros poemas enviados por monitores e alunos, sobretudo nas ocasiões dos concursos, que eram promovidos pelo MEB, e referiam-se aos mais diversos assuntos envolvendo o aprendizado, a programação, conteúdo das aulas e professoras locutoras, como mostram estes três poemas:

- 1) Aqui é a ultima Linha
Desta terra Brasileira
eu acho muito engraçado
dos programa da Maria Louceira

José Severino da Silva
e Manuel Severino da Silva
dois aluno competente
Graça a Deus ate hoje
com a aula estou muito contente.²²⁶

- 2) A Escola radiofonica
me deicha grande
paser, que eu era anafabeta
já istou a prendendo a ler
estava de olho fechado para
mim já clarior não quero
da macada nem mesmo
a meu monitor as 5
horas da tarde pego
a minha cartilha i vou
espera que chegue a

²²⁵ MEB/Sistema Radioeducativo de Olinda e Recife. Programa do Monitor. 05/10/1963. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 23(1).

²²⁶ Poema do alunos José Severino da Silva e Manoel Severino da Silva. [s.d.].[Fazenda Veneza]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(3).

- aula junto com meu monitor.²²⁷
- 3) O velho pai de papai
a quem eu chamo de vovô
Buto meu pai na escola
a profesora ensinô
Hoje eu já seio lêr
Foi o meu pai que mi ensinô

nunca tive em hotra escola
nem a pena para folha
foi na escola radiofonica
quê aprender ler i contar
mêu pai não estando em caza
eu vivo de alsiliar

mêu pai naõ estando em caza
a aula não vai parar
porque eu tomo a frente
faço o quê a professôra madar
êu somo e diminuo
depois vou mutripicar.²²⁸

As condições trabalhistas também era tema que circulava na programação por meio dos poemas, que denunciavam o valor das diárias e a dureza do trabalho com a terra:

- 1) Terminado de colher
nova luta então começa
a safra vai si perder
se não si vender depressa!!!
assim pensou seu José
com grande preocupação.²²⁹

- 2) A vida do camponês
E uma vida amargurada
passa a semana tôda
agarrado na enxada
Quando chega o fim do mês
Não tem arranjado nada.²³⁰

²²⁷ Poema da aluna Cícera Josefa Silva [s.d]. [Boa Vista]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(3).

²²⁸ Poema do aluno Jose Manoel às professoras do MEB de Nazaré da Mata e Recife, em 03/10/1965 [Sítio Ilheta]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 4(1).

²²⁹ Poema do aluno Elpidio Florintino ao MEB [s.d]. [Papagaio do Meio]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 4(1).

²³⁰ Poema do aluno Manoel Pêssoa, em 08/11/1965 [Utinga de Baixo]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 4(1).

- 3) Quando eu nassi gritei
grasa a Deus vou viver
na escola radiofonica
foi que eu apredir a ler.

Chegou o fiscal e disse
um dia cesta feira
feixe pequeno na cana
não fala por brincadeira
o cortador le respondi
e como é que eu fasso feira
o fiscal le repondeu
se não der pra fazer uma
fassa meio tonelada a Cr\$ 800
este pobre ganha nada?²³¹

A circulação da cultura e da informação via programação radioeducativa foi uma importante contribuição do MEB no que se refere ao estabelecimento de uma comunidade de leitores e ouvintes em torno daquela experiência, conforme aponta Petrucci ao falar da comunicação que se estabelece em torno do intercambio epistolar.²³² O MEB, além de promover essa circulação radiofônica da cultura popular, também criou espaços de circulação da informação entre as comunidades atendidas pelos sistemas. A leitura das cartas durante a programação especial dos finais de semana fazia com que, em torno do intercambio epistolar, se formasse uma comunidade de pessoas que aguardavam ansiosas por respostas às suas cartas e por notícias das escolas vizinhas. A última parte do Programa do Monitor era composta basicamente por avisos e pela leitura da correspondência que, segundo a professora locutora, era o veículo de conversação do MEB com as escolas na falta das visitas. A maior parte dos monitores tinha suas cartas respondidas na programação, o que se constata em acervo pelo fato de muitas delas trazerem anotada a letra “R” e a data em que foi respondida, embora muitas outras cobrassem resposta a sua missiva.

As cartas também eram enviadas para tirar dúvidas sobre o conteúdo ou sugerir temas a serem abordados durante as aulas possibilitando, nesse aspecto, maior interação e a participação dos aprendizes na elaboração do currículo.

²³¹ Poema da aluna Maria José Ferreira e do aluno Arlindo Ferreira de Barros, em 05/11/1965. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 4(1).

²³² PETRUCCI, *op. cit.*.

Caras Supervisoras vou fazer umas perguntinhas: uma pessoa me perguntou as aulas vão ser demitidas admitidas submetidas não estou lembrada direito qual foi a palavra foi uma destes. Eu não entendi o que significava e respondi estão suspensas. Não sei se respondi certo ou uma das mesmas significavam o mesmo.²³³

Estou gostando do programa do monitor, mando pedir para nos encinar escrever carta tambem, pois tenho vontade de aprender. E tambem o da comunidade está ótimo com este discos nordestino muito nos animam.²³⁴

Todos esperam o seu nome pelo o rádio, ficam contentes! As aulas tem sido ótimas. Gostam muitos dos jogos, é muito divertida até nas aulas de conhecimentos gerais estão com outra atenção. Os problemas de aritmética é que não dá tempo escreverem todo só o final. Vai os 50,00 da gravação se saiu não vi. [...] Qual é o outro nome do coletivo de esquadrilha é navios ou aviões, não escrevi por esquecimento. Um aluno manda perguntar: Raimundo Nonato é pequeno de que é que faz o vidro? E como os índios pescam se não tem anzol?²³⁵

Queria que explicassem a quem pertence a ibd e o sindicato rural aqui tem tanta gente que assinam o sindicato e não quer mas porque eles não sabem nem o que é [...] e também quero saber se o sindicato rural tem alguma coisa com o govêrno [...] eles já estão escrevendo o nome (Isaura Neves, monitora, Bezerra, s/d) [...] votos de saude e felicidades para todos do movimentos deste grande bem que as escolas radiôfonica faz a qui no sertão. Eu e todos os meus alunos estamos satisfeitos com as boas lições que recebemos através da radio Olinda. Estou escrevendo para saber noticia dos livros que estamos esperando a bem das escolas e do futuro de todos os alunos de nossas escolas. Estamos satisfeitos com as lições sôbre o algudão nós do sertão desejamos lições sobre algudão mamona feijão de corda e milho. Queremos lições de educação sanitária educação doméstica e lições sobre agricultura!²³⁶

É pena meus alunos serem poucos mas tudo animado, tenho sentido porque preferia um numero maior, mais que hei de fazer, se o povo não querem. [...] Sim! Estou gostando do programa do monitor, mando pedir para nos encinar escrever carta tambem, pois tenho vontade de aprender. E tambem o da comunidade está ótimo com este discos nordestino muito nos animam.²³⁷

O envio das cartas era, inclusive, incentivado durante o *Programa do Monitor*: “quando nós pedimos que nos escrevam, é porque para as aulas é importantíssima a opinião do monitor. É através dêle que as professoras sabem o que os alunos pensam, e

²³³ Carta da monitora Cecília Evangelista à supervisora Anete, em 05/07/1964 [Sitio Betânia]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(2).

²³⁴ Carta da monitora Josefa Francisca de Moraes [Zezé] à Neide, em 02/10/1964 [Engenho Desengano]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 3(1).

²³⁵ Carta da monitora Cecília Evangelista às supervisoras Dinalva e Helenita, em 24/05/1964 [Sitio Betânia]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(2).

²³⁶ Carta da monitora Ana Rodrigues da Silva às supervisoras MEB/Recife, em 07/10/1965 [Fazenda Caldeirãozinho]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 4(1).

²³⁷ Carta da monitora Josefa Francisca de Moraes [Zezé] à Neide, em 02/10/1964 [Engenho Desengano]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 3(1).

podem mudar aulas e fazer novas aulas, atendendo um pouco ao que vem de todos”²³⁸. Durante a programação a leitura das cartas escritas pelos alunos – que estavam se alfabetizando e já escreviam algumas linhas próprias, copiadas ou ditadas pelo monitor – era importante, primeiramente, por estimular igualmente os alunos de outras escolas a mandarem cartas e poemas, além de instigar as pessoas que ainda não haviam se matriculado na escola radiofônica a fazê-lo.

Além de tirar dúvidas sobre o conteúdo das aulas, as cartas que eram lidas e respondidas no rádio também faziam circular as questões e as demandas dos monitores com relação à organização das escolas radiofônicas pelas demais escolas do sistema:

Em nossas respostas não nos dirigimos apenas aos monitores que nos escreveram, mas sim a todos vocês, assim saberão notícias das Escolas mais distantes, ficando mais perto de todos os monitores e escolas que fazem parte da grande família do MEB²³⁹.

Por meio da programação também se difundiam as notícias sobre as festas realizadas com a comunidade, muitas delas com a finalidade de arrecadar fundos para contribuir com a compra de material necessário e manutenção da escola.

Venho por meio desta contar a vocês como passamos o s. João e s. Pêdro. Eu e a monitora Ma. Solidade fisemos duas reuniões nessas época. Dansamos quadrilha jogamos animados bingos, e tudo correu bem graças a Deus.²⁴⁰

Agora no dia 29 vai ser reunião de todos os meus alunos para fazer pascoa os que não fizeram. Ainda dia 29 dia de São Pedro a festa do nosso padruêro estamos trabalhando para São Pedro todos os alunos dando esmola, dia de alegria para nós.²⁴¹

Houve um drama dedicado a festa de São João no dia 21. Todos os alunos compareceram e ficaram muito satisfeito. Houve depois do Drama um lanche para tôdos o pessoal da comunida que compareceram o total de 100 pessoa.²⁴²

O S. João passamos mais ou menos divertindo-nos, fizemos um leilão afim de arranjar dinheiro para as despesas da Escola; esteve bonzinho, pouca gente porém rendeu sempre qualquer dinheiro, depois do leião ainda dançaram umas partes.²⁴³

²³⁸ MEB/Sistema Radioeducativo de Olinda e Recife. Programa do Monitor. 09/03/1963. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 23(1).

²³⁹ MEB/Sistema Radioeducativo de Olinda e Recife. Programa do Monitor. 16/03/1963. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 23(1).

²⁴⁰ Carta do monitor Boaventura Alves às supervisoras, em 30/06/1964 [s.l.]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(2).

²⁴¹ Carta da monitora Otaviana Ferreira à supervisora Dinalva, em 21/06/1964 [Barra de São Pedro]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(2).

²⁴² Carta da monitora Lucia Alencar de Lima à Mundica, em 30/06/1964 [Angico]; Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(2).

Sobre a festa que vamos organizar aqui em nossa escola pesso que se for pocivel dar uns avisos pelo rádio em meu nome quero convidar todos os monitores do municipio de Sta Cruz do Capibaribe e todos que pertence a equipe do MEB de Caruaru e o povo em geral.²⁴⁴

Este blilhete e para toda equipe de Mebe [...] para lhe avosar que o radio continua sempre baixo e para dar o nome do jornal e o jornal do campones e au mesmo tempo para lhe avisar que nos vamos comemora o dia 7 de setembro assintindo o progama do radio e depois e resando um terço em honra de Nossa Senhora para ela abençoar nossa pátria e depois faremos diversos brinquedos e para nos encerrar cantaremos o hino Nacional.²⁴⁵

Nas cartas enviadas às rádios circulam informações sobre o cotidiano das escolas radiofônicas e o modo como estas influenciavam a vida das comunidades. As festas e as reuniões promovidas pela escola eram momentos de reunião, de lazer e diversão, e também de atividades em prol de melhorias nas escolas, demonstrando que em algumas comunidades houve um engajamento em torno do movimento de modo a que nessas ocasiões ocorressem experiências educativas entre a comunidade e o MEB.

Por fim, destaque-se a combinação do uso do rádio com o intercâmbio epistolar que o MEB fez para fins educativos. Enquanto tecnologias disponíveis à circulação de informação, educação e cultura mobilizadas pelo MEB, permitiam, por um lado, acessar a regiões mais distantes e, por outro, intercambiar informações e estabelecer “diálogos” entre ausentes, ao modo mais antigo que se tem notícia na história da humanidade. O hábito de escrever carta a um parente distante sempre fizera parte da cultura do camponês, mesmo das pessoas não alfabetizadas que costumavam pedir a outros que escrevessem em seu lugar e, afinal, era somente graças às cartas que as questões da comunidade chegavam a circular nas ondas do rádio.

²⁴³ Carta da minitora Maria Lira Rocha às supervisoras, em 03/07/1964 [Pau-Ferro]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(2).

²⁴⁴ Carta da aluna Ilda Quintino de Lima às supervisoras, em 21/11/1964 [Moreira]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 3.

²⁴⁵ Carta do monitor Agustinho Manoel dos Santos à equipe do MEB, em 03/09/1963 [Olho d'água de Passos]. Fundo MEB. Acervo CEIDC, caixa 2(2).

CAPÍTULO 4

ESCOLAS RADIOFÔNICAS: MONITORES, ALUNOS E ALFABETIZAÇÃO

*Formo esta poesia so para saudar
pois, Escola Radiofonica
e mesmo de admirar.
E na escola radiofônica!
Que aprendem todas gentes!
Seja grande ou pequeno!
Tem que entrar na mente:
seja velho ou criança.
Na escola radiofônica temos
Que estudar; pois com os poderes de Deus:
Havemos de melhorar
Pois aprendendo ler,
havemos de enxegar
Distintas supervisoras
amim queiram desculpar, pois
esta poezia, é chamada popular*

Generosa Ferreira da Silva, monitora da Fazenda Vitorino

A monitora Generosa escreveu o poema acima para saudar a escola radiofônica como lugar em que *todas gentes* tinham a oportunidade de aprender a ler para melhorar suas vidas. Em sua “poesia popular” a monitora fala da esperança de pessoas que foram alunas e de monitores que, assim como ela, viram naquele modelo escolar a possibilidade de melhorar sua condição de vida e a da comunidade, com trabalho e a ajuda de Deus. Em seu poema, Generosa nos mostra, sobretudo, que era aquela experiência que viabilizava a educação de base do movimento.

Para atender às expectativas do MEB, a escola radiofônica deveria “chegar massiva e eficazmente à família rural”, por isso sua concepção e organização visava a “funcionalidade escolar, a desburocratização e a democratização do acesso à escola”. Para criar uma escola “acessível aos trabalhadores”, era necessário dar conta do “processo de matrículas, o sistema de controle de frequências, o horário de funcionamento, calendário escolar, [que] procuravam respeitar as particularidades da população que frequentava a escola”²⁴⁶.

²⁴⁶ SOUZA, *op. cit.*, p.153.

Nas cartas identificamos essa preocupação do MEB em tornar a escola radiofônica um espaço acessível ao trabalhador do campo e de interação com a comunidade e, nos materiais pedagógicos, a preocupação em definir seu papel e a importância comunitária, no sentido de abarcar e impulsionar também outras associações, como sindicatos, cooperativas e associações de moradores²⁴⁷.

O objetivo fundamental da escola radiofônica era promover “a integração cultural e econômica desta comunidade na comunidade maior, através da transmissão sistemática de instrumentos de comunicação e produção, e a motivação de atitudes”²⁴⁸. A expectativa do MEB era a de que não se aprendesse somente a ler e escrever, mas se propiciasse uma formação ampla que possibilitasse executar diversas tarefas de produção e de organização de grupos e de campanhas para lutar por melhoria nas condições de vida e de saúde da comunidade.

Não havia um local específico para a instalação das escolas, podiam ser abertas em diversas localidades, uma vez identificada a existência de demanda por meio do “estudo de área”, que fornecia dados sobre a vida da comunidade, seus recursos e necessidades mais latentes. Entretanto, o critério de escolha final respondia muito mais à estrutura do MEB e sua capacidade de pessoal e de proceder a tais levantamentos, além das condições de acesso das comunidades. Em realidade, em termos de demanda, havia sempre muitas pessoas analfabetas na maior parte das comunidades visitadas pelas equipes do MEB,²⁴⁹ muitas das quais não contavam sequer com escolas municipais ou particulares, o que poderia explicar, em parte, a presença de alunos na faixa etária da infância e adolescência frequentando as escolas radiofônicas.

Além da identificação da demanda por meio de estudos da condição socioeconômica da região e a constatação da carência de escolas convencionais, outros elementos deveriam contribuir para a instalação de uma escola radiofônica, como a mobilização das comunidades e a existência de pessoas dispostas a assumirem a função de monitores e cuidarem da escola e que manifestassem seu interesse junto às equipes locais do MEB:

²⁴⁷ MEB/Pernambuco. Conclusões do Encontro das Equipes Locais de Pernambuco. junho/1963. Recife. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 23(1).

²⁴⁸ MEB/Escolas Radiofônicas. s/d. Fundo MEB. Acervo CEDIC.

²⁴⁹ De acordo com dados do Censo Demográfico do IBGE em 1960 havia um percentual de 39,7% da população com mais de 15 anos que era de analfabetos. Ver: MEC/INEP. Mapa do analfabetismo no Brasil, s.d.

Estou a fazer esta carta, pedindo-lhe que facilite, a Escola Radiofônica aqui em, Caraíbas, para mi. Apesar que sou, uma pobre mulher. Mas tenho o prazer de encinar. Sôbre o encino, mi responsabilizo. Tenho prazer, de encarregar-me, desta, Escola. Se ver que mereço avize-me.²⁵⁰

Nesses ultimos dias estive pensando que deveria tomar conta de uma Escola Radiofônica. Então eu estudo e ensino. Aqui tem tantas mocinhas precisando de aprender e não sabem de nada. Antes aqui uma môça tomava conta, mais agora ela não ensinou mais. Quero saber se dá certo. Se Deus quiser, irei ai logo que poder, me responda alguma coisa pelo rádio.²⁵¹

Em segundo lugar, poderia resultar da própria atuação dos militantes do MEB nas comunidades, que promoviam reuniões para que a escola fosse aberta. Encontramos entre as cartas de 1966 – último ano de funcionamento do MEB em Pernambuco – relatos de duas reuniões ocorridas nas regiões de Macaparana e Lagoa Grande, pertencentes ao sistema de Nazaré da Mata, em que se discutia com os habitantes locais de que modo a escola radiofônica poderia contribuir com o desenvolvimento da região. Esses relatos deixam claro a carência de escolas para todas as faixas etárias e revelam o que a comunidade sempre desejara a instalação de escolas ali:

Se conta quem sabe lêr aqui, esta comunidade todas pessoas que moram aqui só compreende o cabo da enxada, e ser inguinorante em todos os pontos da vida.[...] [esperamos] escola para os adultos, escola para as crianças pobrezinhas que não pode frequentar as escolas estaduais e nem as escola municipais por falta dos pais não pudê ajudar os filho, porque não tem salário e não onde êles trabalhe que possa educar os filhos, os filhos só é gente porque é batisado.²⁵²

Falta de Escola para os adultos e falta escola paras crianças bem probrezinhas que não tem roupa propria para frequenta outras escolas. Falta de estrada, de posto medico, adubo para as lavouras, cooperativa, terra para trabalhar, ambulancia pra quando a duece um pobre camponês [...] maquina para cultivar.²⁵³

Aquela população, como vemos, carecia de todas as condições básicas de saúde e infraestrutura e via, no acesso às letras e às “contas”, uma possibilidade de melhorar sua condição de vida, de trabalho, de acesso à informação e aos direitos básicos que lhes

²⁵⁰ Carta de Levina Fernandes Dantes à D. Raimunda, em 02/08/1964 [Caraíbas]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(2).

²⁵¹ Carta da aluna Vilma Lucia Rodrigues de Oliveira à professora, em 09/08/1964 [Vera Cruz]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(2).

²⁵² Relatório de reunião ocorrida na casa de Edson Figueiredo Filho, em 12/03/1966, para a abertura de uma escola radiofônica na comunidade [Macaparana]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 4(1).

²⁵³ Relatório de reunião ocorrida na casa de Manoel Alves Marim, em 13/03/1966, para a abertura de uma escola radiofônica na comunidade [Lagoa Grande]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 4(1).

eram negados pelo Estado. Desse modo, dirigia ao MEB não somente sua demanda por escolas, mas por todos os direitos básicos que lhes faltava e, muitas vezes, organizava-se mobilizando seus próprios recursos para a abertura da escola radiofônica na comunidade:

Aprender a ler aos pouco vai melhorando e mudando de vida. [...] todos do campo fica com outro jeito mais face para resolver seus problemas, porque os camponeses estão com os olhos feixados, sem compreender nada. [...] vivemos dentro de uma grande inquinorância e orgulho, tem agricultor fraco se tiver de a viver 60 anos ou mais corforme a natureza, so vive 40 ou 45, ou 50 mas, por não compreender nada, aqui nesta comunidade tem gente so compreende o caminho do roçado e nada mais, na escola nós vamos aprender compreender todos direitos, para mais tarde so ser um bom brasileiros.²⁵⁴

Aqui perde muitas coisas por não saber lêr, trabalha vende-se baratos porque não sabe levar pra vender fora porque não sabe lêr e nem contar. [...] a escola é uma estrela que vem brilhar, pra cada um de nós transforma-se em outra vida melhor [...] [a escola] é própria para todos brasileiros porque [...] é grande novidades; porque nos passamos o dia trabalhando no campo e a noite estamos na certa de receber orientação das professôras da Capital é uma maravilha, [...] estudando ajudando o governo no voto, trabalha todos unidos fazer um bom prefeito que conheça uma nececidade, e ser bem fiel a patria, pença e discutir os nossos problema da vida do campo.²⁵⁵

Quando uma escola radiofônica era aberta em uma localidade o monitor recebia do MEB um kit básico com o material necessário para dar inicio as atividades da escola:

O MEB tem fornecido sempre o receptor cativo, com as primeiras quatro pilhas, os livros de leitura, as fôlhas de matricula e de frequência. Atualmente, fornece também [...] o fio e as castanhas para a antena. Em alguns Sistemas já pode assegurar a presença de um técnico para proceder à instalação do receptor.²⁵⁶

Os espaços destinados ao funcionamento da escola eram, geralmente, muito simples e precários, variando entre uma sala ou construção cedida pelo proprietário de alguma fazenda, salões paroquiais, centros comunitários, barracões construídos para esse fim, escolas isoladas ou grupos escolares e, muito frequentemente, na casa dos próprios monitores, como nos lembra Adélia, que pretendia transformar um cômodo e o alpendre de sua casa numa escola radiofônica, tão logo pudesse começar com as aulas. A monitora Isabel, escrevendo à supervisora para se desculpar por erros didáticos cometidos por distração sua na ocasião de uma visita de supervisão, argumenta: “não sei

²⁵⁴ Relatório de reunião ocorrida na casa de Edson Figueiredo Filho, em 12/03/1966, para a abertura de uma escola radiofônica na comunidade [Macaparana]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 4(1).

²⁵⁵ Relatório de reunião ocorrida na casa de Manoel Alves Marim, em 13/03/1966, para a abertura de uma escola radiofônica na comunidade [Lagoa Grande]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 4(1).

²⁵⁶ MEB. O Monitor. Apostila 4. s/d. s/l. p.5. Acervo UFF/RJ.

se foi na ocasião que você estava na cosinha conversando com os de casa”²⁵⁷. E em outros relatos também se menciona: “Eu estou dando aula em casa”²⁵⁸ ou “vou encinar aqui em casa com 10 ou 12 alunos porque os outros não querem estudar mais”.²⁵⁹ Ou, como explicava o monitor Antonio, “Por motivo superior a escola Santa Terezinha não está funcionando mais no povoado da Cruz do Borges e sim na minha casa”.²⁶⁰

E para a serrar o salão da escola o pessoal está muito animado mais não tem salão não tem assento e não pode escrever em pé porque em pé não se faz nem a refeição o meu patrão não se interessa a nada, mais eu sei que para o salão ele me arruma a, madeira, e a telha. Isto eu sei que ele me arruma já fica mais maneiro para a escola. Eu tenho um quarto pegado com a casa é só mente alimentar se interessa aumentar é só avizar não precisa de carpina eu mesmo trabalho nisso.²⁶¹

Em geral, os espaços de aula funcionavam “com instalações pobres, nada mais que mesa e bancos de madeira rústica, arranjados no local ou feitos pelos próprios monitores e alunos”²⁶². A iluminação era feita pelo lampião a querosene, o *aladdin*, que muitas vezes ficava *sem carregado*, sendo comuns os casos de iluminação insuficiente para as aulas iniciadas à noite. O monitor Clarindo escreve para falar sobre a falta de camisa para o aparelho: “Estou no prego de luz, por falta da camisa do Aladim - Petromática que não veio, e aqui não encontramos somente se encontra para Coliman”. Os lâmpadas *aladdin*, da marca alemã Petromax, produzidas no final da década de 40 já não eram mais comercializadas na década de 60, embora fossem usados com bastante frequência naquele contexto, uma vez que sua luz forte podia iluminar ambientes maiores.²⁶³ Clarindo conclui sua carta dizendo: “Aguardo as vossas orientação pelo rádio do que neste escrevo”²⁶⁴

²⁵⁷ Carta da monitora Isabel à supervisora, s/d [s/l]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(1).

²⁵⁸ Carta da monitora Edwiegens às supervisoras, em 10/07/1964 [Salgueiro]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(2).

²⁵⁹ Carta da monitora Lourдите às supervisoras, em 03/07/1964 [Espírito Santo]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(2).

²⁶⁰ Carta do monitor Antonio Jorge da Silva à professora Marliete, em 20/07/1964 [Santa Terezinha/Condado]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(2).

²⁶¹ Carta do monitor Antonio Tenório da Silva à Equipe de Nazaré da Mata, em 12/03/1966 [Engenho Campina Verde]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 4(1).

²⁶² FÁVERO, *op. cit.*, p.57.

²⁶³ Os *aladdins* possuíam um depósito de querosene na base e uma bomba manual que, ao ser pressionada, introduzia ar no reservatório e impulsionava o querosene via um pequeno orifício até a camisa, que deveria estar previamente acesa com fogo. A camisa ficava incandescente, produzindo uma luz clara e intensa. Por ser feita de um material delicado, era necessário manuseá-la com cuidado para não rasgar, tornando necessária a sua substituição.

²⁶⁴ Carta do monitor Clarindo Vieira Matos às supervisoras de Petrolina, em 03/07/1964 [Cacimbinha/Pedra Branca] Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(2).

A monitora Alzira também escreve à supervisora Mundica para contar sobre as condições de sua escola radiofônica:

Agora mesmo estamos sem rádio e sem luz. Se for possível mande-me por este portador, com urgência uma manga e uma camisa de algodão, mas espero na sua bondade. A frequência dos alunos não está muito boa espero melhorar quando tivermos um lugarzinho onde possamos estudar tranquilos e comodamente.²⁶⁵

A Ir. Alzira da escola radiofônica da localidade de Patronato mantém o funcionamento de sua escola apesar de não contar com o rádio e nem com iluminação para as aulas. Pois, além de sua dedicação a tarefa de monitora, que vemos em outras cartas enviadas por ela, a frequência dos alunos está muito boa o que a incentiva a continuar apesar das condições insatisfatórias. Irmã Alzira demonstra expectativa de que a frequência melhore quando as instalações estiverem mais apropriadas para que possam ter “um lugarzinho onde estudar tranquilos e comodamente”.

Os materiais necessários para o funcionamento da escola radiofônica não iam muito além de um quadro-negro, giz, cadernos, lápis e borracha. Para se facilitar a aquisição de materiais foi recomendado, em relatório de junho de 1963 do MEB Recife, a criação do *Clube de Vendas* que garantia o fornecimento às escolas que se situavam em regiões de difícil acesso, supostamente com preços mais acessíveis do que os praticados na região, de modo a facilitar “a aquisição do material escolar pelos alunos, o controle da distribuição desse material em âmbito estadual e iniciando uma educação cooperativista”²⁶⁶.

A organização destes clubes junto às escolas também deveria servir para despertar a responsabilidade comunitária na gestão de seus recursos.²⁶⁷ Em alguns relatórios, o incentivo ao *Clube de Vendas* aparece como um dos objetivos dos encontros com os monitores, pois era visto como um primeiro passo na organização da comunidade. Na prática o clube possibilitava que o pagamento das remessas enviadas às escolas fosse feito em uma data posterior a da entrega. Os materiais podiam ser utilizados antes do pagamento, dispendo-se de tempo para arrecadar o dinheiro por meio de campanhas ou na disponibilização de recursos próprios.

²⁶⁵ Carta da monitora Irmã Alzira Ferreira Lima à supervisora Mundica, em 29/06/1964 [Patronato]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(2).

²⁶⁶ MEB/Pernambuco. Conclusões do Encontro das Equipes Locais de Pernambuco. junho/1963. Recife. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 23(1).

²⁶⁷ FÁVERO, 2006.

O *Clube de vendas* enfrentou dificuldades nos seus primeiros anos de funcionamento. Em um relatório de treinamento de monitores, realizado em abril 1965 em Garanhuns, são ponto de discussão da assembleia, cujo coordenador afirma “somente no primeiro treinamento que se conversou sobre o clube de vendas” de modo que “nenhum monitor sabia o que significava CLUBE DE VENDAS” e que todos pensavam que o clube fosse “um KIOSQUE onde se adquiria o material para a escola, fiado”²⁶⁸. Diante da dificuldade em que se encontrava o clube e “tendo em vista o bem que ele pode fazer aos alunos, os monitores sentiram necessidade de fazerem reuniões depois do treinamento, onde se trataria do assunto”. Em tais reuniões, se deveria levar em conta que “o Clube de Vendas é uma das molas da Escola” e discutir:

- 1°- quem deveria enfrentar o Clube de Vendas
- 2°- se há possibilidade do Clube de Vendas fornecer material para as comunidades
- 3°- como ele deve funcionar para educar o povo num espírito de cooperação
- 4°- quais as maneiras de acabar com o prejuízo que o Clube tem agora.²⁶⁹

As questões levantadas pelo coordenador reforçam, primeiramente, a importância que o movimento atribuía ao clube no processo de educação de base da comunidade. Não se tratava somente de distribuir os materiais às comunidades garantindo o bom funcionamento das escolas, mas do engajamento dos alunos no espírito de cooperação. Além disso, chamava a atenção para o fato de que, naquele momento, era necessário que alguém da equipe se incumbisse de gerir o *Clube de Vendas* que, além das questões referentes à gestão e à logística, requeria também uma atenção pedagógica para que funcionasse como instrumento de cooperação comunitária. As cartas de alguns monitores, com efeito, se queixam da falta de engajamento dos alunos com o clube:

Eu tenho material do clube de venda, e eles dizem que vão comprar fora porque compram um caderno pequeno mas que é mais barato, eu dou toda explicação mas o povo em geral, parece que quer fugir da verdade em muitos pontos, mas temos que lutar sempre.²⁷⁰

Para o MEB, essa situação sinaliza uma falta de conhecimento do aluno em relação à importância da atitude cooperativa e do sentido do engajamento na escola radiofônica, pois, nas palavras do monitor, os alunos “parece[m] que quer[er] fugir da verdade em muitos pontos”.

²⁶⁸ MEB/Pernambuco. Relatório dos Treinamentos de Monitores. Garanhuns. 1965. Acervo UFF/RJ.

²⁶⁹ *Idem.*

²⁷⁰ Carta de monitor Severino Alexandre Barbosa às professoras do MEB, em 01/09/1963 [Água Branca] Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(1).

No caso de Água Branca, possivelmente a diferença de preços entre os cadernos do clube e do comércio local era significativa para que o trabalhador rural preferisse adquirir este último, de modo que o “espírito de cooperação” dos alunos está simplesmente sujeito à condição econômica. Na medida em que as cartas tratam de questões referentes aos recursos materiais, visualizamos a condição de pobreza vivida pela população camponesa e que se impôs ao cotidiano das escolas e do *Clube de Vendas*, atingido igualmente por dificuldades financeiras, o que fazia o coordenador concluir seu discurso reiterando a necessidade de se pensar estratégias para diminuir o prejuízo do clube.

A manutenção das escolas e o envio de materiais e de remessas de dinheiro para pagamento dos mesmos eram problemas abordados cotidianamente nas cartas. Conseguir resolvê-los, todos, requeria esforço extra do monitor, que também relatava suas necessidades nas solicitações: “Quando houver oportunidade mande-me mais 12 cadernos, 25 lápis, 1 caixa de giz, outro carregó. Meu rádio está com um grande defeito só dura 1 mês com um carregó”.²⁷¹ Depois, havia a espera pela chegada dos materiais às escolas, que poderia se estender para além das expectativas do monitor, devido às difíceis condições de acesso às localidades e à falta de infraestrutura das equipes locais para realizar a entrega: “Há dias escrevi para vocês pedindo material; já estava preocupada porque vocês não tinham recebido; esta semana foi que ouvi o aviso que a mesma tinha chegado em suas mãos.”²⁷²

A demora também resultava na demanda contínua por materiais, visto que as solicitações não atendidas redundavam em novos pedidos de remessa em curto prazo. Uma monitora que escrevera às supervisoras preocupada com o atraso no recebimento do material finaliza sua carta com uma nova lista: “Estou precisando dos seguintes materiais: 10 livros, 30 cadernos, 1 carrêgo ou de 2 pilhas, 1 lampeão. Espero que envie o mais breve possível, pois a escola não podem funcionar bem faltando êstes materiais,”²⁷³ ressaltando que os mesmos sejam entregues o mais rápido possível, pois uma escola carente de materiais não pode funcionar bem.

²⁷¹ Carta da monitora Maria de Lourdes Pessoa à supervisora Raimunda, em 30/08/1964 [Granito] Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(2).

²⁷² Carta da monitora Antonia Nunes de Carvalho às supervisoras, em 06/03/1964e [Açude-Quebrado]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(2).

²⁷³ *Idem.*

Após a entrega dos materiais, o monitor deveria preocupar-se com a arrecadação do dinheiro a ser enviado ao MEB para pagamento. Esperava-se que os alunos pagassem pelos livros, cadernos e lápis e, além disso, pudessem dividir entre os companheiros as despesas com giz, querosene, camisa para o *aladdin*, pilhas para o rádio, e demais materiais de uso comum. Entretanto, a situação financeira do trabalhador rural fazia com que muitos demorassem a pagar ou nem tivessem condições de colaborar com as compras:

Eu não faço cota para tirar dinheiro porque é com muita dificuldade uns dão e outros não e fica queixa e no meio destes tem alguns que não pode mesmo. Para constar o meu heroísmo é feixar os olhos e meter os peito, gasto muito para quem não ganha é um pouco duro porém é assim mesmo quem já é esclarecido é quem deve interessar pelo desenvolvimento da comunidade.²⁷⁴

Sim senhorita Anette estão pedindo o dinheiro do material. Mais hoje não segue porque ainda falta bastante para receber mais vou providenciar aumenos para o fim de julho aguardem? Seio que tem contas a prestar mais aqui está uma falta de dinheiro que os alunos já saíram quase todo por não puder pagar o querosene e bateria. parece que vai resultar eu pagar só não envio logo porque não estou podendo pois desde março que não recebo dinheiro da Prefeitura.²⁷⁵

Pela carta, compreendemos que a falta de dinheiro foi o motivo de evasão de quase todos os alunos da escola e a monitora, conformada, assume as custas, o que foi uma das soluções recorrentes para que a escola continuasse funcionando. O dinheiro da Prefeitura a que se refere a monitora poderia ser seu próprio salário ou oriundo de algum tipo de convênio com o MEB, não sabemos precisar, pois esse tipo de parceria também aparece mencionada na documentação, tendo sido praticada em certos municípios.

O fato é que a opção dos monitores de assumir os custos materiais das escolas aparece com muita frequência nas cartas e tal decisão deveria impactar relativamente suas despesas, visto que eles viviam sob as mesmas condições econômicas de seus alunos ou muito semelhantes. A diferença fundamental entre ambos talvez fosse a da responsabilidade assumida perante o MEB e a comunidade, sob o compromisso de fazer

²⁷⁴ Carta do monitor Marçal Pereira Lima à supervisora Maria Helena, em 24/04/1964 [Várzea das Pedras]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(3).

²⁷⁵ Carta da monitora Generosa à supervisora Anete, em 12/07/1964 [Fazenda Vitorino]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(2).

o possível para que a escola radiofônica não deixasse de funcionar por falta de recursos materiais:

Quanto a importância do material só enviarei no mês de agosto. Ainda estou devendo a lâmpada. Fiz sacrifício para comprar o querosene hoje estou liza, tudo quanto recadei neste mês só deu para as despesas mais atrasadas. Faço plano [...] fazer uma festinha no dia 15 de agosto, para melhorar minha situação. Meus alunos são um pouco covarde tudo está saindo da minha parte sirvo de monitora e de espoleta.[...] Quanto a situação do rádio é sempre ruim 1 carregado só dá para um mês fica logo pessimo, falhando muito, quase não entendo as aulas.²⁷⁶

No trecho acima, a monitora revela seu incomodo com a situação e com os alunos *covardes*, declarando que além de monitora serve, também, de *espoleta*, expressão idiomática que alude ao artefato que impulsiona um projétil. A monitora talvez se referisse, com o uso dessa expressão, à sua própria função impulsionadora enquanto agente engajada que, de forma individual ou solitária, punha em funcionamento a escola em meio a uma batalha diária sob as condições adversas. O que revelava a realidade de muitas comunidades, como reiteram os relatórios das equipes de Recife e Caruaru, nas quais a responsabilidade pelas escolas radiofônicas acabava por recair somente nas mãos do monitor.

A expectativa do MEB e dos monitores era a de que os alunos também tivessem um engajamento correspondente, no entanto, isso era impossibilitado em muitas comunidades, devido as más condições de trabalho, à distancia, ao clima, aos horários e qualidade das transmissões e às próprias dificuldades de aprendizado. O MEB não fornecia de forma gratuita o material e instrumentos para as escolas e o trabalho do monitor era de natureza voluntária, o que os levava a enfrentar muitas dificuldades e em função delas até desistir, exceto quando movidos pela crença de que seu trabalho era uma missão de fé na qual estavam comprometidos enquanto cristãos.

O termo *espoleta*, que designa na expressão popular um indivíduo muito ativo, aquele que *leva e trás*, tem ainda um segundo uso coloquial, que denota uma pessoa considerada insignificante, um *zé ninguém*, um intermediário que não tem poder²⁷⁷. Sem saber com exatidão qual o sentido empregado pela monitora ao termo, podemos

²⁷⁶ Carta da monitora Maria de Lourdes Pessoa à Anete, em 15/07/1964 [Granito] Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(2).

²⁷⁷ Para a consulta sobre as definições e usos do termo *espoleta* foi utilizado como referência o *Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Disponível em: <http://houaiss.uol.com.br/busca?palavra=espoleta>. Consulta em: 07 de mai. 2016.

supor que talvez exprimisse ambos como reflexo de um sentimento ambíguo: por um lado, a responsabilidade e o engajamento impulsionador, por outro, a negligência e a falta de reconhecimento dos alunos e, quem sabe, até mesmo do MEB.

A intenção de organizar uma festinha para melhorar a situação demonstra, de certa forma, que ela vislumbra possibilidades de continuidade e de melhoria e, ao conseguir realizá-la, a monitora noticia sua surpresa com a participação solidária do povo:

Fiz a festinha no dia 15 foi ótima! O leilão rendeu Cr\$19700,00 (ou 1970,00). Paguei as despesas novas e atrasadas. Cr\$ 12.700,00. Pois meus alunos são irresponsáveis não compreendem que eu não tenho direito de trabalhar sozinha. Fiquei satisfeita, o povo do lugar cooperavam como não esperava, todos compareceram me ajudaram em tudo. O restante do dinheiro comprei 2 latas de querosene e estou enviando-lhe Cr\$ 2.380,00 do material recebido que foram 1.380,00 de cadernos, giz, carrego, do rádio e 1.000,00 de lâmpadas.²⁷⁸

De fato a organização de festas, venda de rifas e sorteios foram estratégias bastante utilizadas e com êxito na arrecadação de recursos necessários ao funcionamento das escolas radiofônicas. A monitora da comunidade de Sangue-Suga fez também uma festinha para comemorar o dia das mães, na qual preparou “um drama e depois os alunos dançaram até 10 e 30”. Ela conta que aproveitou a ocasião para correr “uma rifa, na qual fisemos dinheiro que deu para as despesas da escola”²⁷⁹.

Como já apontamos as atividades de organização das festas e de arrecadação de fundos aproximavam as experiências ocorridas em torno das escolas radiofônicas dos objetivos educacionais do MEB, pois, envolviam o engajamento e a cooperação entre todos os envolvidos diretamente nas escolas e a comunidade, pressupondo que esta deveria envolver-se na sua manutenção e garantir o seu funcionamento. Isso envolvia processos de tomadas de decisão e de intervenção em âmbito comunitário e o aproveitamento das tradições culturais, como ocorria, por exemplo, nos festejos populares e dias dedicados aos santos.

As festas não foram suficientes para garantir que todos os monitores pudessem ter recursos para pagar em dia os materiais enviados à escola radiofônica. Ainda assim,

²⁷⁸ Carta da monitora Maria de Lourdes Pessoa à supervisora Raimunda, em 30/08/1964 [Granito] Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(2).

²⁷⁹ Carta da monitora Melânia Callon às supervisoras, em 11/05/1964 [Sangue-suga]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(3).

foram táticas mobilizadas pelas comunidades para a arrecadação de verbas destinadas a compra dos materiais necessários para a escola, estas costumaram ter êxito em seu objetivo de juntar fundos, além de ser também uma ocasião de celebração e festejo. Podemos atribuir também ao êxito dessas iniciativas de venda de rifas, ou os *leilões*, como hábitos já presentes na vida das populações rurais que passam a ser apropriados em favor do funcionamento das escolas radiofônicas. Esta apropriação se daria por meio da utilização que os monitores e os alunos fazem de códigos próprios e da mobilização de suas tradições,²⁸⁰ para que a escola não fosse fechada em função da falta de recursos por parte do MEB e em alternativa à omissão do Estado em atender à necessidade, entre outras, da alfabetização da população rural.

As escolas radiofônicas conseguiram, desse modo, atender seus objetivos, embora ainda encontrassem muitos obstáculos ao seu funcionamento no que dizia respeito à adequação dos horários ao calendário rural. Além das condições climáticas, trabalhistas e habitacionais, que muitas vezes levavam à evasão escolar, havia a questão das temporadas, dos períodos do plantio, cultivo e colheita específicos de cada região: “porque estamos na época das farinhadas; e esta vai durar; os alunos todos se afastaram, e não sei quando voltaram”²⁸¹. A monitora da comunidade de Matias enviou uma carta junto com a folha de frequência do mês de abril, justificando: “quanto a frequência, está sendo pouco os alunos que estão frequentando, pois muitos ainda estão ocupados na colheita”²⁸².

Diferentemente de Poço Comprido, a comunidade de Matias mantinha sua escola funcionando, apesar de muitos alunos não estarem frequentando as aulas. Em Ponta da Serra as aulas tardavam a começar, pois o monitor estava ocupado com o trabalho na roça e, por isso, demorou em matricular os alunos já “que não foi possível ter encontrado logo com os alunos todos”²⁸³. Na carta, José Pereira conta como estava o seu cotidiano naquela época e as dificuldades enfrentadas por ele e pelos alunos para chegar no horário da transmissão às 18:00 horas. O cansaço e a distância os impediam de

²⁸⁰ Trabalhamos com a ideia de Certeau relativas às tradições mobilizadas pelas camadas populares com o objetivo de criar formas de preservar sua cultura ou garantir seus interesses diante de uma situação desfavorável. CERTEAU, 1999.

²⁸¹ Carta do monitor Venancio Lopes às professoras, em 02/07/1964 [Poço comprido]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(2).

²⁸² Carta da monitora Expedita Costa às supervisoras, em 01/05/1964 [Matias]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(3).

²⁸³ Carta do monitor José Pereira de Souza à Dinalva Sá, em 14/05/1964 [Ponta da Serra]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(3).

chegar no início da transmissão e os impossibilitavam até mesmo de frequentar a escola por alguns períodos.

Em função dos ciclos agrários, muitos alunos ficavam impossibilitados de ir à escola diariamente por meses. Em alguns casos, reservavam o final de semana para ouvir ao menos a programação especial ou a missa. Essas histórias mostram que a organização do tempo nas escolas radiofônicas se dava não somente em função das transmissões radiofônicas, mas também da vida da comunidade e das condições de trabalho, locomoção e moradia dos monitores e alunos que as frequentavam.

Monitoras e monitores: quem queremos nas escolas radiofônicas?

O monitor realizava a mediação entre os alunos e as equipes locais de supervisão do MEB, sua função era fundamental por estabelecer o contato direto com os alunos e a comunidade, da qual dependia em grande medida o sucesso da escola radiofônica. No processo de radicação, seria ele o responsável por conversar com a comunidade sobre o MEB e divulgar a instalação da escola radiofônica. Posteriormente, também era ele o responsável por fazer a matrícula dos alunos que desejassem frequentar as aulas:

Monitores - elementos vivos de ligação entre os receptores e os alunos constituem o pivô da recepção organizada. Receberão treinamento especializado e devem ser pessoas inteligentes e hábeis, de qualquer nível cultural, com o requisito mínimo de saberem ler e escrever, para executar as ordens recebidas do professor locutor. Os monitores fazem a matrícula dos alunos e anotam a frequência e apresentam relatórios mensais sobre o andamento de sua Escola.²⁸⁴

Após a abertura da escola radiofônica, o monitor deveria atentar-se para as tarefas cotidianas de organização, horário de transmissão dos programas e registro de presença na folha de frequência, que deveria ser enviada mensalmente às equipes locais juntamente com os relatórios mencionados na *Apostila*. Por fim, as cartas é que constituíram esses relatórios que deveriam acompanhar as folhas de matrícula e frequência, escritas pelos monitores com o objetivo de “dar as nossas notícias”, como costumavam introduzir seus relatos. Assim, sua ampla lista de atribuições começava

²⁸⁴ MEB/ Documentos Legais. Apostila 1, série A. s/l. s/d. 35p. Fundo MEB. Acervo CEDIC.

pela instalação da escola, às vezes na sua própria residência, seguido da gestão, dos cuidados com higiene e arrumação e do contato com as equipes locais.

Quanto ao cotidiano das aulas, era esperado que o monitor fosse assíduo em orientar os alunos de acordo com as instruções dadas pelo professor-locutor. Deveria estar atento ao aprendizado dos alunos, estimulá-los e atender a cada um ajudando-os em suas necessidades, além de dispensar atenção especial àqueles que apresentassem mais dificuldades de aprendizado e fomentar a colaboração dos alunos mais adiantados. Por fim, era esperado que promovesse debates com os alunos, incentivando-os a relacionar os temas abordados com a situação da comunidade.²⁸⁵

Supunha-se, inicialmente, que a atuação do monitor se concentraria mais nessas tarefas de organização e gestão das escolas radiofônicas do que na parte didática: “a intervenção do monitor seria muito mais no plano do manejo da classe do que no do conhecimento das matérias de ensino”, desse modo, “bastava que fosse alfabetizado, ou seja, que soubesse ler, escrever e contar”²⁸⁶. Porém, à medida que o trabalho do MEB se desenvolveu, os treinamentos, ocasiões de estudo e as aulas radiofônicas passaram a ser usados para completar a formação dos próprios monitores, cujas cartas manifestam essa demanda por formação em face das dificuldades em trabalhar os conteúdos e os temas com os alunos. Por esse motivo, o *Programa do Monitor* foi usado pelo MEB para transmitir tais conteúdos, além de reforçar os pontos ideológicos da atuação dos monitores junto à comunidade:

O monitor é a chave do êxito da Escola Radiofônica. É ele que anima os alunos e todos os que moram nas redondezas para as tarefas de aprender, de se reunir para conversar sobre seus problemas, para fazer uma campanha. O monitor, neste trabalho, melhora cada dia pois há assim uma verdadeira troca, ele leva aos alunos o que ele sabe e aprende muita coisa do aluno que tem muitas riquezas a informar.²⁸⁷

O trecho acima, veiculado no *Programa do Monitor* e transmitido como parte da programação especial, trata da importância desse agente em despertar o interesse da comunidade pelas *tarefas de aprender* e de *se reunir para conversar sobre seus problemas*, em promover a sua integração e reflexão em torno dos problemas cotidianos baseada na troca de conhecimentos e experiências.

²⁸⁵ MEB. O Monitor. Apostila 4. s/d. p.2. Acervo UFF/RJ.

²⁸⁶ FÁVERO, 2006, p. 136.

²⁸⁷ MEB/Sistema Radioeducativo de Olinda e Recife. Programa do Monitor. 09/03/1963. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 23(1).

Essa expectativa em relação ao engajamento do monitor nas tarefas da escola radiofônica ultrapassava, de fato, suas funções escolares diárias e incumbia-lhe de uma atuação política que se concretizava na sua tarefa de animador popular: *É ele que anima os alunos e todos os que moram nas redondezas*. Para o MEB, o monitor seria a liderança capaz de mobilizar a comunidade no processo de estruturação por meio dessa “posição progressivamente assumida por seus próprios membros”²⁸⁸

Por ser o elemento da comunidade que exerce esta função, o monitor já seria só por isso, chamado a assumir um papel de liderança. Mas sua atividade vai mais além. A ação educativa do MEB não se restringe a um instrumento – a escola radiofônica – mas deve contar com outros meios de ação que permitam a comunicação com as comunidades. Por isso mesmo, a função do monitor não se esgota na escola, mas deve abrir-se para a comunidade em uma liderança efetiva.²⁸⁹

O MEB definia a chamada *Animação popular* como uma tarefa da comunidade que “faz-se através da transformação de um conjunto de indivíduos, que vivem juntos, em uma integração de pessoas que pensam, planejam e agem em comum, buscando atender a todos como membros da comunidade”²⁹⁰. Para tanto, a animação popular era parte da conscientização, promovia a organização e o contato direto com a comunidade e propiciava a descoberta da potencialidade dos seus membros enquanto sujeitos capazes de realizar mudanças nas condições de existência sob uma perspectiva comunitária.

Nos documentos oficiais do MEB, o perfil do monitor ideal é reforçado por traços e princípios católicos e pelo engajamento verdadeiro. Porém, se por um lado a conscientização reforçava o potencial transformador do sujeito, por outro demandava a seleção de pessoas que apresentassem as qualidades necessárias para atender às necessidades concretas de realização do projeto:

O mínimo indispensável é que o monitor seja alfabetizado (saiba ler, escrever, contar) conscientemente interessado, para trabalhar voluntariamente [...] seja uma pessoa da comunidade [...] uma pessoa representativa, poderá exercer uma liderança autêntica e democrática [...] a competência é sua qualidade essencial; é indispensável que o monitor saiba o que fazer, onde, quando e como [...] toda a atividade do monitor é um serviço; sua

²⁸⁸ FÁVERO [Org.], 1983, p. 205.

²⁸⁹ *Idem*.

²⁹⁰ MEB. O Monitor. Apostila 4. s/d. p.2. Acervo UFF/RJ.

atuação não pode centrar-se nêle mesmo [...] mas (n)a de sua comunidade. [...] um sentido autêntico de responsabilidade.²⁹¹

No documento prescritivo, as características pessoais que deveriam orientar a escolha do monitor eram de duas naturezas: objetivamente, o monitor ter capacitação técnica mínima para conduzir a escola, isto é, ser alfabetizado. Social e intersubjetivamente, consideravam-se as suas relações e sua capacidade de inserção na comunidade e seus traços de personalidade, tais como liderança, competência e responsabilidade. Além disso, se reforçava a dimensão soteriológica do seu envolvimento, no sentido de que deveria servir ao projeto sob a perspectiva da doação para a comunidade.

Apesar desta dimensão soteriológica, evidencia-se a intenção de engajar pessoas com determinadas características, “a fim de que o MEB conte com pessoas ajustadas, cuja ação seja, de fato, eficiente”²⁹². A eficiência, entendida como “o melhor rendimento possível em uma atividade” consistia também, segundo documentos diretivos do MEB, na capacidade de se conformar com a realidade enfrentada e suas necessidades.²⁹³ A busca desse tipo eficiente, certamente se relaciona ao interesse de engajar pessoas que pudessem aumentar o poderio da Igreja católica nas comunidades, que foi um os fatores decisivos da participação da instituição no projeto.

A necessidade de engajar pessoas compatíveis com os objetivos da Igreja advém das experiências anteriores em projetos de educação de base desenvolvidos, por exemplo, no âmbito do SIRESE. No Primeiro Seminário de Educação de Base que aconteceu na cidade de Aracaju, em 1960, foi elaborado um documento intitulado *Seleção e supervisão dos monitores*, que trata da importância do monitor para a escola radiofônica e os critérios que deviam orientar sua seleção. Na ocasião do Seminário, o MEB ainda não existia, porém muitas das ideias nele contidas nortearam a escolha dos primeiros monitores que integrariam o movimento.

No documento já se tem uma ideia clara do papel do monitor na interlocução e intermediação entre a programação veiculada pelo rádio e os alunos. De certo modo, o critério de escolha por uma pessoa ajustada aos princípios do MEB é gestada a partir

²⁹¹ MEB. O Monitor. Apostila 4. s/d. p.3. Acervo UFF/RJ.

²⁹² MEB. O Monitor. Apostila 4. s/d. p.3. Acervo UFF/RJ.

²⁹³ *Idem*. p. 3.

dessa compreensão. O texto usa termos técnicos da radiodifusão para se referir ao lugar que o monitor ocupava na educação de base: “O monitor é como um elo a unir a cadeia radiofônica. Vê-se logo a importância do papel a ser exercido por ele dependendo do seu perfeito ajustamento a sintonização entre emissor e receptor”²⁹⁴

O documento aborda a inclinação missionária do monitor, que deveria “ser portador de um autêntico espírito vocacional para a tarefa”, dada a natureza desinteressada e voluntária do trabalho de educação de base. Assim, segundo o MEB, o monitor deveria ser escolhido entre as mulheres e homens da localidade que pudessem exercer o trabalho com boa vontade. Porém, apesar da perspectiva missionária que o movimento atribuía ao trabalho do monitor, tanto neste documento que estabelece os parâmetros iniciais para a escolha dos monitores, quanto naquela apostila, escrita por membros do MEB que apresenta de forma mais desenvolvida os critérios de escolha, vemos que a ideia de eficiência também permeava era um elemento importante na seleção dos mesmos.

Num relatório elaborado pelo Centro Radiofônico de Nazaré da Mata com o objetivo de apresentar dados de entrevistas feitas com monitores durante o treinamento, realizado entre os dias 27 e 31 de julho de 1961 e poucos meses depois de estabelecido o convênio que oficializou a criação do MEB, apresentam-se outros elementos identificadores do perfil ideal do monitor, neste momento inicial em que se definem os primeiros grupos de monitores das escolas radiofônicas em Pernambuco.

Participaram do treinamento 42 monitores de três municípios: Carpina, sete monitores; Orobó, vinte monitores; e de Nazaré de Mata, quinze. Do grupo 35 eram mulheres e sete eram homens; 35 eram solteiros, seis casados e um era viúvo. Não há dados para a relação sexo/estado civil, entretanto, talvez haja uma correlação entre o número de solteiros e o fato das mulheres serem maioria no grupo²⁹⁵. Quanto à idade, a maior parte do grupo – 28 monitores – era formada por jovens que tinham entre 15 e 25

²⁹⁴ SIRESE/Seleção e Supervisão de Monitores. Aracaju. 1960. Acervo UFF/RJ.

²⁹⁵ Wanderley traz dados em sua pesquisa sobre a distribuição por sexo e estado civil dos monitores daqueles já compilados por Ferrari (1968). Com relação à distribuição entre os sexos, ele identifica uma proporção de 80% de monitoras no grupo que fez parte da amostra. Com relação ao estado civil, a maioria das mulheres que exerceram o trabalho nas escolas radiofônicas era solteira (73,7% do grupo pesquisado). As casadas somavam 25% e havia as que viviam em “situação irregular” (1,9%). Entre os homens 60%, da parcela de 20% dos monitores, era casado, WANDERLEY, *op. cit.*, p. 412.

anos de idade. Na faixa etária entre 26 e 35 anos, havia oito monitores e seis que tinham entre 36 e 47 anos de idade²⁹⁶.

Quanto ao grau de instrução, o relatório apontava que um era alfabetizado, 33 tinham cursado o primário, destes a maioria, 25 monitores, havia estado na escola até o 4º e 5º anos. Cinco cursaram até os dois primeiros anos do ensino ginasial e outro cursou o “pedagógico”, referindo-se talvez ao curso normal. Os relatores verificaram que “a maioria não ultrapassa o nível do curso primário”, mas “levando em conta que o curso primário tenha sido realmente aproveitado, e o tipo de trabalho a realizar, julgamos o nível de instrução razoável. Tanto isto é verdade, que êstes elementos – na sua maioria já se dedicam ao magistério”²⁹⁷.

Deste grupo, 35 eram professoras da rede municipal, duas da rede estadual, uma atuava como auxiliar de escola, duas bordadeiras, uma costureira e quatro domésticas. Entre os homens, três eram agricultores, um pedreiro, um operário e dois estudantes. Destaca-se o fato do grupo contar com um número significativo de monitoras que trabalhavam em outras escolas, o que foi evidenciado em cartas de monitores e também foi característico dos sistemas de alfabetização em outros Estados em que o MEB atuou como do Rio Grande do Norte.²⁹⁸ Para o movimento, o engajamento de monitoras que já se dedicavam a docência era positivo sobre dois aspectos: experiência com alfabetização e o seu reconhecimento na comunidade: “importante salientar, o que representa para as Escolas Radiofônicas, o fato de contar com monitores que já se dedicam ao magistério, não só pela prática do ensino, como pela influência que podem ter na comunidade onde trabalham”²⁹⁹

²⁹⁶ MEB/Centro Radiofônico de Educação Rural. Relatório de Treinamento de Monitores. Nazaré da Mata. 1961. Acervo UFF/RJ.

²⁹⁷ MEB/Centro Radiofônico de Educação Rural. Relatório de Treinamento de Monitores. Nazaré da Mata. 1961. Acervo UFF/RJ.

²⁹⁸ Alceu Ferraro, antes Ferrari, em sua tese sobre o movimento de Natal, traz dados sobre a quantidade de monitores que em 1965 ensinavam também em outras escolas, antes ou depois de assumirem a função de monitores. De um grupo formado por 248 monitores, 132 lecionavam em outras Escolas, divididos em 30 nas Estaduais, 48 nas Municipais e 54 nas Particulares. De acordo com os dados coletados por Ferraro, quase metade dos monitores que atuavam nas escolas radiofônicas no ano de 1965 exerciam atividade docente em outras Escolas. Outro dado interessante é que do grupo de 248 monitores naquele ano, 137 foram alunos de escolas radiofônicas, 50 deles por um ano, 36, 30 e 21, por dois anos, três e quatro ou mais, respectivamente, mostrando que a frequência à escola radiofônica também possibilitava que alguns alunos passassem a exercer a função de monitor, formando quadros para o Movimento; ver FERRARI, 1968.

²⁹⁹ MEB/Centro Radiofônico de Educação Rural. Relatório de Treinamento de Monitores. Nazaré da Mata. 1961. Acervo UFF/RJ.

O perfil do grupo atendia às expectativas de seleção no que se refere à formação, considerada razoável, e às potencialidades de ação. A significativa quantidade de professoras poderia contribuir no trabalho de animação popular e de radicação de novas escolas, já que eram conhecidas em suas comunidades por seu trabalho docente e o fato de contar com três agricultores “representa um valor, positivo para o nosso trabalho, como transmissor de experiência”.³⁰⁰

Note-se que a maioria do grupo era formado por mulheres, quase todas professoras. Alguns fatores teriam sido determinantes para que as mulheres fossem maioria e, ao mesmo tempo, a quantidade de agricultores fosse pequena nas escolas radiofônicas instaladas na região canavieira conhecida como Zona da Mata. Primeiro, as próprias condições de trabalho da região, uma vez que “as mulheres não ocupavam postos de trabalho formais nas relações de produção”, e por isso, as mulheres da família não estavam diretamente ligadas ao trabalho de corte da cana.³⁰¹

Como a jornada de trabalho na lavoura era, geralmente, de um dia inteiro e as atividades nas escolas radiofônicas demandavam uma média de três horas diárias de trabalho voluntário, tornava-se difícil a um lavrador dedicar-se às tarefas escolares:

Vou apreciando bastante as aulas apesar de ter começado atrasado e que a senhora está advinhando a nossa luta da roça a qual não é brincadeira a gente sair as 6 da manhã e trabalhar até as 17 e as 18 esta no pé do radio: só quem precisa [...] é que pode fazer isto? E bem serto diser quem caça o sapato e que sabe onde aperta.³⁰²

Outra explicação “advém da representação da figura feminina no ambiente escolar” e do fato de que “a figura da professora predominava na cultura do homem rural e a associação entre a monitora e a docência foi um fato significativo a se considerar”³⁰³ Considerando as cartas, o grupo treinado em Nazaré da Mata e os dados apresentados na pesquisa de Ferrari, uma parcela significativa das monitoras lecionava também em outras escolas e a predominância de mulheres não parecia dever-se somente à representação da figura feminina na escola mas à experiência docente daquelas mulheres e a possibilidade de se engajar num trabalho de caráter voluntário. Além do

³⁰⁰ MEB/Centro Radiofônico de Educação Rural. Relatório de Treinamento de Monitores. Nazaré da Mata. 1961. Acervo UFF/RJ.

³⁰¹ SOUZA, *op. cit.*, p. 120.

³⁰² Carta do monitor José Pereira de Souza à Dinalva Sá, em 14/05/1964 [Penha da Serra]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(3).

³⁰³ SOUZA, *Idem*, p. 120.

fato, meio óbvio, que seria mais fácil para as monitoras que já atuavam como professoras reunir alunos suficientes para abrir uma escola radiofônica por meio de “visitas, reuniões e propaganda”³⁰⁴.

No que se refere ao engajamento feminino, temos apontado que as tarefas nas escolas radiofônicas eram numerosas e diversas, demandando uma parte significativa de tempo diário a ser dividido com as tarefas domésticas e outras atividades profissionais: “meus alunos estão frequentando as aulas muito pouca porque estão tudo trabalhando em desmanha e até eu com minha família ainda estamos nesta luta”.³⁰⁵ Ademais, boa parte das monitoras era jovem e solteira, não sendo raro que se desvinculassem das escolas radiofônicas por motivo de casamento, como se anuncia nesta carta:

Venho lhe avizar que eu não vou mais ensinar a ER não. Proque! Eu vou mim cazar agora em dezembro pro isso é que eu não vou mais continuá a em sinar, já fêz 3 anos dentro dos 4 que encinavam, não vou mais ensinar esse fim de ano, deicho com muitas saudades.³⁰⁶

É certo que houve outros fatores relativos à condição da mulher no meio rural na década de 1960 decisivos para o abandono de espaços sociais, entretanto, certamente os casamentos disputavam o tempo com o trabalho e o engajamento na escola radiofônica, que exigiam um tempo de dedicação diária significativa.

O relatório também aporta algumas informações sobre as ocasiões de lazer e recreação dos monitores e traz elementos sobre atividades culturais às quais dedicavam e que foi foco de atenção do MEB. A maioria dos monitores mencionou pelo menos um tipo de atividade recreativa; em geral, se dedicavam às atividades culturais nas comunidades, participavam de “festas”, “danças”, “música” e “representação” e gostavam de “cinema”. A leitura também era um hábito entre a maioria deles, “apenas dois dos participantes informaram que não leem”. Os gêneros mais lidos eram as revistas, com 38 menções, seguidas pelos livros de formação religiosa e os jornais, com 27 e 21 menções respectivamente. Os romances e os livros de poesia apareceram em quarto lugar e, em último lugar, os livros “instrutivos” e os “didáticos” com quatro menções cada e predominava o gosto pelas revistas, devido “a facilidade de leitura, pela

³⁰⁴ FERRARI, *op. cit.*.

³⁰⁵ Carta da monitora Raimunda Alves dos Santos à supervisora Maria Helena, em 23/06/1964 [Arizona]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(2).

³⁰⁶ Carta da monitora Maria do Carmo Rodrigues às supervisoras, em 06/08/1964 [Cazuzinha]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(2).

sua periodicidade, pelo caráter, pelas novidades que sempre trazem, como também pelo preço de custo”. Por isso, no planejamento do movimento sugeria-se veicular “artigos e tópicos nelas contidas, para a programação” e, por fim, “os livros religiosos [que] são de grande aceitação, dando portanto margem à formação religiosa”³⁰⁷.

As atividades de recreação mais constantes eram dança, cinema, bordados, canto e música, dentre as quais se indicava “o canto, para os programas destinados aos monitores é uma fonte a explorar, bem como os outros menos destacados: a música e as dramatizações”. O bordado era uma atividade de recreação praticada por sete monitoras do grupo, sendo que duas delas mencionaram a atividade como ocupação profissional. Ainda assim, não se considerou abordá-las nas emissões, fosse como prática cultural regional, ou mesmo, como atividade profissional.³⁰⁸

Enfim, a entrevista com os monitores tivera o intuito de observar “aspectos do temperamento, modo de ser e aspectos da vida profissional dos monitores” que pudessem ser explorados pelos supervisores na ocasião das visitas às comunidades. Nesse tópico foram selecionadas algumas frases ditas pelo grupo que, segundo o documento, seriam reveladoras do temperamento dos monitores: “Disposta e alegre”; “Alegre, simples”; “Muito comunicativa, alegre”; “Inteligente, líder, demonstra iniciativa”; “Líder. É tudo no engenho”; “Tem uma vontade louca de aprender. É um sonho de toda vida”; “Goza de certa liderança no Engenho. É responsável”; “Muito embaraçada. Sem iniciativa”; “Muito tímido”; “Tímida. Criança (pouco amadurecida)”³⁰⁹. O “temperamento” dos monitores determinava, por sua vez, sua capacidade de interação com o grupo de alunos e com a comunidade.

Os trechos relativos ao “temperamento” dos monitores destacados no documento pelos relatores se referem às possibilidades de interação destes com a comunidade. Somente um dos monitores afirma que o trabalho com o aprendizado é o sonho de sua vida e em nenhum dos outros há menção direta ao caráter pedagógico do trabalho e aos métodos de alfabetização ou da prática cotidiana nas aulas, tornando evidente que o critério de eficiência seria mais social do que técnico.

³⁰⁷ MEB/Centro Radiofônico de Educação Rural. Relatório de Treinamento de Monitores. Nazaré da Mata. 1961. Acervo UFF/RJ.

³⁰⁸ *Idem.*

³⁰⁹ *Ibidem.*

A primeira parte do relatório, relativa ao perfil dos monitores, se encerra com “observações para possíveis programas de desenvolvimento de comunidade” que seriam transcritas numa ficha individual para servir de base aos trabalhos de supervisão com indicações sugestivas, tais como: “Promove festas para alunos e pais”, “Pertence a JAC”, “Goza de liderança no engenho” e “Colabora com a Paróquia” ou “Tem uma grande vontade de ajudar com a comunidade”, enfatizando de que modo e em que campos de atuação correspondiam aos interesses do MEB.

Tendo em vista as funções e expectativas do MEB em relação ao monitor, se nota que havia um perfil de militante em potencial que interessava ao MEB, por indicar a predisposição ou possibilidade de envolvimento além da organização, da gestão escolar e da alfabetização dos alunos; previam, sobretudo, o engajamento na animação popular e na organização comunitária. Provavelmente, devido às experiências anteriores com educação de base, o MEB já reconhecia a importância dos monitores e de definir suas qualificações para o êxito do projeto. Desse modo, desde o princípio, o movimento tinha estabelecido o perfil das pessoas com as quais gostaria de engrossar suas fileiras a fim de garantir a participação política na comunidade e o caráter vocacional e missionário do trabalho.

Por fim, os relatórios iniciais revelam de forma secundária os aspectos cotidianos da prática escolar e do conteúdo das emissões radiofônicas. A preocupação pedagógica começa a aparecer de forma mais recorrente na medida em que a experiência do MEB avança, associada a uma preponderância dos princípios políticos na formação do monitor e na programação radiofônica.

Animação e entusiasmo em ensinar e em aprender

As cartas enviadas pelos monitores às equipes locais trazem muitos relatos que nos revelam suas expectativas de engajamento nas atividades do MEB e de concretização do projeto radioeducativo e identificamos nelas a correlação entre os temas e as orientações dadas pelas equipes locais acerca do papel dos monitores junto às escolas e à comunidade, principalmente como animadores populares. Era comum o uso

de expressões e termos específicos dos treinamentos, em muitos casos, com conotações políticas e religiosas:

Neste momento pego na minha pena para dar-lhe notícias da minha referida escola a qual se encontra em grande êxito; todos realmente muito *animados*, eu por ser monitora sinto-me muito feliz com minha *missão* de alfabetizar os meus *irmãos* que se encontram nas trevas do analfabetismo creio que seremos felizes em dar para nossos irmãos o que já sabemos por isso trabalho sem cansar para ver se vejo uma mudança [ilegível] melhor na minha comunidade.³¹⁰

É com maior praser na vida que envio estas linhas quando sei pelo radio que toudos vivem satisfeitos com alunos e monitores deste *sagrado movimento*. Eu com isto me esclareço que fico com a alma cheia de alegria em ver os meus *irmãos* do campo receberem instrução por tão dignas professoras . Os alunos todos cheio *entusiasmo* não deixam de romperem as dificuldade a fim de receberem as instruções a noite chuvosa estrada coberta de lama mas com isto mesmo frequentão a escola. Já tem aluno que assina bem o nome que já admira e assim espero que em pouco tempo teremos um brasil melhor com a promoção do homem do campo que vai desenvolvendo.³¹¹

Os termos *animados* e *cheios de entusiasmo*, *irmãos*, *trevas* do analfabetismo, *luz* da educação, exprimem a noção religiosa que permeia a tarefa do monitor, compreendida como missão no âmbito de uma comunidade religiosa. Assim, a monitora se sente consciente de seu papel junto à comunidade ao dizer que é feliz “em dar para nossos irmãos aquilo que já sabemos” e, por isso, trabalha sem cansar; o monitor espera “que em pouco tempo teremos um brasil melhor com a promoção do homem do campo que vai desenvolvendo”, atribuindo à alfabetização o caminho para o desenvolvimento do país e a monitora da escola da comunidade de Cachoeira do Roberto conta que “Raimunda não queira saber como a escola esta *animada*, muita frequência os alunos estão *animados* mesmo. Maria Solomeia e Evangelista não perdem aula veja como são esforçadas: elas estão bastante adiantadas”.³¹²

Num outro sentido, o monitor da comunidade de Condado escreve contando sobre os “acontecimentos passados” que levaram ao fechamento de sua escola; pela data da carta, deveria estar se referindo ao período de suspensão das emissões radiofônicas

³¹⁰ Carta da monitora Lourdinha Bezerra à Maria José, em 20/06/1964 [Fazenda Pedra do Navio]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(2). [Grifo nosso]

³¹¹ Carta do monitor Benedito Medeiros de Oliveira às professoras do MEB, [s.d]. [s.l]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(3). [Grifo nosso]

³¹² Carta da monitora Maria Elizabeth Alves à professora Rosalita, em 24/08/64 [Cachoeira do Roberto]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(2).

devido ao golpe civil-militar ocorrido em abril. Reunindo novos alunos para substituir os que acabaram por desistir das aulas, ele nos conta que:

Uma parte dos alunos antigo desgostaram com os acontecimentos passados e deixaram a escola, de modo que substituir assim a lacuna deixada por alguns e assim estamos animados esperando que recomece as aulas. Certifico que estou bem entusiasmado acompanhando com muita atenção os capítulos da história de Tibiquera que nos está sendo contado pelas professoras do Recife que bom [...] Aqui peço que a senhora tenha paciência com o fracasso que houve porque nós os monitores não temos culpa e sim os acontecimentos passados. Garantimos que vamos lutar com o máximo esforço possível afim de fazer progredir as escolas a nós confiadas para que em breve tenhamos muitos analfabetos alfabetizados. [...] Nós os monitores estamos prontos para ajudar aos alunos no que eles pressizarem em virtude do pouco tempo e deste modo podemos conquistar maior número de alunos.³¹³

O relato na primeira pessoa do plural revela o sentimento de pertencimento do monitor a um grupo, com o qual compartilha a tarefa de alfabetizar e ajudar os alunos no que for preciso. O seu *entusiasmo* é, como nas demais nas cartas, expressão de um sentimento comum em relação à escola radiofônica e às aulas e nomeado por um vocábulo aprendido ou resignificado no próprio processo de alfabetização.³¹⁴

O monitor do sítio Panelas também agradece pelos conteúdos de Linguagem e Aritmética que está aprendendo durante as aulas, o que reitera, como temos observado, que para muitos monitores as aulas eram também uma ocasião de formação: "Escrevo esta carta para toda Equipe do Mebe de Caruaru quê eu estou agradêsendo bastante esta aula de linguagem e de aritimetica". O monitor manifesta sua devoção: "eu dezego aprender mas si Deus consistir" e, por fim, fala dos alunos que "estão animado para aprender a ler eu quero consigir com muito bôa vontade esta Escola Radiofônica"³¹⁵.

A expressão *boa vontade* também aparece com frequência como forma de manifestar o engajamento dos monitores e dos alunos com as atividades da escola radiofônica. O termo *boa vontade*, que designa uma disposição favorável, é bastante utilizado nos textos eclesiásticos para conotar a boa fé e a disposição de praticar boas ações. Para o cristão a boa vontade pode se revelar na prática da caridade. A maioria dos

³¹³ Carta do monitor Antonio Jorge da Silva à professora Marliete, em 20/07/1964 [Condado]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(2).

³¹⁴ Entre as cartas compõem a pesquisa, 649 ao todo, em 67 delas os monitores e os alunos fazem menção ao "entusiasmo". Quanto à expressão "animados" aparece em 34 cartas.

³¹⁵ Carta do monitor José Geronimo do Nascimento á Equipe do MEB de Caruaru, em 08/08/1964 [Sítio Boqueirão/ Panelas]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(2).

monitores e alunos eram católicos leigos e outros pertenciam a ordens religiosas, sendo habitual o uso de tal expressão nas cartas para referir-se ao trabalho nas escolas, indicando seu alinhamento de véis mais religioso do que político com o movimento.

Nos treinamentos realizados pelo sistema de Caruaru no início de 1964, durante a exposição do programa “sempre se incluiu uma apreciação espiritual, a cargo de um padre ou do vigário local, tendo ainda contado com a presença do Sr. Bispo Diocesano, como no caso de Gravatá”,³¹⁶ revelando que era comum a presença de um pároco da região nos treinamentos, onde falaria sobre a boa vontade, a importância das obras e do voluntariado.

Chegamos ao início dos nossos trabalhos em benefício do nosso próximo, marchemos com coragem, ajudando nossos irmãos, neste campo de apostolado. Façamos o que o divino mestre disse: quem tiver duas tunicas dê uma a seu irmão. Que túnica será essa? Um pouco do nosso conhecimento, para que como nos sabemos eles saibam também. E, principalmente com relação a religião. Professora, noto que eles precisam de catecismo. Gostaria de saber se a aula de religião ainda continua.³¹⁷

A programação radiofônica, afinal, tinha conteúdos de formação religiosa e as missas, transmitidas aos finais de semana, às vezes em comunidades em que as igrejas permaneciam fechadas por não possuírem um padre. Todos esses elementos reforçam o caráter religioso do MEB nas comunidades:

Quanto a páscoa dos alunos não sei o que faço, há tempos que não há missa por aqui, eles são católicos, mas são pobres, não podem ir confessar-se longe e aqui no Guarani não houve missa jamais, a nossa capelinha vive feixada o que nos fez muito falta. Como seria bom se o MEB realizasse este nosso desejo, pois a nossa situação é triste, tem alunos que há quase dois anos não se confessam. Tão bom se houvesse a menos uma missa por aqui, mas sei não temos esperanças. Sempre todos os domingos quando ouço a missa irradiada os meus olhos enchem-se de lágrimas tal a minha vontade de ouvir pessoalmente, não é por mim que posso assistir noutro lugar, mas pelos alunos que tanto desejam confessar-se. Quando eu li a carta para eles ouvir todos disseram: Melânia mande dizer as supervisoras que dêem um jeito.³¹⁸

³¹⁶ MEB/Sistema Radioeducativo de Caruaru. Relatório de Treinamentos. Caruaru. 1964. Acervo UFF/RJ.

³¹⁷ Carta da monitora Irmã Alzira Ferreira à supervisora Helenita, em 31/03/1964 [Patronato]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(2).

³¹⁸ Carta da monitora Melânia Callon às supervisoras, em 11/05/1964 [Sangue-suga]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(3).

O monitor Venâncio conta das “reuniões nos domingos, de um grande grupo: são várias famílias que assistem à missa com atenção e ordem”³¹⁹; na comunidade de Poço Comprido, onde ficava a escola. A programação especial religiosa era também uma ocasião para os alunos frequentarem a escola radiofônica, quando impedidos na semana por questões de trabalho. Os alunos iam acompanhados de seus conjugues e filhos, estendendo para aquele espaço as relações de parentesco, amizade e compadrio já existentes na comunidade. Nesse aspecto, a programação do MEB permitiu ampliar a influência da Igreja Católica nas comunidades onde não possuíam representantes clericais, convertendo a escola radiofônica num lugar de veiculação de conteúdos religiosos.

A crença no trabalho de alfabetização visto como obra e no engajamento comunitário visto como missão, foi certamente o elemento catalisador da militância junto ao MEB e motivou os monitores a enfrentarem as maiores dificuldades para fazer com que a escola radiofônica não parasse de funcionar. Fazia parte desta missão contribuir para o desenvolvimento dos alunos, auxiliá-los na apropriação do conteúdo radioeducativo, amenizar suas dificuldades de aprendizado, se preciso tomando as lições, ensinando as letras, fazendo os exercícios:

Escrevo para dizer que estou muito satisfeito tanto com a senhora como com a monitora Silvy Cabral pois o ano passado quando entrei na escola não sabia de nada e hoje me acho bem adiantado [...] A monitora orienta nos de modo que entendemos com mais facilidade estamos muito satisfeitos com a monitora pois ela é a professora daqui todos gostam muito dela e é uma criatura de muito paciência.³²⁰

o radio transmite a aula de matemática eu dou a de linguagem sempre trocando entende, e no fim das aulas eu costumo tomar as lições de livros e taboadas, apenas as lições do eu só tomo quando é dada pelo rádio. Estará de acordo?³²¹

Comunico vos então, que dei inicio a escola de Cacimbinha, no dia 1º deste, com uma frequência de 24 alunos, quase tudo analfabetos. Estou lutando com a maior dificuldade, dando o conhecimento das (23) lêtras do alfabeto no quadro.³²²

³¹⁹ Carta do monitor Venâncio às professoras, em 02/07/1964 [Poço Comprido]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(2).

³²⁰ Carta do aluno Amaro José Pereira à supervisora, em 04/10/1963 [Junco]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(1).

³²¹ Carta da monitora marina José dos Santos às supervisoras e professoras do Centro Radiofônico, em 02/10/1963 [Carpina]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(1).

³²² Carta do monitor Clarindo Vieira Matos às supervisoras de Petrolina, em 03/07/1964 [Cacimbinha]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(2).

Gilvaneida estou munto contente, proque vai comessa aula pelo raído eu queria que a senhora vinhece [...] na caza do prado [?] para eu convesa can a senhora pro que a contesse que naquele tempo que o raído não tava funcionano aula eu tava encinano pro mim mesma e os menino ja leras a cartilha todas.³²³

Os meus alunos são pocos mais são sempre animado, já lerem qualquer fraze escrevem todas frases o nome dêles sem ver outro, estão moitos bem satisfeito com as professoras com migo por que eu explico o que êles não compreendem direito.³²⁴

Os monitores que trabalhavam em outras escolas ou já tinham alguma experiência com a docência aplicavam estratégias conhecidas com os alunos para dirimir suas dificuldades que se relacionavam, por um lado, à impossibilidade da frequência e presença durante a transmissão e, por outro, à assimilação dos conteúdos:

a hora de aula dada pelo rádio é pouca, mais meus alunos até o momento estão satisfeitos pois fico com os mesmos até 8 horas. No dia que vocês dão aula de Linguagem, eu dou de Matemática para que eles não reclame.³²⁵

êles desanimaram um pouco por causa das aulas que foi mudado mais eu faço todo esforço e quando só tem uma aula eu dou a outra foi com isto que ficaram mais animados.³²⁶

Nesse aspecto, as monitoras realizavam o papel de professoras, ao ajudar diretamente os alunos nas suas lições e aprendizados e, de animadoras, que os entusiasmava não somente a frequentar, mas a progredir nos estudos. Sua identificação com o trabalho na escola radiofônica fazia com que criassem estratégias diversas para superar as dificuldades. E seu diálogo com o MEB se construía por meio de diversas práticas e atitudes, que podiam ser de aceitação ou de recusa como, por exemplo, nos momentos em remetem suas críticas em relação à qualidade das aulas, cobram das professoras locutoras mais atividades e melhor aproveitamento do tempo de aula.

A compaixão pelo sacrifício dos alunos é outro motivo da sua dedicação:

Tenho ouvido que só pode funcionar com 15 alunos, porem acho que se os 10 alunos tem vontade, e muita bôa vontade de aprender, não pudera a Escola funcionar? Pois só continuo como monitora porque gosto muito dos meus alunos e vejo que eles tem muita

³²³ Carta da monitora Irene Vieira da Silva à equipe do MEB, em 26/07/1964 [Lagoa Nova]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(2).

³²⁴ Carta da monitora Josefa Maria Vicência à Angela Belfor, em 06/09/1963 [Gravatá].

³²⁵ Carta da monitora Teresinha Belermino da Silva à supervisora, em 18/09/1963 [Upatininga]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(2).

³²⁶ Carta da monitora Dione Maria Alves à supervisoras do MEB, em 07/10/1963 [Nossa Senhora do Carmo/ Sítio Palmeira]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(1).

bôa vontade para aprender, portanto espero que seja compreendida. [...] Eles pedem para a professora de Portuguesis, passar a lição de leitura toda pois só 4 frases é muito pouco. Eu também acho pois eles tem muita pratica na leitura da cartilha, o que eles pressizam é de pratica na escrita [...]. O tempo para escrever é pouquissimo. Eles dizem que o tempo da aula é pouco e vocês ficam só com música e não explicam as coisas. Eu acho que estes poucos minutos devem ser bem aproveitados, para recompensa os esforços e sacrificios que eles fazem para virem as aulas [...]. Seria melhor que lecesse a lição toda e explicasse tudo direito, como bem acento e pontuação, que os alunos estão interessados em aprender. [...] Vejo que os alunos não ficam satisfeitos em ficarem lendo só aquelas 4 frases repetindo 10 vezes até feixar a cartilha e fazerem caretas um para os outros, ouvindo aquela muziquinha ensôssa! [...] Aquele tempo todo ela devia dar para eles escreverem, pois quando ela manda escrever que eles pegam no caderno que poem no juelho (pois não tem carteira) antes de fazerem a primeira palavra ela diz (já terminaram?) Sim o Aladim não nos serve para nada, está vazando querosene, aquilo é um abacaxi e afinal é o que tenho topado como monitora, é só abacaxi, já estou de saco cheio, mas um dia ele vaza.³²⁷

Terezinha termina sua carta em tom de desabafo e a intenção de deixar a função. É fato que alguns monitores simplesmente desistiam diante das dificuldades. Os problemas de ordem material, a baixa frequência, o desinteresse dos alunos e questões de ordem pessoal, envolvendo problemas de saúde e familiares, foram motivos que levaram à desistência de muitos monitores.

Venho por meio desta dizer lhes que por motivo de força maior não é possível continuar com o meu cargo de monitora. Pois sinto muito ter que dizer-lhe mais sou forçada a dizer-lhe a verdade. A dias estive doente como voces devem saber, pois a Supervisora passando por aqui eu estava sem ensinar, e o médico acha que devo ter o máximo de repouso se quiser ter saúde, e eu não posso continuar pois já ensino a tarde e tenho bastante luta em casa e sou sozinha em casa não tenho pra onde apelar. E mesmo assim, os alunos não estão muito interessados o interesse aqui só é o meu e por isto acho que não é interessante pra mim ficar com esse cargo com tanto sacrificio pois na hora certa tenho que deixar tudo que possa que não possa e ir para a sala, muitas vezes vem só fazer barulho e nada prestam atenção depois acham que eu devo ficar horas e horas ensinando conta etc. E nem se quer querem cooperar com a compra das pilhas para o rádio que já o outro material eu não falo que deixo por minha conta como seja: gaz, giz e dou também a sala a onde eles estudam, para ver se assim tomam gosto e a escola pudesse continuar mais no entanto, não foi possível. Quando se fala para um diz é quando eu enricar eu dou, outro diz é quando eu puder, e assim vai se passando e nada dão. E a vida e mangarem dos alunos mais atrasados, e eles se desgostam não querem vir mais, e assim são estas confusões todas por isso devo desistir.³²⁸

³²⁷ Carta da monitora Terezinha Neto à Mundica, em 04/05/1964 [Várzea do Mulungu]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(3).

³²⁸ Carta da monitora Albertina Alencar às supervisoras, em 09/07/1964 [Jardim]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(2).

Os monitores manifestavam seus sentimentos de expectativa e frustração tendo em conta as condições materiais adversas de que dispunham para realizar seu trabalho e tornar possível e bem sucedida a atividade na escola radiofônica. Por um lado, havia a responsabilidade assumida diante do MEB e as expectativas em relação ao seu engajamento no movimento, constantemente reforçadas nas aulas e nos treinamentos, por outro, a falta de condições de que dispunham para realizá-las.

Responsabilidade que você não pode passar pra ninguém. Foi você quem veio ao treinamento, foi você o escolhido e você aceitou. Então você aceitou todas as responsabilidades. Mesmo porque uma outra pessoa que não estudou, que não foi treinada para ser monitora, não pode ficar com essa responsabilidade.³²⁹

Por fim, outro fator que levava à desistência dos monitores eram as próprias demandas das aulas, que não conseguiam resolver devido à sua precária formação escolar. Pelos ausência de pontuação, erros de ortografia e separação de sílabas que a monitora apresenta em sua carta, se notam as dificuldades que tinha com o manejo da língua e da escrita, daí sua dificuldade em ajudar os alunos durante as aulas:

Dona Edina eu vou dexa mais e pro isto porque as aulas que a senhora e outra estão dando eu não quase não compreendo di nada que eu não [?] Arimítica não ço passi primeira serí eu estou muito pençativa porque não pasco comsiguir o pai tumar lição com a profescoura Maria dos Prazer ela falou quí eu não tive estudo para este trabalhô não ço para ela qui estudou 5 anos eu estude 2 ela é prodescoura municipal conhese tudo então respasti ci esta serto a sim eu entrego ais coiza todos o rádio esta bom pode ficar para outra ate eu mesmo paço entregar uma monitora que o dela não presta.³³⁰

Outro problema era a dificuldade em conversar ou promover ocasiões de debates com os alunos após as aulas sobre assuntos que, apesar de fazerem parte do conteúdo pedagógico do MEB e aparecerem nos treinamentos e na programação radiofônica e ademais, serem temas da realidade rural, não eram tão fáceis aos monitores:

É uma luta quase inútil a nossa, pois o pouvo [ilegível] ainda não entendeu, *não querem entender, as coisa na realidade*. Quanto as aulas de conhecimento gerais êles não ligam muita atenção; o papel do monitor é quase inútil neste ponto pois as vezes nossa

³²⁹ MEB/Sistema Radioeducativo de Olinda e Recife. Programa do Monitor. 09/03/1963. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 23(1).

³³⁰ Carta da monitora Grimauro Gomes de Andrade à D. Edna, em 08/08/1964 [Sitio Serra/Panelas]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(2).

capacidade é pouca, nosso saber também, para conversar, assuntos tão [ilegível] do comum para eles como seja: sindicato, reforma agrária, etc.³³¹

No relato acima, a monitora expressa de forma bastante clara a dificuldade em criar interesse nos alunos, em debater sobre *as coisas na realidade*, devido à própria deficiência em relação a abordagem dos assuntos apresentados na disciplina de Conhecimentos Gerais. Apesar dos treinamentos e da programação especial formativa, é certo que muitos tinham dificuldade em promover o debate sobre alguns temas com os alunos, principalmente, aqueles relacionados ao conteúdo de Conhecimentos Gerais cujo currículo era mais abrangente e variado.

As múltiplas experiências que configuraram as escolas radiofônicas de Pernambuco deixam claro que, por um lado, o MEB criou um discurso sobre a vida do camponês e delineou os parâmetros pelos quais ela deveria ser transformada. Essa visão, transposta na sua pedagogia radiofônica, determinava que os monitores devessem alfabetizar e politizar seus alunos; porém, nem sempre isso se tornou viável na prática.

Por outro lado, as cartas de monitoras e monitores revelam a criação de estratégias cotidianas para a condução da escola radiofônica diante das condições existentes que, muitas vezes improvisadas, ultrapassaram o que era prescrito e foram decisivas para que a experiência do MEB fosse significativa no que se refere à promoção da alfabetização e do acesso à educação de uma parcela da população brasileira.

Nesse aspecto, os conteúdos epistolares são interessantes porque nos permitem tratar da vida cotidiana das escolas radiofônicas e das pessoas que dela fizeram parte. Foi o trabalho do monitor, na condição de membro da mesma comunidade de seus alunos e conhecedor da realidade rural, que tornaram possível a experiência proposta pelo MEB. Se, por um lado, essas experiências foram capazes de criar ou reforçar as representações relativas ao MEB em sua dimensão religiosa e política de atuação, por outro, nos revelam os momentos de contradição em que a realidade material e cultural do camponês dá significados próprios àquela experiência educacional.

³³¹ Carta da monitora Terezinha Neto às supervisoras, em 04/10/1963 [s.l.]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(1).

O fim de uma experiência de alfabetização

Durante o regime ditatorial o MEB foi o único movimento de educação de base a continuar suas atividades, depois de um breve período de suspensão da sua programação radiofônica, que durou cerca de três meses, de abril de 1964 a meados de julho. Segundo Fávero, essa permanência deveu-se exclusivamente ao fato de se tratar de um movimento conduzido pela Igreja Católica.³³² Para Teixeira, a continuidade da atuação do MEB ao longo do regime ditatorial se deu, mais especificamente, em virtude da interferência de bispos conservadores ligados a CNBB, que propuseram ao governo militar a reestruturação do movimento por meio de sua descentralização em torno das dioceses locais.³³³ Com isso, o grupo pretendeu tomar para si a direção do movimento e amenizar o conteúdo político radical que estava presente no MEB desde a fundação.

Em um texto, dirigido às equipes estaduais e diocesanas do MEB, o arcebispo Dom Avelar presta esclarecimentos sobre uma carta enviada por ele ao Ministro da Educação. Diante da tempestade que, segundo ele, havia desabado sobre o movimento, o arcebispo sugere aos dirigentes leigos três caminhos que o MEB poderia tomar em face do momento político vivido pelo país:

encerrar imediatamente as relações com o Ministério; entrar na faixa da polêmica direta; tomar o caminho do diálogo com a dignidade que convém ao movimento, mas disposto a ceder algo que não importasse em sacrifício da causa e de seus objetivos essenciais.³³⁴

Perante a nova conjuntura política o bispo explicita a impossibilidade de manutenção das propostas iniciais que motivaram a criação do MEB. Caso o movimento rompesse a parceria estabelecida com o Ministério da Educação, perderia sua principal fonte de recursos financeiros, o que, aliás, passou a ser tema recorrente após o golpe devido às discrepâncias entre as verbas orçamentárias destinadas e disponíveis e as efetivamente liberadas. Se optasse pelo embate direto, perderia o direito de continuar exercendo suas atividades e provocaria a intensificação das perseguições por parte do regime a muitos de seus membros e que recaíam também sobre os

³³² FÁVERO, *op. cit.*.

³³³ TEIXEIRA, *op. cit.*.

³³⁴ Carta escrita por Dom Avelar Brandão Vilela. Arcebispo de Teresina. Rio de Janeiro, em 13/jun/1966. Fundo MEB. Acervo CEDIC. Disponível em: <http://www4.pucsp.br/cedic/meb/o-meb/arquivos-pdf/7_reestruturacao-do-meb.pdf>. Acesso em 26 ago. 2016.

supervisores e os monitores que atuavam no trabalho de base, resultando na prisão de integrantes e no fechamento de escolas radiofônicas.³³⁵

Na mesma ocasião em que o arcebispo escreveu sua carta, junho de 1964, aconteceu no Rio de Janeiro uma reunião de coordenadores das equipes estaduais para se discutir um anteprojeto de diretrizes elaborado pelo Monsenhor Tapajós, membro do Conselho Diretivo Nacional (CDN), voltado para a reestruturação do MEB. Também se debateu sobre a possibilidade da continuidade do trabalho diante da situação política do momento e da suspensão temporária das atividades nas escolas radiofônicas:

O MEB é considerado subversivo, no Brasil atual, porque sua ação educativa, por si mesma, leva a uma mudança de mentalidades e de estruturas. O fato de atuar no meio rural, onde o problema social é mais agudo e as situações de desigualdade e miséria maiores, exigindo, por isso mesmo, uma mudança mais radical, é que teve como consequência uma reação: das classes favorecidas; de parte do clero não habituada a ver os leigos assumindo, diretamente, um trabalho de Igreja, nem tampouco os valores do Evangelho encarnados, explicitamente, no campo social; da opinião pública, não preparada anteriormente para receber o tipo de trabalho desenvolvido pelo MEB; que levou a identificar a ação do MEB com a dos comunistas, pelo fato de terem eles desenvolvido um trabalho no meio rural, anteriormente ao Movimento de Educação de Base.[...] A maior ou menor intensidade das perseguições e pressões, havidas nos diferentes Estados, foi ocasionada por diferentes motivos, desde os já citados, até questões de política local.

Diante da situação existente, no momento, no país e dos problemas havidos com o trabalho do MEB, verifica-se que as estruturas continuam como antes, assim como continuam as mesmas a realidade que motivou e exigiu a criação do MEB de atender as necessidades de aspirações do povo.³³⁶

No documento os coordenadores manifestam o desacordo que havia entre o grupo de militantes leigos, contrários à descentralização do MEB nas dioceses, e os setores mais conservadores da Igreja. Os coordenadores se colocavam contra a descentralização e a favor da manutenção da unidade nacional do MEB como condição fundamental para que o movimento continuasse de maneira unificada. Os defensores da reestruturação do MEB, por sua vez, defendiam a descentralização como forma de afastar os dirigentes mais radicais, mas também de redimir qualquer relação que pudesse ser estabelecida entre o MEB e o comunismo.

³³⁵ TEIXEIRA, *op. cit.*

³³⁶ MEB Nacional. Reunião de Coordenadores. Rio de Janeiro, 8 a 15 de junho de 1964, p.5. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 6(2).

No momento que precede o Golpe Civil-Militar, em que a perseguição ao comunismo era a tônica, o MEB chegou a ser identificado como um movimento comunista. Para os coordenadores, essa associação se dava pela natureza do trabalho do MEB, voltado à promoção da mudança de mentalidades e estruturas e, também, pela falta de costume de alguns bispos, e da sociedade em geral, em assumir a ação de leigos como trabalho religioso. O grupo de coordenadores, por um lado, reafirma o caráter temporal do MEB e nega qualquer relação que pudesse ser estabelecida entre o movimento e a atuação dos comunistas, declarando que as perseguições sofridas eram derivadas de questões indiretas. Por outro lado, reafirmam sua intenção de permanecer à frente dos trabalhos do movimento.

Nas comunidades, a identificação do MEB com o comunismo aparece nas cartas de alguns monitores e é possível que essa associação se desse em função das suspensões nas atividades radiofônicas:

Com relação os buatos que o pôvo conversava nós aqui estávamos tranquilo confiando em Deus e na Equipe do MEB que tudo nós explica direitinho depois o Padre Mançoete sempre dando esclarecimento ficamos satisfeito.³³⁷

Quanto aos buatos, saíram muitos. Saiu até que vinham me buscar prêsa mas quanto mais buatos, mais entusiasmo nosso.³³⁸

O outro episódio importante foi o da apreensão, a mando do governador do Estado da Guanabara, Carlos Lacerda, das cartilhas *Viver é lutar*, em uma gráfica do Rio de Janeiro, alguns meses antes do Golpe. Esse acontecimento tornou as cartilhas famosas, pois foram apreendidas como material subversivo (FÁVERO, 2006). Em algumas cartas relata-se que após o acontecido foi dada ordem para que o material didático fosse recolhido em algumas escolas radiofônicas – volumes de 2ª edição que já estavam sendo utilizados por monitores e alunos nas escolas desde o início de 1964.

Eu tenho topada tantas barreiras e buato desta escola, sobre os comonistas, primeiro buato foi o nosso representante daqui de Boa Vista, em deser-me que as cartilhas eram comonista. Minha escola está tendo pouca frequencia por causa destes buatos, mais eu sempre convensendo os alunos e também a comunidade . Apareceu uma conversa que D. Antonio, tenha sido detido e o Padre Mansoete, também por causa da escola que era

³³⁷ Carta do monitor Manoel José Rodrigues à supervisora Helenita, em 01/05/1964 [Jangadinha]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(3).

³³⁸ Carta da monitora Expedita Costa às supervisoras, em 01/05/1964 [Matias]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(3).

comonista e que estas cartilhas iam ser recolhida pelo o exército e os monitores iam ser preso. Nos monitores temos trabalhado há favor desta escola que so quem sabe somos nos, agora esta melhorando mais porque temos esplicado muito de onde nasce esta escola e quem são os dirigentes destes movimentos.³³⁹

Estou anciosa que você apareça aqui, pois temos coisas sérias a tratar, uma moça veio entregar a Escola que está escola era comunista, são estes casos que precisamos conversar com ela e tem outras dizendo que muita gente estão dando conselho para elas deixarem porque este livro falo no camponez é comunista.³⁴⁰

Não estou dando aula desde do dia 18 deste devido aos buato e as cartilhas [...] ajudava a 21 alunos toda noite seguida mas o juiz de direito soube dito talvez pelos boateiros da rua que as cartilhas era comunista e ai fui proibida o radio, cartilhas tudo isso esta na casa paroquial recolhida para serem entregue, portando peço manda Joao buscar o radio com todo material e aqui as minha desculpa.³⁴¹

Esta é para avizar que com ordem do Padre Domingo do Salgueiro as professoras pediu para recolher os livros que são comunista e aqui esta uma notícia que o bispo esta preso, eu estou quase louca tenho mêdo, mais tenho pena de deixar minha escola pois adoro, tenho o maior prazer, os alunos estão satisfeitos mais com esta noticia vão entristecer. Peço que quando receber avize o de devemos fazer pois vou parar até receber avizo, os livros do Salgueiro não foram distribuido pois as professoras e o padre não entregaram dizendo e eram comunista eu já estou como uma pessoa sem juizo pois o povo dizendo e eu não acredito vou parar, hoje mais espero noticias daí. Aqui fico a esperar noticias.³⁴²

Naquele contexto de instabilidade política em que as atividades do MEB foram de alguma maneira impactadas pelo regime ditatorial, a reestruturação proposta pelos conservadores católicos se colocou como a alternativa possível para que o MEB pudesse continuar a desenvolver seu trabalho de educação de base, realizada por meio de acordos que resultariam em processos de acomodação à ditadura. Como tem sido apontado pela historiografia mais recente, a ditadura instaurada naquele momento estabeleceu diferentes níveis de relações com seus opositores que “combinaram diferencialmente o uso da força e as tentativas de legitimação”.³⁴³ Devemos nos lembrar que o regime ditatorial jamais se assumiu como *antidemocrático*, ao contrário, procurou

³³⁹ Carta do monitor Jose Medrado às supervisoras, em abril de 1964 [Cupira]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(3).

³⁴⁰ Carta da monitora Francisca Ramos à Gilvaneta, em 14/04/1964 [Macaparana]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(3).

³⁴¹ Carta da monitora Laiva Olmeido ao Padre Monsueto, em 20/04/1964 [Serrita]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(3).

³⁴² Carta da monitora Aliete Dantas às supervisoras, em 13/04/1964 [Verdejante]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(3).

³⁴³ RIDENTI, 2014, p.30.

legitimar-se junto a setores expressivos da sociedade como mantenedor da ordem ante a ameaça do comunismo, ainda que fosse em nome de uma “democracia relativa”³⁴⁴.

Dentre os setores com os quais o regime estabeleceu espaços de colaboração estava a Igreja Católica, cujo setor mais conservador vira nos acordos com o regime ditatorial a possibilidade de rearranjos políticos na sociedade e também no interior da própria instituição, afinal, a bandeira anticomunista era comum a ambos. De todo modo, como sabemos, o poder ditatorial que se consolidava a partir dessas alianças não abriu mão de perseguir os grupos de oposição com os quais não poderia estabelecer relações de colaboração. Para estes restava somente o uso da força.

Em 1965, a CNBB assume a gestão do MEB após a aprovação, no ano anterior, do documento *Diretrizes* do Monsenhor Tapajós, que promovia a reestruturação do MEB em torno das dioceses locais e alterava alguns pressupostos metodológicos do movimento por meio de adequações em seu discurso pedagógico. Nesse momento, foram afastados os dirigentes leigos ligados as coordenações nacional e estadual oriundos dos grupos mais radicais do catolicismo que haviam se engajado no movimento, trabalhando desde a origem na estruturação dos programas educativos.³⁴⁵

Além disso, a reestruturação também levou ao afastamento de militantes que desenvolviam o trabalho de base junto à população, como era o caso dos muitos monitores que foram alvos da perseguição do regime militar por sua atuação nos movimentos de educação de base e cultura popular e por estarem engajados em outros espaços de ação política como, por exemplo, os sindicatos rurais; fenômeno este que convêm ser aprofundado em estudos futuros.

Outra consequência da reestruturação do MEB é que nos materiais formativos se abandona o tema da conscientização e de mudança da vida no campo, em decorrência de uma integração social e política, e passa-se a definir a educação popular no âmbito da integração cultural dos indivíduos.³⁴⁶ De fato, as cartilhas *Viver é lutar* e *Mutirão*, ambas utilizadas nas escolas radiofônicas de Pernambuco e citadas por monitores e alunos, revelam diferentes tratamentos no que se refere aos temas da vida dos

³⁴⁴ RIDENTI, *op. cit.*

³⁴⁵ TEIXEIRA, *op. cit.*

³⁴⁶ RAPOSO, 1982.

camponeses, do acesso à terra e do trabalho. Há diferenças também quanto ao papel do homem na mudança de sua condição de vida:

Pedro conhece a vida do camponês.
Pedro conhece a luta do operário.
Pedro reconhece o trabalho das mulheres.
Ele vê que muita gente sofre injustiça.
E todos são homens.
São filhos de Deus.
Precisam viver como homens.
Precisam viver como filhos de Deus.³⁴⁷

Pedro voltou esclarecido do treinamento.
Voltou esclarecido de que:
O governo é para todos.
Todo o povo deve participar do governo.
Alguns homens têm de sobra e muitos nada têm.
Alguns ganham demais.
Muitos trabalham e seu trabalho é explorado por outros.
Muita coisa está errada no Brasil.
É preciso mudança completa no Brasil.³⁴⁸

Os trechos acima da cartilha *Viver é lutar* sintetizam informações que vinham sendo apresentadas aos alunos ao longo de lições sobre o trabalho do camponês, do operário, e das mulheres. Na cartilha os textos de cada lição, com perguntas mobilizadoras, eram seguidos de um conteúdo de gramática a partir de palavras geradoras retiradas do texto e, por fim, de exercícios práticos. O material aborda a conscientização, afirma os valores cristãos e o papel do povo como aquele que deve participar da política para promover a mudança completa. Ao longo das lições, seu conteúdo reafirma o imaginário da educação ou do “esclarecimento” como mecanismos inerentes à mudança. Invoca “mudança completa no Brasil”, toca na questão do acesso do povo à democracia e questiona a má distribuição das riquezas de forma crítica sem, contudo, ter uma perspectiva revolucionária.

Na cartilha *Mutirão* os textos reforçam a união e o cooperativismo em torno do trabalho para a melhoria da vida dos camponeses, seguidos de conteúdos gramaticais que eram elaborados a partir de palavras geradoras do texto. Os temas abordam a

³⁴⁷ Cartilha *Viver é lutar: 2º livro de leitura para adultos*. Rio de Janeiro, outubro de 1963, p. 24 [12ª lição]. Fundo MEB, Acervo CEDIC. Disponível em: <http://www4.pucsp.br/cedic/meb/nas-salas-de-aula/arquivos-pdf/2-2-cartilha-viver-lutar.pdf>. Acesso em 27 de ago. 2016.

³⁴⁸ *Idem*, p. 32 [16ª lição].

miséria do povo e o direito à terra, considerando a mudança como fruto da organização e união do povo em ajuda mútua e sequer alude ao dever do Estado de garantir ao povo seus direitos básicos. O nome da cartilha, *Mutirão*, sugere o tom que rege seu pressuposto político de fomentar a associação solidária em benefício do bem comum.

A terra, não produzindo, traz muita pobreza.
Muita pobreza é miséria.
Lutar contra a miséria é dever da comunidade.
Lutar contra a miséria é dever de todos.

Tôda gente tem direito,
porque por Deus foi criado,
de ter posse e uso da terra
para fazer seu roçado.
Se todos pensarem juntos,
um jeito pode ser dado.
Todo povo que se ajuda
vive unido e melhorado.

Usando só a enxada,
sem trato e sem arado,
a safra é muito pequena,
o rendimento é minguado.
Mas quando a comunidade
forma um povo organizado,
a coisa vai indo e muda.
Todo povo que se ajuda
vive unido e melhorado³⁴⁹.

De fato, é notável a diferença entre as duas cartilhas. A primeira parece mais crítica em relação à situação dos camponeses e ao papel do Estado para melhorá-la, apesar de reforçar a relação entre educação e desenvolvimento. Na segunda cartilha, se apresenta uma visão integradora do homem ao meio pela valorização dos princípios da união e da comunhão. A partir desse material se percebe os impactos da reestruturação do MEB a partir de 1965, que levaram às mudanças nos conteúdos didáticos e formativos.

Outro impacto da reestruturação se verificou na perseguição e afastamento de militantes leigos, principalmente os ligados ao trabalho de base que eram responsáveis

³⁴⁹ Cartilha *Mutirão*, 1. Rio de Janeiro, julho de 1965, p.22 e 24 [lição 10]. Fundo MEB. Acervo CEDIC. Disponível em: <http://www4.pucsp.br/cedic/meb/nas-salas-de-aula/arquivos-pdf/2-7-cartilha-mutirao-1.pdf>. Acesso em 27 de ago. 2016.

pela elaboração dos conteúdos e roteiros de aulas radiofônicas, certamente influenciando o encerramento das atividades do MEB em Pernambuco e o fechamento dos sistemas que operavam em outros Estados da região Nordeste a partir de 1966, com a mudança de foco do MEB para a região Norte do país.

A explicação oficial do MEB para o fechamento do sistema de Pernambuco, que começara a diminuir no início de 1966 e deixa de funcionar completamente em dezembro desse mesmo ano, é de que faltavam verbas para garantir a sua continuidade: “O que caracterizou o trabalho do MEB em 1966, [...] foi a crise financeira do período. [...] como consequência, vários Sistemas foram obrigados a encerrar suas atividades, deixando de atender a várias áreas onde realizavam o trabalho educativo”³⁵⁰.

Nesse ponto, interessa destacar que a continuação do MEB, nos moldes em que fora concebido, começava, de qualquer modo, a se mostrar insustentável por todos aqueles motivos que levariam ao seu futuro desmantelamento em Pernambuco. De acordo com a explicação oficial, o processo da crise se deu pelos constantes problemas com as verbas que, no entanto, eram recorrentes desde o início das atividades do MEB.³⁵¹ No encontro de coordenadores em junho de 1964 já se falava sobre o problema da liberação de verbas por parte do governo, que até aquele momento não havia repassado o total do orçamento previsto para 1963. Nos relatórios do MEB, a discrepância entre o valor solicitado e o liberado pelo governo começa a partir desse mesmo ano. Em 1965 o MEB havia recebido CR\$ 800.000,00 dos CR\$ 1.000.000,00 previstos, no ano seguinte, recebeu CR\$ 500.000,00; uma queda de mais de 30% com relação às verbas liberadas no ano anterior.

Para além da explicação oficial, há outros fatores que provavelmente concorreram para o encerramento das atividades em Pernambuco que, em 1965, era o maior sistema do movimento, com 895 escolas radiofônicas, seguido pelo Rio Grande do Norte com cem escolas a menos. Na ocasião, foram reduzidos sistemas em outros Estados; porém, Pernambuco foi o único que teve suas atividades totalmente encerradas.

Pelos relatos dos monitores, vemos que havia no início de 1966 um movimento de radicação de escolas radiofônicas em algumas regiões do Estado. Além disso, em

³⁵⁰ MEB/Relatório preliminar de 1966. [s.d]. [s.l]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 6(2).

³⁵¹ MEB/MEB em cinco anos 1961-1965. 2ª parte. [s.d]. [s.l]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 6(2).

muitas comunidades estava acontecendo não somente a abertura de novas escolas, como também a expectativa pela continuidade das escolas existentes e da mobilização das comunidades no sentido de atender sua demanda por novas escolas:

Sobre as escola nova vai tudo em paz todos os alunos muito animados e os monitores novos estão tudo animado para fazer mebe nas comunidade [...] sobre as novas escolas 5 escola está preparada, 3 monitora e 2 monitor, e vamos organizar outra em Calunhi [...] sexta feira nos estamos na comunidade de Macaparana preparando escola a bem do povo da comunidade. As escola velha esta tudo em ordem a nossa tem 8 alunis da 2a. Sere e Rosinha tambem 9 a 10 alunos [...] sim Severina de Lourde vai encinar em casa, no Engenho êla não pode ir porque fica distante todos alunos combina que êla fique em casa mesmo [...] a escola de Estreito pediu radio para os alunos novo conhece como é escola radiofonica, eu falei o radio de Engracia emprestado e fui levar no Estreito estão tudo animado, e Engracia esta assistindo as aulas na casa de Rosinha porque fica perto êla ajuda Rosinha e Rosinha ajuda Engracia, sim sobre o horário da escola todos os alunos estão satisfeito porque da folga êles chegar do roçado tomar um cafesinho e vir pra aula.³⁵²

Aqui nós estamos pençando em promovê a Escola Sta Terêsinha, logo depoos da semana Santa, se Deus quiser! Enquanto os problemas continuam na luta, com ou sem problemas!³⁵³

Desde do dia 19 de abril, a Escola Santa Terêsinha abrio suas portas, para reassumir suas responsabilidade de trabalho educativo. Temos 15 alunos matriculado. De problemas temos o seguinte: o meb Recife está dando 20 lições tão alta, que aquií na clace bem poicos acompanham. Da escola de Ivonete temos o seguinte: já saio alunos para cá.³⁵⁴

A demanda por escolarização, tendo em vista a carência de escolas nessas regiões, não partia somente da população adulta mas também dos jovens e crianças que não tinham acesso à alfabetização. Essa situação foi relatada, por exemplo, durante as reuniões feitas, nas regiões de Macaparana e Lagoa Nova em 1966, para a radicação de novas escolas e em outras cartas que denunciavam a carência de escolas na região. Essa escassez levou a escola radiofônica a se converter em campo de mobilização da comunidade em torno do acesso a escolarização:

Amigo Oseas é com o maior praser que eu pego na caneta para escrever para você com os meninos que fasem o nosso programa que é de toda comunidade. mas quando eu recordo que as aulas vai terminar é desgosto [...] porque vai terminar com a Educação do campo ai que disgosto para diverços alunos que não pode frequentar uma escola [...] muitos

³⁵² Carta da monitora Josefa Ferreira Albuquerque às supervisoras, em 16/02/1966 [Esquecido]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 4(1).

³⁵³ Carta do monitor Otacílio Gonçalves Bezerra à Equipe, em 03/04/1966 [Vila Santa Luzia]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 4(1).

³⁵⁴ Carta do monitor Otacílio Gonçalves Bezerra à Equipe, em 30/04/1966 [Vila Santa Luzia]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 4(1).

monitores tem desgosto que nem vai mas com tinuar sósinho porque o monitor sem vocês é como um corpo sem cabeça Olhe eu mesmo vou em sinar em minha casa porque divido o trabalho não deicha eu putar os meus filhos na escola sô si for a noitee aula a noite só emsestia a do meb [...] Oseas eu pesso que você reuna os monitores de boa vontade para nos siunir e todos a sinar uma bacha sinada para o ministro da educaçãõ pedindo que estes homens do campo que trabalha de sol a sol com toda familia não pode ficar sem escola e estas só pode tere escola é pelo meb. Sim Oseaas o bispo tambem pode torser pelo homem do campo é muito bom os monitores falar com o bispo eu acho que ele é uma grande autoridade dentro deste movimento.³⁵⁵

O fim abrupto das atividades do MEB estancou um processo que estava em curso nas comunidades atendidas pelas escolas radiofônicas em Pernambuco. Esse processo envolvia tanto a expansão de escolas, quanto a expectativa de continuidade do projeto do MEB e as estratégias dos monitores para que as escolas radiofônicas não parassem de funcionar. Afinal, a adesão espiritual dos monitores contribuiu, entre outras coisas, para que o movimento sobrevivesse ao golpe civil-militar, pois muitos defenderam seu caráter religioso contra os boatos de uma suspeita orientação comunista e mantiveram suas escolas funcionando mesmo durante o período de suspensão.

Os alunos que frequentaram as escolas radiofônicas tiveram atendida sua demanda por escolarização e acesso ao conhecimento que, ainda que fosse sintetizado e fruto de processos ideológicos contraditórios e ambivalentes, possibilitou àqueles alunos mudarem sua relação com o mundo. Viñao Frago fala que um dos modos para se compreender a alfabetização e as mudanças que a escrita trouxe à sociedade moderna é entendendo os usos que os próprios alfabetizados fizeram ou fazem dela,³⁵⁶ tendo em vista as funções e significados que possuía naquele contexto:

É com a maior alegria que eu pego na minha caneta para escrever-lhe estar cartinha. A fim de mandar esta cartinha tratando da escola Radiofônica. A escola Radiofôniva é muito bôa por que eu não sabia di nada i já posso a gora escrever estas linha. [...] E e agora peço que as professôras corijam esta conta. Para verem que esta certa.³⁵⁷

Como vamo de estudo estamos muito bem animado com as aula eas explicações. Eu e minha turma manda muita lembrança para todas as senhoritas e nós vamos conversar sobre as frase de nossas lição. eu pergunto do meu amigo Severino Ramo porque a

³⁵⁵ Carta do monitor Manoel Ferreira a Oseas, em 08/10/1966 [Lagoa]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 4(1).

³⁵⁶ VIÑAO FRAGO, *op. cit.*.

³⁵⁷ Carta do aluno Severino José Roberto às professoras, em 04/04/1966 [Vitória de Santo Antão]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 4(1).

lavoura só com enxada dá pequena produção O arado e o trator ajuda o lavrador a fazer mais plantação.³⁵⁸

O encerramento das atividades do MEB em Pernambuco significou, para monitores e alunos, a interrupção de um processo de aprendizagem em curso, não somente da alfabetização vista em sua correlação com o desenvolvimento ou o progresso do país, mas a partir dos usos que os alunos e os monitores fizeram daquela experiência. Importa, sobretudo, o quanto esses usos, em intercâmbios e manifestações culturais, puderam transformar a vida cotidiana dos alunos por meio da comunicação e dos novos modos de se expressar pelo escrito e pelo lido. Os alunos das escolas radiofônicas colocaram em interação a escrita e a oralidade típica de sua cultura tradicional em registros, como os poemas, cuja produção e circulação legaram um testemunho de seus modos de vida, trabalho e religiosidade.

³⁵⁸ Carta do aluno Manuel Alfredo da Silva à supervisora, em 05/04/1966 [Engenho Massaranduba]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 4(1).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No dia em que comecei a escrever estas linhas, um jornal paulistano publicou em sua edição dominical a seguinte notícia: “Governo Temer suspende programa nacional de combate ao analfabetismo”³⁵⁹. Posso dizer que existem coincidências na vida que em seus contextos não podem ser consideradas boas, mas que para uma historiadora servem para deixar um registro sobre o presente. Defendo essa tese em um momento da história brasileira em que mais uma vez os direitos fundamentais do povo lhe são negados. A suspensão de um programa nacional de alfabetização em um país no qual 8,3% da população acima dos 15 anos não sabe decifrar um bilhete é só mais um dos tristes episódios que a frágil democracia brasileira vive nesse momento. Como essa história será contada pelas próximas gerações é o que menos importa para os brasileiros que mais uma vez são espoliados em seus direitos e que vivem a lastimável experiência de ver o Brasil reafirmar novamente sua herança de desigualdade e exclusão.

Foi desse modo que procurei contar a história do MEB, como um movimento que nasceu e viveu por um Brasil que tem negado historicamente à boa parte de sua população o direito à alfabetização, à terra, à saúde e ao trabalho. Quando do golpe civil-militar de 1964, o Brasil vivia uma conjuntura em que os segmentos das classes populares estavam engajados num programa reformista revolucionário, sintetizado nas reformas de base, que se fosse vitorioso possibilitaria a distribuição da riqueza e do poder em níveis nunca antes vistos na história brasileira.³⁶⁰ Com o golpe, o estancamento desse processo relegou ao Brasil não só à manutenção de suas velhas estruturas de dominação como nos trouxe outros tristes legados, dentre eles o fato de que em nenhuma outra época da história as disparidades regionais se mostraram tão evidentes.³⁶¹

No que se refere à superação do analfabetismo entre a população, as disparidades seguem presentes ainda que os índices gerais tenham diminuído. Em estudo de 2004 se mostrou que as taxas de analfabetismo entre as Regiões brasileiras se acentuaram ao

³⁵⁹ “Governo Temer suspende programa nacional de combate ao analfabetismo”. *Folha de S. Paulo*, 28/08/2016. Disponível em: <http://m.folha.uol.com.br/educacao/2016/08/1807683-governo-temer-suspende-programa-nacional-de-combate-ao-analfabetismo.shtml>. Acesso em: 28/08/2016.

³⁶⁰ REIS, 2014.

³⁶¹ LUNA e KLAIN, 2014.

longo do século XX. Os autores mostraram que, entre os anos de 1870 e 1920, houve grande disparidade entre as Regiões Sudeste, Centro-oeste, Sul, Norte e Nordeste, mas que estas se acentuam sobretudo entre os anos 1960 a 2000, na medida em que avançam a industrialização e a urbanização, principalmente, no Sul e no Sudeste. Em sua análise, mostram que tal agravamento se dá, sobretudo, em prejuízo da região Nordeste e associam a manutenção do latifúndio e a acentuação das desigualdades sociais com o acesso da população brasileira à alfabetização.³⁶²

Ao invés de se chamar a atenção para o papel fundamental que o latifúndio ocupou no subdesenvolvimento brasileiro, o projeto modernizador das elites políticas e econômicas colocou o analfabetismo no lugar de vilão nacional, ao mesmo tempo em que alguns setores da sociedade, sobretudo as camadas médias urbanas, tomavam sua erradicação como a grande esperança para a superação das desigualdades. É nesse contexto que inserimos o trabalho de educação de base realizado pelo MEB em Pernambuco, durante os anos de 1961 a 1966, e a partir do qual tecemos nossas considerações.

A falta de escolas para a população rural, a alta demanda por escolarização e a identificação do acesso à alfabetização com o desenvolvimento foram decisivos para que a experiência do MEB fosse exitosa, tendo em conta as condições materiais que as escolas radiofônicas dispunham para que funcionassem, assim como a possibilidade dos alunos em frequentá-las. Esse sentido que os monitores e os alunos conferiram a alfabetização, aliado aos usos que fizeram dessa experiência, tornou possível transformar a vida cotidiana a partir de seu próprio modo de expressão escrita em suas cartas, poemas, dedicatórias de música, atividades e registros nos cadernos.

Além disso, os alunos e os monitores se apropriaram da educação via rádio, tendo em vista a relação que se estabelecia entre o aprendizado e a cultura, ao mobilizar pela programação radiofônica a cultura popular e ao formar uma comunidade de escreventes a partir da circulação das cartas por meio das quais faziam perguntas e teciam seus comentários sobre a programação do MEB. Nessa dinâmica particular de alfabetização, puderam transitar entre o oral e o escrito, ainda que dentro de uma escala desigual de valores presente numa sociedade em que a língua escrita possui maior *status*.

³⁶² FERRARI e KREIDLOW, 2004.

Para nós, foi a partir dessas experiências que a alfabetização promovida pelo MEB aconteceu, em meio a processos contraditórios e descontínuos, mas que deram ao movimento uma função nas comunidades. O MEB procurou corresponder à demanda por educação por meio de um trabalho de base que promovesse a organização dos camponeses. Para isso, incentivou o engajamento político e religioso dos monitores e alunos, apropriando-se da cultura do camponês para fins políticos. No cotidiano das escolas radiofônicas, eles construíram experiências que a transformaram em um espaço de aprendizagem, produção e circulação da cultura popular. Por meio da programação radiofônica, das aulas, da organização de festas e de reuniões na comunidade, que aconteceram como fruto da dinâmica de funcionamento das escolas, os camponeses deram visibilidade às suas expectativas em relação à alfabetização e revelaram os limites para sua realização.

De todo modo, o próprio engajamento político e religioso apresentou limites, uma vez que em muitas escolas radiofônicas o calendário das aulas foi marcado pelo cotidiano e pela sazonalidade do trabalho. As cartas não deixam de revelar os momentos de contradição em que a realidade da comunidade camponesa e sua condição material se impõem, interferindo sobre a experiência das escolas radiofônicas e dando-lhes uma dinâmica própria. Assim temos, de um lado, a demanda que fez com que as escolas radiofônicas fossem um espaço capaz de mobilizar a comunidade e, de outro lado, as condições de trabalho e de vida que fizeram com que os alunos não pudessem aderir à escola como era esperado pelo MEB e pelos monitores.

Sobre o engajamento dos monitores no MEB e na comunidade, vemos que muitos transferiram seus princípios religiosos para a ação política da alfabetização, pois a entendiam como uma missão necessária do cristão para contribuir com sua comunidade e reestabelecer a justiça social. Os monitores valorizavam o *ethos* do catolicismo, na *boa vontade* que orienta a ação de todo cristão. Em contrapartida, aqueles que não trabalhassem pela sua salvação e pela de seus irmãos não demonstrariam boa vontade em melhorar de vida ou em contribuir para o desenvolvimento do Brasil. O fracasso dos alunos e sua desistência foram vistos por alguns monitores como fruto da ignorância e da má vontade dos alunos para com a escola radiofônica.

Esses princípios religiosos estavam presentes no conteúdo pedagógico do MEB, que se fundamentava num discurso sobre o que seria a vida da população rural e como

deveria se organizar a partir dos valores cristãos da união e da justiça social da Igreja. Essa concepção foi assimilada pelo MEB em sua proposta pedagógica e definiu o modo como os monitores deveriam alfabetizar e politizar seus alunos. Por meio de treinamentos e da programação radiofônica o MEB transmitia os pressupostos da sua ação nas comunidades e prescrevia o método de organização das escolas e da condução das aulas para que seu projeto tivesse êxito. Por outro lado, muitos monitores já atuavam ou tinham experiência como professores e, por meio das suas cartas, mostram como criavam estratégias cotidianas para conduzir a escola radiofônica e transmitir o conteúdo das aulas aos alunos.

Como escreveu Paulo Freire, a educação é uma forma de intervenção no mundo. Interferir no mundo implica tanto a sua reprodução quanto o seu desmascaramento (FREIRE, 2000). No caso dessa experiência em Pernambuco essa intervenção não foi revolucionária, mas teve uma dimensão transformadora e criativa na medida em que incorporou aspectos da cultura dos camponeses e na forma como combinou os elementos da linguagem oral e escrita através das cartas e do rádio.

Todavia, restam perguntas a respeito do MEB da perspectiva dos monitores e dos alunos. O banco de dados de cartas, que foi elaborado para organizar as fontes, fornece caminhos para pesquisas que coloquem em evidência os intercâmbios e as maneiras de expressar a cultura entre aqueles que participaram do MEB, especialmente por meio das suas estratégias de comunicação. Por um lado, há de se levantar novos elementos para a compreensão da relação entre a oralidade e a escrita no processo de alfabetização, por estudos que abordem o papel dessas linguagens no aprendizado e que contribuam para diminuir a visão hierárquica, alimentada em grande medida pela escola moderna, que valoriza a escrita em detrimento da linguagem oral.

Não pudemos nos aprofundar no sentido que os monitores e os alunos atribuíram a modernidade introduzida pela educação via rádio. Porém, percebemos nas cartas um sentimento de que era por meio da programação do MEB que o camponês, que vivia isolado do mundo, era informado. Nesse aspecto, vale investigar com mais profundidade o papel do MEB nesse sentido. Por outro lado, vale a pena compreender melhor como, na dinâmica das escolas radiofônicas, as tradições populares foram apropriadas para se resistir ao ritmo da sociedade moderna de um modo geral, visto que a realidade rural impõe outra relação com o tempo.

O registro epistolar, neste caso, se configurou como fonte fértil para se compreender a alfabetização para além das vantagens políticas e econômicas às quais ela foi historicamente associada. A partir das cartas, pudemos compreender aquela experiência histórica, tendo em vista os usos e os significados que os monitores e os alunos atribuíram ao exercício da escrita em suas relações cotidianas. Os camponeses alfabetizados nas escolas radiofônicas do MEB usaram o registro escrito para contar sobre sua condição de vida, sua religiosidade, sua cultura e as relações de trabalho às quais estavam submetidos. Dessa experiência, existem ainda muitas outras histórias a serem contadas sobre o que foi escrito, lido, ouvido e falado. Esperamos continuar contando-as e dando, desse modo, voz ao povo, às suas denúncias, à sua cultura e à sua memória.

BIBLIOGRAFIA

- ANDRELO, Roseane. “O Rádio a serviço da educação brasileira: uma história de nove décadas.” *Revista HISTEDBR On-line*. Campinas, n° 47, p 139-153, set. 2012.
- ALVES, Kelly Ludkiewicz. “O golpe civil-militar de 1964 e os movimentos de educação de base e cultura popular.” *Revista Espaço Ética: Educação, Gestão e Consumo*. São Paulo, n° 01, p 117-132, jan/abril. 2014.
- BARBOSA, S. F. P. “Códigos, regras e ornamentos nos secretários, manuais e métodos de escrever cartas: a tradição luso-brasileira.” *Veredas*, Santiago de Compostela, 15, p. 79-106, 2011.
- BEISIEGEL, Celso de Rui. *Estado & Educação popular*. Brasília: Liber Livro, 2004.
- BENJAMIN, Walter. *Radio Benjamin*. ROSENTHAL, Lecia [Ed.]. Madrid: Ediciones Akal, 2015.
- BERLINK, Manoel T. *O Centro Popular de Cultura da UNE*. Campinas: Papirus, 1984.
- BURKE(A), Peter. *O que é história cultural*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BURKE(B), Richard C. *El uso de la radio en la Alfabetización de Adultos*. Madrid: Editorial Magisterio Español, 1976.
- CABRAL, Bruna Marques. “A Igreja Católica e os Mecanismos de Atuação no Meio Rural Brasileiro (1955-1964).” *Escritas*, n° 1, p 165-184, 2014.
- CARVALHO, Marta M. Chagas. “Por uma história cultural dos saberes pedagógicos.” In: SOUZA, C. P e CATANI, D (orgs.). *Práticas educativas, culturas escolares, profissão docente*. São Paulo: Escrituras, 1998, p. 31-39.
- CASTILLO GÓMEZ, Antonio e SIERRA BLAS, Verónica (orgs.). *Cinco siglos de cartas. Historia y prácticas epistolares en las épocas moderna y contemporánea*. Huelva: Universidad de Huelva, 2014.
- CASTILLO GÓMEZ, Antonio. “‘El mejor retrato de cada uno’. La materialidad de la escritura epistolar en la sociedad hispana de los siglos XVI y XVII.” *Hispania*, LXV/3, 221, p. 847-876, 2005.
- _____ “Historia de la cultura escrita: ideas para el debate.” *Revista Brasileira de História da Educação*, Maringá: SHBE; v. 3, n° 1[5], p. 93-124, jan/jun. 2003.
- _____ “De la mano al archivo. A guisa de prólogo.” In: A. C. Gómez (coord.). *La conquista del alfabeto. Escritura y clases populares*. Gijón: Trea, 2002.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

- CHARTIER, Roger. “O mundo como representação.” *Estudos Avançados*, 11(5), p. 173-191, 1991.
- CORTEZ, Lucili Grangeiro. *O Drama Barroco dos Exilados do Nordeste*. Fortaleza: Editora UFC; Editora Universitária UFPE; Ed UECE, 2005.
- COSTA, Maria Aída Bezerra; BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A questão política da educação popular*. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- CUNHA, Célio da. *Educação e autoritarismo no Estado Novo*. São Paulo: Editora Cortez/Autores associados, 1981
- FÁVERO, Osmar. *Uma pedagogia da participação popular: análise da prática educativa do MEB – Movimento de Educação de Base (1961/1966)*. Campinas: Autores Associados, 2006.
- _____. (Org). *Cultura popular e educação popular: memória dos anos 60*. Rio de Janeiro. Edições Graal, 1983.
- FERRARI, Alceu. *Igreja e Desenvolvimento: o Movimento de Natal*. Natal: Fundação José Augusto, 1968.
- FERRARO, Alceu e KREIDLOW, Daniel. “Analfabetismo no Brasil: configuração e gênese das desigualdades regionais.” Porto Alegre: *Educação e Realidade*; v. 2, n. 29, p. 179-200, jul/dez 2004.
- FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho e CHAUI, Marilena de Souza. *Ideologia e Mobilização Popular*. Rio de Janeiro: CEDEC/Paz e Terra, 1978.
- FREITAS, Marcos Cezar de. “Economia e educação: a contribuição de Álvaro Vieira Pinto para o estudo histórico da tecnologia.” Maringá: *Revista Brasileira de Educação*; v. 11, n. 31, p. 80-95, jan./abr. 2006.
- GARCÍA ENCABO, Carmelo; JUBERÍAS HERNÁNDEZ, Reyes; MANRIQUE ROMERO, Alberto. *Cartas Muertas: la vida rural en la posguerra*. Valladolid, Ámbito Ediciones, 1996.
- GAVIÃO, Fábio Pires. *A “esquerda católica” e a Ação Popular (AP) na luta pelas reformas sociais (1960-1965)*. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Estadual de Campinas. 2007.
- GOODSON, Ivor F. *Currículo: Teoria e História*. [7ª Ed.]. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.
- GONZALEZ, Jefferson Aníbal. *Cultura, educação popular e transformação social nas formulações do MEB e do CPC (1961-1964)*. Dissertação de Mestrado em Educação, Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas. 2011.

- HOLLANDA, Heloísa B. de e GONÇALVES, Marcos A. *Cultura e participação nos anos 60*. 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- HORTA, José Silvério Baia. *Liberalismo, Tecnocracia e Planejamento Educacional no Brasil*. São Paulo: Editora Autores Associados/Cortez, 1982.
- KADT, Emanuel de. *Católicos Radicais no Brasil*. Brasília: UNESCO, MEC, 2007.
- LUNA, Francisco Vidal e KLEIN, Herbert S. “Mudanças sociais no período militar (1964-1985).” In: REIS, Danião Aarão; RIDENTI, Marcelo, MOTTA, Rodrigo Patto Sá. (Orgs.). *A ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- MARTINI, Renato Ramos. “Os Intelectuais do ISEB, cultura e educação nos anos cinquenta e sessenta. Marília: *Aurora*; ano III, n° 5, p. 59-67, dez. 2009.
- MELUCCI, Alberto. *A Invenção do Presente: Movimentos sociais nas sociedades complexas*. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.
- NAGAMINE, José M. *Universidade e compromisso social: a experiência da reforma da PUC de São Paulo*. São Paulo: EDUC e Editora Autores Associados, 1996.
- NUNES, Clarice e CARVALHO. “Marta Maria Chagas de. Historiografia da Educação e Fontes.” *Cadernos ANPED*, Belo Horizonte, n° 5, 1993.
- PAIVA, Vanilda. *Paulo Freire e o Nacionalismo-Desenvolvimentista*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1980.
- _____. *Educação Popular e Educação de Adultos*. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 1983.
- _____. (Org.) *Perspectivas e Dilemas da Educação Popular*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1986.
- PETRUCCI, Antonio. *La Ciencia de la escritura. Primera lección de paleografía*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2003.
- PINTO. Álvaro, Vieira. *Consciência e realidade nacional*. 1ºvol. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Instituto Superior de Estudos Brasileiros, 1960.
- RAPOSO, Maria da Conceição Brenha. *Movimento de Educação de Base – MEB: discurso e prática (1961-1967)*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Estudos Avançados em Educação da Fundação Getúlio Vargas. 1982.
- RIDENTI, Marcelo. “As oposições à ditadura: resistência e integração.” In: REIS, Danião Aarão; RIDENTI, Marcelo, MOTTA, Rodrigo Patto Sá. (Orgs.). *A ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

- ROMANELLI, Olaíza de Oliveira. *História da Educação no Brasil*. [40ª. Ed]. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- ROMANO, Roberto. *Brasil: Igreja contra Estado. Crítica ao Populismo Católico*. São Paulo: Kairós, 1979.
- SIERRA BLAS, Verónica. *Aprender a escribir cartas: Los manuales epistolares en la España contemporánea (1927-1945)*. Gijón: Ediciones Trea, 2003.
- SCOCUGLIA, Afonso Celso. *Educação Popular: do Sistema Paulo Freire aos IPMs da Ditadura*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB; [São Paulo]: Cortez, Instituto Paulo Freire, 2000.
- SOUZA, Claudia Moraes de. *Pelas ondas do rádio: cultura popular, camponeses e o Movimento de Educação de Base*. Tese de Doutorado, Departamento de História da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. 2006.
- TAVARES, Reynaldo C. *Histórias que o rádio não contou: do galena ao digital, desvendando a radiodifusão no Brasil e no mundo*. São Paulo: Paulus, 2004.
- TEIXEIRA, Wagner da Silva. *Educação em Tempos de Luta: história dos movimentos de educação e cultura popular (1958 – 1964)*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense. 2008.
- THOMPSON, Eduard Palmer. *Os Românticos. A Inglaterra na Era Revolucionária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- _____. *La consciencia de clase: de la formación de la clase obrera en Inglaterra*. In: THOMPSON, Dorothy [Ed.]. Barcelona: Critica, 2002.
- TOLEDO, Caio Navarro de. *ISEB: Fábrica de Ideologias*. São Paulo: Ática, 1977.
- VAZ, Henrique C. de Lima. *Ontologia e História*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1968.
- VERA, Eugenia Roldán. “Los orígenes de la radio educativa en México y Alemania: 1924-1935.” *Revista Mexicana de Investigación Educativa*, v. 14, n° 40, p 13-41, ene-mar. 2009.
- VIÑAO FRAGO, Antonio. “Alfabetización y alfabetizaciones.” In: ESCOLANO, Agustín (org.) *Leer y escribir en España: doscientos años de alfabetización*. Madrid; Salamanca: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 1992.
- WANDERLEY, Luís Eduardo. *Educar para transformar*. Petrópolis: Vozes, 1984.
- WILLIAMS, Raymond. Lólio Lourenço de Oliveira [trad.]. *Cultura*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

Fontes

Relatórios:

MEB/Centro Radiofônico de Educação Rural. Relatório de Treinamento de Monitores. Nazaré da Mata. 1961. Acervo UFF/RJ.

MEB/Recife. 1º Encontro de coordenadores. Recife, dez.1962. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 5.

MEB/Pernambuco. Conclusões do Encontro das Equipes Locais de Pernambuco. junho/1963. Recife. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 6(2).

MEB/Pernambuco. Coordenação Estadual. Recife: 1964. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 5.

MEB/Nacional. I Encontro de Coordenadores. Conclusões II. Rio de Janeiro. [1964]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 5.

MEB/Caruaru. Relatório de Treinamentos 1964. Sistema Radioeducativo de Caruaru. Caruaru, 1964. Acervo UFF/RJ.

MEB/Pernambuco. Relatório dos Treinamentos de Monitores. Garanhuns. 1965. Acervo UFF/RJ.

MEB/Petrolina. Treinamento de animadores populares. s/l. ago. 1965. Acervo UFF/RJ.

MEB/Pernambuco. Relatório anual de 1965. [s.l]. [s.d]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 6(2).

Relatório de reunião ocorrida na casa de Edson Figueiredo Filho, em 12/03/1966, para a abertura de uma escola radiofônica na comunidade [Macaparana]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 4(1).

Relatório de reunião ocorrida na casa de Manoel Alves Marim, em 13/03/1966, para a abertura de uma escola radiofônica na comunidade [Lagoa Grande]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 4(1).

Relatório de reunião ocorrida na casa de Edson Figueiredo Filho, em 12/03/1966, para a abertura de uma escola radiofônica na comunidade [Macaparana]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 4(1).

Relatório de reunião ocorrida na casa de Manoel Alves Marim, em 13/03/1966, para a abertura de uma escola radiofônica na comunidade [Lagoa Grande]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 4(1).

MEB/Relatório preliminar de 1966. [s.d].[s.l]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 6(2).

MEB/Recife. Reunião de Comunidade. s/l. s/d. Acervo UFF/RJ.

MEB/Recife. Relatório do Treinamento de Líderes. s/l, s/d. Acervo UFF/RJ.

Roteiros de Aulas Radiofônicas:

MEB/Sistema Radioeducativo de Olinda e Recife. Programa do Monitor. 09/03/1963. Fundo MEB. Acervo CEDIC, Caixa 23(1).

MEB/Sistema Radioeducativo de Olinda e Recife. Programa do Monitor. 16/03/1963. Fundo MEB. Acervo CEDIC, Caixa 23(1).

MEB/Sistema Radioeducativo de Olinda e Recife. Programa do Monitor. 23/03/1963. Fundo MEB. Acervo CEDIC, Caixa 23(1).

MEB/Sistema Radioeducativo de Olinda e Recife. Programa do Monitor. 14/09/1963. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 23(1).

MEB/Sistema Radioeducativo de Olinda e Recife. Programa do Monitor. 26/10/1963.

MEB/Aula para alunos. 09/06/1965. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 23(1).

MEB/Aula para alunos. 21/06/1965. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 23(1).

Cartilhas:

Viver é lutar: 2º livro de leitura para adultos. Rio de Janeiro, outubro de 1963, p. 24 [12ª lição]. Fundo MEB, Acervo CEDIC.

Mutirão, 1. Rio de Janeiro, julho de 1965, p.22 e 24 [lição 10]. Fundo MEB. Acervo CEDIC.

Documentos diversos:

SIRESE/Seleção e Supervisão de Monitores. Aracaju. 1960. Acervo UFF/RJ.

MEB/MEB em cinco anos 1961-1965. 2ª parte. [s.d].[s.l]. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 6(2).

TERMO ADITIVADO ao convênio celebrado aos 21 de março de 1961 entre o Ministério da Educação e Cultura e a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, para que o MEB execute o programa de educação de base nas áreas subdesenvolvidas, visando ao cumprimento do decreto n.50370 de 17 de julho de 1963. Belo Horizonte, 19/06//1964. 2p. Fundo MEB. Acervo CEDIC.

MEB/Pernambuco. Boletim: setembro de 1963. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 6(2).

MEB/Escolas Radiofônicas. s/d. Fundo MEB. Acervo CEDIC

MEB/O Monitor. Apostila 4. s/d. s/l. p.5. Acervo UFF/RJ.

Organograma/Estrutura da Equipe Local. s/d. s/l. Fundo MEB. Acervo CEDIC.

Carta escrita por Dom Avelar Brandão Vilela. Arcebispo de Teresina. Rio de Janeiro, em 13/jun/1966. Fundo MEB. Acervo CEDIC.

ANEXOS

Cartas

18

Superiores das
das escolas radiopneicas
e do grande estado
que toda a não só
para para escrever esta
carta foi dando muita
noticia que até o fazer
dela fico em completa paz
e que isto é bastante recente com
as aulas das escolas radiopneicas
Pois já me disseste que em fazer esta
carta já escribes por mim
mesmo. Ignorava as escolas
radiopneicas do superintendente
debaixo que trabalha para o bem
da pessoa toda

Superiores das
Superiores das
delegacia de inspeção de 1900
e os outros para a compra do
por uma lista de melhores que
que ele pode fazer o comparez.

Seu pai
Ariston Espingheira dos Santos
Aluno da escola de Passagem

Carta de aluno, [s/d], Passagem. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 2(2)

Prof. 4

Parabéns 26 de Outubro de 1963.

Minha querida Professora meu
Cardeal abraço.

É com muita alegria que eu escrevo esta cartinha
dando minhas matricias e das escolas como é que vai
de Maria é um prazer que eu tenho aqui com esta
escola radiopneica na minha localidade acabou com o
amplamente, lutando por um Brasil mais melhor e
mais certo.

Toda as alunas tem alegria de entrar
a aprendendo, e eu tenho muito mais de que isso, por que
Vou a casa cheia de gente para ouvir o Programa
da minha emissora, e uma alegria que todos nós têm.

De Maria eu não falo só com a escola, luto também com
o sindicato para não sermos com o pessoal, só pelo uma
dificuldade, é porque não tem salário, só não desiste.

De Maria uma coisa que me enchou de alegria, foi uma
falta da escola radiopneica que eu fui em busca de
Professora na casa da municipalidade Maria Celza de Almeida.
Cartão de Voz atendeu os alunos têm reunido na escola
localidade foi uma festinha bem organizada com livro e
natafê e mais outras coisas, eu fui a secretária de Maria
receber mais de 9 mil réis e baraca também tenho esta foto
foi no dia 19 de Outubro de Maria eu vou gostar muito de ver
mais eu gostaria que a minha emissora mais de Vozes Paq. esta
muito obrigado. P. f. Leonides Maria Pontes de Oliveira.

Carta de monitora, 26/10/1963, Patronato. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa .2(3)

povo Santos - Tabira
 Superintendentes
 da Serra
 Desculpe-me.
 Vou contar uma
 anedota:
 Quando eu estava com
 7 anos de idade:
 peguei na corda de um
 tui qui do açude dor
 água.
 Quando vinha de volta
 e fui tomar-me a corda
 e tomei-me o dedo
 mínimo. Fui a contestar
 yiquei com 7 dedos ainda pra ser
 feliz. De posse da Capitã
 não aconteceu. Quanto o
 pobre souzi. Assim o aluno
 Anselmo Rodrigues Santos
 Escola S. João Toco Daulas
 Tabira

Carta de aluno, s/d, Tabira. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 3(1)

Sítio Retiro 14 de Agosto de 1965
 Superintendentes do MEB de Fribolima.
 Bom Dia. Saúde e felicidades é o que
 desejo-lhe a todos. Vejo por interme-
 dio desta mensagem. He a dizer que
 no momento não estou bem de
 Escola. Por caso que o Radio não
 paga a conta de 8 a 9. Logo bem de 6 a
 7. Logo por bondade que faça o
 possível para enviar para as Super-
 intendentes de Floresta umas 15 carti-
 lha da Turma B. O mais importante
 possível que estamos parados. O Radio
 paga bem nos aproveita bem os
 problemas aritméticos. Já escrevi
 e não tive Respostas. Na outra que
 enviei falei no assunto interessante
 que na minha comunidade a plan-
 ta mais agrícola é a mandi-
 ca a mais trabalhamos de acordo
 uns aos outros. E não temos estas
 dificuldades. Se não pagamos tra-
 balhadores faremos somente as
 despesas necessarias as baías para
 as desmarchas. Mande os livros
 uns 15 como falei para ser entre-
 que a Turma do MEB em Floresta
 e me avise. Alguns avisei para
 mim pois na Escola de 6 a 7 que
 pago legal. Os alunos estão ansiosos
 Logo que coloque 2 gravações para
 mim em Fribolima para a vez pela
 paisagem natalicia de um ani-
 versario que sera no proximo dia
 25 do corrente oferta de aniversário
 a a Tarcia Sialka minha madri-
 nha. Sera o afilhado yoaguim com
 a mãe Eugenia afilhada Tilda e de os
 parentes e amigos. Sera as gravações
 feito de amor e com carinho. Me
 avise quanto custa urgente. Logo per-
 miteis Recomendacoes com abraços
 a Turma do MEB de Fribolima. De-
 pois Subscendo-me.
 Luiza de Souza Franca (monitôra)

Carta de monitora, 14/08/1964, Sítio Retiro. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 4(1)

Quadro 2: Funções das equipes locais

<p><i>Orientar:</i></p> <p>O trabalho nas escolas radiofônicas e os monitores</p>	<ul style="list-style-type: none"> – Através de visitas de supervisão visando observar o andamento das Escolas Radiofônicas, e avaliar e planejar os trabalhos a realizar. – Os monitores, por ocasião das visitas, ou através de correspondência, no sentido de obter maior seu rendimento no trabalho.
<p><i>Coordenar:</i></p> <p>Mantendo ligação entre a equipe estadual e as escolas radiofônicas.</p> <p>O orçamento para as atividades.</p>	<ul style="list-style-type: none"> – Mantendo ligação constante com a Equipe Estadual de Execução através de correspondências, relatórios, visitas e troca de material. – Fazendo o orçamento local de acordo com a Equipe Estadual de Execução e o presidente local do MEB, financiando o trabalho dos sistemas radioeducativo, com base no orçamento previsto, realizando prestações de contas trimestral. – Mantendo entrosamento com o MEB – no plano Nacional e Estadual e com as instituições que, por qualquer modo, possam atuar em conjunto com o movimento numa mesma área.
<p><i>Planejar:</i></p> <p>O trabalho com as equipes estaduais, com os monitores e com a própria equipe local</p> <p>A expansão dos sistemas</p>	<ul style="list-style-type: none"> – O desenvolvimento anual dos trabalhos a serem executados atendendo as observações e solicitações dos monitores e as possibilidades reais da área. – As possibilidades de expansão do sistema Radioeducativo, assegurando o bom funcionamento do mesmo. – A atuação da própria Equipe Local, observando as responsabilidades da mesma, a distribuição de encargos e o trabalho a ser realizado em conjunto. – Realizando anualmente treinamento para monitores bem como encontros e reuniões, com a finalidade de atualizar e avaliar o planejamento dos trabalhos.
<p><i>Treinar:</i></p> <p>A equipe local, os monitores e os novos elementos que se incorporam ao MEB</p>	<ul style="list-style-type: none"> – Cuidando do aperfeiçoamento contínuo da própria Equipe Local. – Preparando os novos elementos que deverão integrar a Equipe Local. – Os monitores, solicitando quando necessário, a colaboração da Equipe Estadual.
<p><i>Avaliar:</i></p> <p>O rendimento dos trabalhos executados a atuação dos monitores e o trabalho das escolas</p>	<ul style="list-style-type: none"> – Através de reuniões mensais da Equipe Local faz com o pessoal e o Presidente local, os trabalhos do Sistema cujos resultados ficarão demonstrados em relatório, remetendo a cópia do mesmo à Equipe Estadual de Execução. – Através das visitas de supervisão as Escolas Radiofônicas num intervalo regular de um mês. – Através de dados recebidos mensalmente das Escolas (folhas de frequência), bem como da correspondência e dos dados documentados nas visitas dos monitores.

Fonte: MEB/Escolas Radiofônicas. s/d. Fundo MEB. Acervo CEDIC

Quadro 5: Programas do Monitor

Data	Abertura	Conteúdo	Parte final
09/03/1963	<p>Papel do monitor na luta pela mudança no ensino;</p> <p>Importância do homem do campo;</p> <p>Escola radiofônica pensada para atender as necessidades do camponês e o monitor é a chave desse processo;</p>	<p><i>Aritmética:</i> monitor deve motivar o aluno sobre a aprendizagem desse conteúdo; motivar aqueles que estão mais adiantados a ajudar os demais; ajudar os alunos depois das aulas; escrever opinando sobre as aulas;</p> <p><i>Conhecimentos Gerais:</i> monitores têm conseguido fazer uma conversa com os alunos depois das aulas? Pedem que opinem sobre as aulas e as sequências das mesmas e sobre a abordagem dos temas;</p>	Resposta às correspondências
16/03/1963		<p><i>Linguagem:</i> histórico sobre os diversos métodos de ensinar a ler; aula de linguagem além de ensinar a ler deve incentivar o gosto pela leitura e incentivar o debate em torno daquilo que foi lido pelo aluno;</p> <p><i>Aritmética:</i> pedindo manifestações dos monitores sobre como estão as aulas, suas dúvidas e o que gostaria que fosse transmitido; se o tempo de intervalo para a realização das atividades está suficiente; observar se os alunos sabem escrever os números e insistir para que montem as contas; conversar com os alunos mais adiantados sobre a importância de ajudar os mais atrasados e de retomar os conteúdos pois se têm escolas que já viram há outras que ainda não, reforçando com os alunos que em um grupo todos devem caminhar juntos;</p> <p><i>Conhecimentos gerais:</i> educação política e introdução de temas trabalhados na semana seguinte; quais são os objetivos das aulas; falar da importância do voto e os tipos de voto: cabresto e gratidão;</p>	Resposta às correspondências
23/03/1963	<p>Recorda a importância e a responsabilidade do monitor;</p> <p>Representa o professor na classe, pois, explica aos alunos aquilo que é transmitido nas aulas;</p> <p>Indispensável para os alunos e para o MEB;</p> <p>Responsabilidade que foi assumida como monitor não pode ser transferida a outro;</p>	<p><i>Aritmética:</i> monitores enviem sobre os conteúdos que gostariam de aprender mais para o programa da semana seguinte com conteúdos mais adiantados de aritmética; importância das contas por fazerem parte da vida de todos;</p> <p><i>Conhecimentos gerais:</i> tema da semana voto do analfabeto e a importância do camponês eleger o camponês;</p>	Resposta às correspondências: cartas como veículo por meio do qual o MEB pode conversar com as escolas, diante das dificuldades de visitar todas pessoalmente; importância da animação de todos em função da erradicação do analfabetismo;

14/09/1963	<p>Dificuldades do trabalho do monitor que os desanimam;</p> <p>Realização de um “Dia de Estudo” para o monitor com a presença de supervisores nos municípios próximos a escola para debater sobre os problemas das escolas radiofônicas;</p>	<p>“<i>Momentos de Aritmética</i>”: continuação da aula anterior sobre contas de somar com a apresentação de técnicas para saber se o resultado da conta está correto;</p> <p>“<i>Você e as aulas de Linguagem</i>”: o que significa saber ler; monitor deve se preocupar em que o aluno preste atenção na aula transmitida pelo rádio; repetir mais de uma vez o que foi lido ou ensinado para que o aluno memorize; incentivar os alunos que têm dificuldades, fazendo elogios e reforçando sua capacidade de aprender; garantir que os alunos não copiem frases ou palavras das quais não saiba o significado;</p> <p><i>Conhecimentos Gerais</i>: explica aos monitores porque as terças e quintas-feiras é transmitido o programa de música com o “Seu” Pedro, cantor de improviso que canta a vida do sertanejo da forma que ele sente e vê, em seus versos está a história de seu povo e a cultura popular;</p>	Leitura das cartas e avisos
28/09/1963		<p>“<i>Você e as aulas de Linguagem</i>”: deixar ao monitor um tempo reservado das aulas para que fala o exercício que achar melhor com os alunos orientando-os que repitam exercícios nos quais os alunos tiveram dificuldades; instruções sobre como o monitor deve proceder para escrever no quadro (tipo de letra mais adequada; uso de maiúsculas no início das frases e pontuação no final); nas aulas de leitura ler devagar e garantir que o aluno esteja acompanhando; importância de olhar os cadernos dos alunos mostrando a eles em que erraram; fazer a conferência dos deveres deixando que os alunos confirmem e corrijam seus erros; importância da ajuda aos alunos e por isso, monitor não deve se distrair durante as aulas;</p> <p>“<i>Momentos de Aritmética</i>”: apresentação de um problema de subtração a partir da operação de soma apresentada na aula anterior;</p>	Leitura das cartas e avisos
05/10/1963	<p>Sobre o Concílio Ecumênico em Roma e o desejo do Papa Paulo VI de que os homens de boa vontade se unam para lutar contra as misérias do mundo;</p>	<p>“<i>Você e as aulas de Linguagem</i>”: deixar que os alunos respondam as perguntas feitas para que eles procurem pensar para responder; ditado de frases para os monitores;</p> <p>Parte musical com Gilvan Chaves e biografia do artista;</p> <p>“<i>Momentos de Aritmética</i>”: problema de subtração;</p>	Leitura das cartas e avisos

		<p>como montar uma conta de subtração e como tirar a prova para saber se o resultado está correto;</p> <p><i>“Conhecimentos Gerais”</i>: monitor deve falar com os alunos sobre a importância das aulas para aqueles que lutam; não deixar que os alunos escrevam ou leiam durante as aulas para que possam escutar com atenção;</p>	
19/10/1963	<p>-Sobre a visita dos supervisores para ajudar o monitor em seu trabalho, observar as condições da escola radiofônica e não para fiscalizar; monitor deve se comportar como se o supervisor não estivesse presente e tampouco não deve preparar a escola para recebê-lo, por isso, as visitas de supervisão não são avisadas com antecedência; tirar suas dúvidas após terminada a aula e deixar os alunos a vontade para manifestar sua opinião com relação as aulas e a escola radiofônica;</p>	<p><i>“Você e as aulas de Linguagem”</i>: monitor deve ajudar os alunos com a leitura; deve pedir para que eles leiam olhando para a palavra ou frase e só seguir adiante quando ele conseguir ler corretamente; fazer a leitura devagar e garantir que todos os alunos estejam acompanhando juntos; se o aluno estiver conversando ou fazendo outra atividade o monitor deve chamar sua atenção delicadamente para que se acompanhe a leitura junto com o grupo e ouça a aula; monitor não deve se dedicar a outra atividade durante a transmissão da aula e deve prestar atenção do que o professor esta falando, dando o exemplo para que todos permaneçam unidos nesse momento; outro conselho é separar a turma A da turma B durante a transmissão e pedir a ajuda de alunos da turma B que possam ajudar os alunos da turma A; colocar o rádio próximo ao quadro-negro para que possa ouvir as orientações da professora, deixar o quadro em um local com boa iluminação para que os alunos possam enxergar; aproveitar o máximo do espaço do quadro na hora de escrever;</p> <p><i>“Momentos de Aritmética”</i>: problema de multiplicação;</p>	Leitura das cartas e avisos
26/10/1963	<p>-Sobre o rádio características e cuidados que o monitor deve ter para que o rádio não estrague: evitar quedas e pancadas, pilhas velhas, e abri-lo para consertar; instruções sobre como colocar a pilha de forma correta e pedir sempre instruções do supervisor caso tenha algum problema, jamais tentar consertar o rádio sozinho;</p>	<p><i>“Conhecimentos Gerais”</i>: comunica a alteração na transmissão das aulas de conhecimentos gerais suspensas para ter mais tempo de aulas de aritmética e linguagem devido à proximidade do final do ano; sobre os motes lidos no programa do Sr. Pedro, transmitido as terças e quintas somente serão lidos aqueles que tiverem alguma relação com o tema da semana; alunos devem esforçar-se em enviar motes que estejam “dentro do assunto das aulas”.</p>	<p>Aviso: comunica a suspensão dos <i>“Dias de Estudos”</i> por falta de verbas</p> <p>Leitura das cartas;</p> <p>Música com o cantor Noite Ilustrada</p>

Fonte: Programas do Monitor. 1963. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 23(1).

Quadro 6: Aula para Alunos

Data	Linguagem	Aritmética	P. Humana
09/06/1965	Formação de palavras com famílias da palavra geradora: [Lembrete da professora locutora: chamada dos alunos e registro na folha de frequência] Famílias: TIJOLO/ROÇADO/CHUVA Palavra ‘família’ FA FE FI FO FU Atividades: escrever no caderno; perguntas; formação de palavras	Soma e Subtração: Palavra ‘medida’ Operações de subtração e soma a partir das contas feitas pelo “Seu” José	Medidas de Trabalho: Apresentado com o conteúdo de Aritmética Quantidade de braças limpas por “Seu” José e o valor recebido por seu trabalho. Como ele aprendeu a fazer as contas pode saber quanto de seu trabalho não estava sendo pago e por isso não foi enganado.
21/06/1965	Apresentação da palavra REZA: Nova família – palavra REZA Formar oralmente: REZA – REI – REIZADO Formar outras palavras – monitor escreve no quadro Alunos – formar palavras sozinhos e escrever no caderno	Soma e Subtração: Palavra: VAZIO – “Seu” Amaro e suas seis crianças com o estomago vazio Operação matemática – horas de trabalho de “Seu” Amaro e do “Seu” José	Jornada de Trabalho: Apresentado com o conteúdo de Aritmética Quantas horas “Seu” José trabalha a mais do que deveria Seu José recebe um baixo salário que não dá para o sustento de sua família, por isso, as coisas precisam mudar.

Fonte: Aulas para alunos. 1965. Fundo MEB. Acervo CEDIC, caixa 23(1).